

MARIA LUIZA DE LIMA VITULE

AGRICULTURA E GLOBALIZAÇÃO

Tese de Doutorado apresentada  
ao Departamento de Ciências  
Sociais do Instituto de Filosofia  
e Ciências Humanas da  
Universidade Estadual de  
Campinas, sob a orientação do  
Prof. Dr. Octavio Ianni.

Este exemplar corresponde à  
redação final da tese defendida e  
aprovada pela Comissão  
Julgadora em  
05/11/1996.

Banca:

Prof. Dr. Octávio Ianni

Prof. Dra. Élide Ruggi Bastos

Prof. Dr. Renato José Pinto Ortiz

Prof. Dr. José Eli da Veiga

Prof. Dr. Sérgio Luiz Monteiro Salles Filho

novembro/1996

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	F/Unicamp
	V836a
V.	Ex
TOMBO BC/	22903
PROC.	281199
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	15/01/97
N.º CPD	

CM-00097478-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

V836a

Vitule, Maria Luiza de Lima \*  
Agricultura e Globalização / Maria Luiza de Lima  
Vitule . - - Campinas, SP: [s.n.], 1996.

Orientador: Octavio Ianni. \* 1005-  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Cam-  
pinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Agricultura.\* 2. Alimentos.\* 3. Globalização.\*  
4. Empresas multinacionais.\* 5. Agroindústria.\* I.  
Ianni, Octavio, 1926 - II. Universidade Estadual de  
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.  
III. Título.

Para meus pais  
testemunhos de um tempo

Para minhas filhas  
no devir de outros tempos

## **Agradecimentos**

O mundo em que vivemos é objeto de transformações velozes e intensas que atingem indivíduos e coletividades. Esta pesquisa é o produto das muitas interrogações, postas pela própria realidade, pela vida em movimento. É difícil ser sociólogo do nosso tempo. Equacionadas algumas questões, apresentam-se outras que nos remetem a outros pontos de partida e novamente a novas perguntas. Refletir sobre o hoje significa aceitar o desafio de compreender a realidade no processo de sua construção. O Programa de Doutorado em Ciências Sociais desta Universidade, a partir de seu variado leque de disciplinas, possibilitou-me o contato com referenciais de análise importantes e plurais para pensar este mundo. Foi bom ter voltado às origens de minha formação acadêmica. O encontro e o reencontro com os professores estabeleceu um novo diálogo, realizado agora em um outro patamar. Agradeço a todos que participaram de minha formação. Agradeço de forma especial aos que contribuíram mais de perto para a realização deste trabalho. Particularmente ao professor Octavio Ianni, orientador da pesquisa, por seu estímulo e interesse sempre renovados, que tornou possível transformar muitas inquietações em tema de investigação. Sinto-me privilegiada por ter podido usufruir de seus conhecimentos, na condição de orientanda e de aluna de seus cursos, para compreender um pouco desse mundo que se transforma novamente. Agradeço ao professor Renato Ortiz, pois as exposições e debates realizados em suas aulas, possibilitaram um novo olhar do meu objeto de investigação: um olhar "desterritorializado". Aos professores dos cursos de minha área temática, Agricultura e Questão Agrária, especialmente à professora Teresa Salles, com quem pude dialogar e aprender muito sobre as raízes rurais na constituição da nação brasileira. Agradeço aos professores do Instituto de Geociências, Sergio Monteiro Salles Filho e Rui Albuquerque, pelo diálogo sempre estimulante e pelas sugestões bibliográficas. Quero agradecer também às professoras que participaram de minha qualificação, Elide Rugai Bastos e Maria de Nazareth Baudel Wanderley, pelas intervenções conseqüentes e valiosas sugestões.

Agradeço aos meus colegas de cursos, com quem compartilhei o privilégio da condição de estudante nesta instituição. Aos funcionários da secretaria de Pós-Graduação do Programa, pela delicadeza, paciência e dedicação no atendimento aos alunos. Aos pesquisadores do PENSA - Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial da Universidade de São Paulo - onde me foi possível encontrar diversos estudos de caso por eles pesquisados. Agradeço ao amigo querido Ricardo Candotti Avilez de Basto, pelo

suporte técnico na utilização de uma máquina até então para mim muito distante: o computador. À Dra. Tânia Rodrigues, nutricionista da Universidade Federal Paulista, que me permitiu o acesso a informações de sua área. O interesse e a disponibilidade de Horácio del Nero Rocha e Carlos A. Sieber, respectivamente Diretor Comercial e Diretor de Operações da Quaker Brasil Ltda. possibilitaram-me, pelas valiosas informações e fornecimento de dados e publicações sobre a Quaker Oats Company, torná-la um dos estudos de caso nesta pesquisa. As informações mais sistematizadas a respeito da Unilever, o segundo estudo de caso, foram possíveis graças à experiência de André Luiz Rheiboldt, na corporação no Brasil e no mundo, bem como ao material por ele fornecido. Werner Mitereger, Renato Cantarelli e Ronald Rodrigues, da Divisão de Alimentos da Gessy Lever, facilitaram o acesso e forneceram informações que permitiram mapear parte do processo de integração do agricultor à agroindústria. A todos sou muito grata.

## AGRICULTURA E GLOBALIZAÇÃO

<b>I - A Agricultura Moderna</b> .....	<b>6</b>
<b>II - Os Campos estão Vazios</b> .....	<b>22</b>
<b>1. As Corporações Transnacionais: gestão de um modelo alimentar mundial</b> .....	<b>26</b>
<b>2. A Agroindústria Alimentar</b> .....	<b>44</b>
<b>III - A Modernização da Agricultura Brasileira</b> .....	<b>65</b>
<b>1. A Região, a Nação e o Mundo</b> .....	<b>66</b>
<b>2. Da Lavoura ao <i>Fast Food</i></b> .....	<b>84</b>
<b>IV - O Alimento na Fábrica Global</b> .....	<b>103</b>
<b>1. Quaker</b> .....	<b>107</b>
<b>2. Unilever</b> .....	<b>118</b>
<b>V - A Agricultura Globalizada</b> .....	<b>137</b>
<b>Bibliografia</b> .....	<b>147</b>

## I - A Agricultura Moderna

*No pensamento político e social, é preciso que vejamos sempre as idéias de cada época como respostas a certas crises e a estímulos procedentes das grandes mudanças da ordem social.*<sup>1</sup>

O mundo contemporâneo é palco de transformações substantivas que modificam a quantidade e a qualidade das relações societárias de forma rápida e intensa. O período posterior à Segunda Guerra Mundial pode ser pensado como representativo de um momento novo na escala da organização das relações capitalistas de produção: é quando se inicia um movimento de aceleração, intensificação e generalização do capitalismo através do mundo. Os mercados se mundializam, o capital e a força de trabalho parecem não terem mais pátria, ocorrem inovações significativas nos processos e na organização do trabalho e as novas tecnologias possibilitam o desdobramento do capitalismo no espaço mundial. Está se constituindo uma realidade nova que pode ser pensada como um novo patamar de desenvolvimento do capitalismo, onde potencialidades e contradições também novas se formam e se desenvolvem. O mundo é o cenário destas transformações notáveis, fato que deixa os indivíduos e a coletividade perplexos. À sociologia contemporânea cabe, pelo menos, uma inquietação: a de exercitar a perplexidade diante deste mundo que se transforma novamente. Quando nos propomos a tarefa de sermos sociólogos do nosso tempo, é *necessário exercitar a perplexidade sem a sofrer*,<sup>2</sup> obviamente, dentro de limites humanamente possíveis.

Está se formando a *sociedade global*,<sup>3</sup> em que parece predominar a tendência da concentração e do controle do capital por parte de grandes grupos ou setores produtivos, combinados à dispersão da produção nas mais diversas regiões do planeta. Esse processo em

---

<sup>1</sup> Robert Nisbet, **La Formación del Pensamiento Sociológico**, Buenos Aires, Amorrortu, 1990, p.22.

<sup>2</sup> De acordo com Boaventura de Souza Santos, **Pela Mão de Alice**. São Paulo, Cortez, 1995.

<sup>3</sup> De acordo com Octavio Ianni, *As sociedades contemporâneas, a despeito das suas diversidades e tensões internas e externas, estão articuladas numa sociedade global no sentido de que compreende relações, processos e estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, ainda que operando de modo desigual e contraditório*. **A Sociedade Global**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992, p.39. Nesse sentido, a categoria analítica vai se construindo a partir da reflexão da dinâmica social. Tanto o conceito quanto a realidade sobre a qual se pauta estão ainda em construção.

curso, chamado por muitos de *globalização*,<sup>4</sup> transforma a economia, a sociedade, a política, a cultura e o indivíduo.

A globalização da sociedade, processo notadamente econômico, é também um processo social, político e cultural. Esse processo envolve as nações, as classes, os grupos e os indivíduos e, assim sendo, envolve contradições, desigualdades e conflitos, como também novas formas de poder e de dominação. Projetos econômicos, sociais, políticos e culturais têm como referência a sociedade mundial. O nacional é internacional e o internacional é também nacional. Esta é a dinâmica da sociedade global, a dinâmica da interdependência, da integração, mas ao mesmo tempo das diversidades, desigualdades e contradições. Neste contexto, as regiões, as nações e as localidades apresentam-se como singularidades diversas, formadas a partir de experiências historicamente demarcadas, ocupando portanto, posições diferentes na combinação do todo. A sociedade global articula regiões, nações e localidades a partir de condicionantes históricos que as possibilitem participar, de alguma forma, do processo de concentração e de centralização do capital em termos de mundo.

O capitalismo é um modo de produção mundial. Pode-se pensar que, neste momento da história, está se realizando sua configuração mais madura, seu período de produção, troca e consumo mais intenso, no qual operam cadeias e redes que ligam globalmente os processos produtivos, de distribuição e de consumo. Por todos os lados encontramos mercados nos quais essas cadeias operam, no norte e no sul, no oriente e no ocidente, no centro e na periferia, na cidade e no campo. Não há território neutro, a cadeia global de produção, troca e consumo se faz presente em todas as partes do mundo. A circulação das mercadorias assegura a vitalidade da sociedade global, que se expande através das redes. A economia de mercado capitalista se impõe como relação social global, tornando-se a forma de sociabilidade principal. As nações integram-se através da participação no mercado global. Participação desigual, hierarquizada, de acordo com os nexos desse mercado, setorializado, especializado, sofisticado. O movimento da sociedade, traçado pelo capital, parece adquirir maior extensão e grande velocidade. A seleção dos atores sociais na produção dessa sociabilidade global, quer sejam eles protagonistas, coadjuvantes ou marginais, diz respeito às suas posições relativas no interior do processo. Verificam-se portanto, combinações de

---

<sup>4</sup> De acordo com François Chesnais, o termo *globalização* começou a ser utilizado no começo dos anos oitentas, nos cursos de gestão empresarial - *business management schools* - das universidades americanas. O termo ganhou expressão mundial a partir de sua utilização pela imprensa especializada em economia e finanças da Grã-Bretanha. François Chesnais, *La Mondialization du Capital*, Syros, p.14.

interesses convergentes e contrários. É preciso levar em conta essa diversidade. Mas, de qualquer forma, é fato que múltiplas dimensões da vida social são agora traçadas globalmente. Verifica-se uma *interconexão generalizada*<sup>5</sup> entre os vários países do globo, a partir de setores econômicos, instituições, empresas, modos de vida, formas de trabalho e assim por diante. As relações que se travam tendo como horizonte o próprio planeta não ocorrem de modo uniforme, pois, em cada lugar, desenvolvem-se expressões particulares de um movimento maior, que diz respeito às relações e processos sociais que se estruturam nesse novo patamar de desenvolvimento do capitalismo.

A reorganização do capitalismo em escala mundial torna-se possível a partir de inovações tecnológicas espetaculares e fundamentais: comunicação, informática, robótica e biotecnologia. O satélite e o computador encurtam as distâncias, imprimindo uma velocidade na veiculação de informações nunca antes imaginada e que, por isso mesmo, possibilitam o controle centralizado de operações e de estratégias produtivas, financeiras, comerciais, mercadológicas, organizacionais e institucionais. A microeletrônica permite também a automação dos processos produtivos, fato que possibilita a adaptação da força de trabalho às regras de produção e de mercado e, conseqüentemente, possibilita também a sua redução, quando altera a qualidade de sua composição. *Para compreendermos as conseqüências disto é só lembrar que basta um microprocessador numa máquina de costura Singer para substituir 350 peças eletromecânicas.*<sup>6</sup> Por fim, a biotecnologia possibilita a substituição de matérias primas tradicionais por materiais *de laboratório*, fato que pode desencadear uma mudança na qualidade dos processos de produção, de distribuição e de consumo. Está em curso uma nova divisão internacional do trabalho. A possibilidade de sua configuração diz respeito ao desenvolvimento técnico-científico, mas sua real efetivação diz respeito à adoção das novas técnicas pela sociedade, pois *não são as técnicas que conduzem o mundo. Elas não são revolucionárias, a não ser que a sociedade esteja disposta a acolhê-las.*<sup>7</sup>

No mundo moderno, redes comerciais ligam populações e países. O mundo global agrega novas dimensões às redes de comércio, interconectando populações, regiões e países a partir de patamares tecnológicos, organizacionais, legais e outros, em que as relações internacionais se redefinem a partir de uma interação complexa, coordenada pelo sistema

---

<sup>5</sup> Expressão usada por Jean Chesneaux em seu livro **Modernidade-Mundo**, Petrópolis, Vozes, 1995.

<sup>6</sup> De acordo com Pino Ferraris, **Desafio Tecnológico e Inovação Social: sistema econômico, condições de vida e de trabalho**, Petrópolis, Vozes/IBASE, 1990, p.29.

<sup>7</sup> Jean Chesneaux, **Modernidade-Mundo**, Petrópolis, Vozes, 1995, p.117.

econômico global. Os conglomerados transnacionais, de uma maneira geral, podem ser pensados como a expressão da internacionalização do capital, como o emblema através do qual, o sistema produtivo se generaliza pelo mundo. Empresas multinacionais operam a partir de projetos e estratégias que lhes são próprios e em escala mundial, desenhando, assim, o mapa do mundo de acordo com seus interesses, que podem ou não coincidir com os interesses dos governos nacionais. As economias nacionais vêm sendo levadas a aprofundar e a agilizar as relações com o mercado mundial. Associações, fusões e articulações variadas integram produtos, fábricas, pessoas e idéias. O que se verifica como tendência é a globalização dos mercados, das finanças e da produção. As relações econômicas globais tendem a se apoiarem no mercado e no oligopólio. Essa tendência predominante nos faz pensar em algumas atividades econômicas e em alguns setores ou redes que, capitaneando as relações de produção, de troca e de consumo, ditam as regras gerais de sociabilidade no mundo contemporâneo. Está ocorrendo uma liberalização das trocas em todas as partes do mundo. Esse fato facilita as operações dos grandes grupos industriais transnacionais. As empresas têm suas atividades produtivas, comerciais, financeiras e de serviços conectadas mundialmente. Está ocorrendo uma reestruturação no movimento de acumulação do capital que ocorre agora globalmente. A corporação transnacional é um dos elementos principais para a concretização desse movimento.

A atividade agropecuária não fica imune a esse processo. O mundo agrário passa por transformações significativas que dizem respeito à forma pela qual suas atividades são conectadas ao movimento global de acumulação do capital. Está em curso uma nova forma de organização social e técnica das relações de produção capitalistas. A atividade agrícola como um todo é transformada a partir do alinhamento de algumas de suas atividades às redes mundiais. A intensidade e o ritmo dessas transformações fazem parte da aventura da conquista do tempo e do espaço pela modernidade. Nessa aventura, regiões e locais são atingidos, não só por patamares tecnológicos diferenciados, como também por um tipo de racionalidade que atravessa modos de ser, agir e pensar na sociedade. As relações sociais são removidas das imediações do contexto e lançadas nos nexos da sociedade global. Como nos conta Chesneaux: *... a exploração rural perdeu ao mesmo tempo seu centro e sua estabilidade; ela se substitui no espaço e se renova no tempo, com o mesmo ritmo rápido das inovações técnicas e das probabilidades do mercado.*<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Jean Chesneaux, **Modernidade-Mundo**, Petrópolis, Vozes, 1995, p.20.

O campo perde espaço, autonomia. A agricultura é redefinida quando se integra à dinâmica da produção global. Nesse contexto, transforma-se, revoluciona-se, diluindo-se em nexos, relações e articulações ditadas pelo movimento geral de acumulação do capital. A agricultura é parte de uma enorme cadeia produtiva que não respeita fronteiras e cujo limite é a reprodução ampliada do capital. Nesse sentido, demarcações e construções empíricas e teóricas, que norteavam e explicavam a vida em sociedade, são enfraquecidas, dissolvidas ou mesmo abolidas. O campo urbaniza-se, a nação torna-se cosmopolita. Dicotomias tradicionais, como campo/cidade, nacional/internacional, tradicional/moderno, ganham outros significados. A vida em sociedade, bem como sua explicação, são desafiadas nesse novo contexto.

A agroindústria pode ser pensada como a forma pela qual o capital na agricultura se mundializa. É através da agroindústria que o campo articula-se à dinâmica da sociedade global. A agroindústria concentra capitais e descentraliza a produção segundo a lógica de uma rede de operações que se espraia pelas várias partes do mundo. Nesse movimento, verificam-se associações, fusões e parcerias de empresas nos mais variados ramos de atividades. Atividades que integram capitais do campo e da cidade, capitais locais, regionais e internacionais. A interpenetração de grupos econômicos diz respeito a diferentes segmentos agroindustriais. Embora a atividade agroindustrial não seja um fato novo, ela adquire, nos dias de hoje, uma visibilidade e uma extensão nunca antes imaginada. Tratar a atividade agroindustrial como um dos elementos de integração a uma forma de trabalho e a um modo de vida possibilita o equacionamento de questões fundamentais para a sociologia do mundo agrário. Pensar a globalização da agricultura, significa reequacionar e reinterpretar criticamente, conceitos e categorias que norteiam sua construção e seu desenvolvimento. A revolução no mundo agrário, operada no limite pela agroindústria, transforma radicalmente suas bases sociais, integrando-as na complexa tessitura das relações sociais globais.

A agroindústria, enquanto sistema de produção mundial, parece operar em um espaço *fora do chão*,<sup>9</sup> que liga campo e cidade às relações, aos processos e às estruturas que predominam na sociedade global. Nesse percurso, o campo urbaniza-se, na medida em que adota práticas sociais, econômicas, políticas e culturais que são ditadas globalmente.

---

<sup>9</sup> Jean Chesnaux define-o como uma situação de dissociação para com o ambiente natural, social, histórico e cultural. Marc Augé, tratando do mesmo fenômeno, usa o conceito *não-lugares*.

Padrões de comportamento, valores e costumes são levados ao homem do campo, juntamente com padrões produtivos, tecnológicos, comerciais e organizacionais da atividade agroindustrial.

Refletir sobre a agricultura tendo como horizonte a sociedade global nos faz pensar nos elementos históricos que tornam possível essa configuração. A atividade agrícola nunca foi um fato isolado, na medida em que o equilíbrio e a prosperidade da produção agrícola dizem respeito ao funcionamento geral do sistema social. Ela é parte integrante do todo, não se apresenta como um mundo à parte. Esse tipo de reflexão pode nos levar ao relato histórico da atividade agrícola, desde seus primórdios. Não é esse o caso. O que nos interessa investigar é a formação e o desenvolvimento da agricultura moderna, capitalista, a partir da idéia de que, desde o momento de sua constituição, a atividade agropecuária, de uma certa forma, já traça os caminhos para sua globalização. *A agricultura moderna nasce durante os séculos XVIII e XIX em diversas áreas da Europa. Um intenso processo de mudanças tecnológicas, sociais e econômicas, que hoje chamamos de revolução agrícola, teve papel crucial na decomposição do feudalismo e no advento do capitalismo.*<sup>10</sup>

As características da modernização da sociedade, resultam dos caminhos históricos que marcam sua gênese e seu desenvolvimento. Teoria e história nos ensinam que a acumulação capitalista tende a transformar as atividades humanas em produção para o mercado. As grandes descobertas marítimas têm papel importante nesse percurso, pois possibilitam o desenvolvimento efetivo do mercado mundial. A modernização da agricultura é um processo longo, descontínuo, contraditório e desigual, que diz respeito ao desenvolvimento do capitalismo. As relações capitalistas de produção tendem a transformar os meios de subsistência em matérias primas e mercadorias. A produção de mercadorias leva à especialização de todos os setores envolvidos nas suas várias fases de produção, troca e consumo. Está sendo criada a economia mundial. Primeiramente, a partir da atividade comercial, que tendo o mercado interno como alvo, realiza a produção, a troca e o consumo a partir da moldura da sociedade nacional. Trocas se realizam através do mundo, de acordo com procedimentos e estratégias que levam em conta a sociedade nacional. Começam a serem traçados os nexos de uma sociabilidade mundial, pois, de alguma forma, indivíduos e coletividades são atingidos pelas leis do mercado e participam, portanto, da divisão

---

<sup>10</sup> José Eli da Veiga, **O Desenvolvimento Agrícola - uma visão histórica**, São Paulo, Hucitec/Edusp, 1991, p.21.

internacional do trabalho. O industrialismo, o mercantilismo e o colonialismo são elementos importantes dessa história. Mercantilismo e colonialismo instituem as relações internacionais, que não se travam somente na economia, posto que representam fenômenos sociais, culturais e políticos importantes.<sup>11</sup> A colonização inicia um novo modo de domínio da natureza. A atividade agropecuária expande-se, diversifica-se, quando o mercado mundial torna-se o lugar privilegiado de difusão, transferência e diversificação das plantas e dos animais.

A extensão e o aprofundamento das relações sociais capitalistas levam a um redimensionamento da divisão internacional do trabalho que nesse momento ocorre sob o predomínio do capital industrial. Ciência e indústria aliam-se nesse percurso. Processos produtivos, formas de trabalho e modos de vida são transformados, buscando a reprodução ampliada do capital. É a indústria que realiza o alinhamento do produto nacional ao mercado mundial, que pode ser pensado como transnacional. Parece ser consenso a transformação radical da atividade agropecuária, quando ela se integra à dinâmica da produção industrial. É o momento de uma articulação mais ampla à economia mundial. Ocorre uma alteração de sua base técnica, de suas operações produtivas que, cada vez, mais se especializam, se tecnificam, se diversificam. Novas tecnologias e novos produtos são o lado mais aparente desse processo. O capital industrial reestrutura e integra o espaço rural. Investimentos são canalizados para áreas-chave: fertilizantes e defensivos químicos, máquinas e implementos agrícolas, transformação e processamento de alimentos. A inovação industrial e técnica da agricultura amplia o mercado, leva ao aumento da produtividade agrícola e transforma a economia política do campo. Esse é o resultado de uma outra revolução que acontece no campo, quando as bases materiais e técnicas da atividade agropecuária transformam-se novamente. Essa revolução, conhecida como revolução verde, acontece a partir de novos patamares da técnica, da produção e da gestão do empreendimento agrícola, de acordo com um tipo de racionalidade mais geral, que organiza toda a economia. O rural moderniza-se, internacionaliza-se, pois o processo de modernização da agricultura é transformador e internacionalizante.

---

<sup>11</sup> Fernand Braudel trabalha com a noção de economia-mundo e Immanuel Wallerstein, com a de sistema-mundo. Os conteúdos das duas reflexões se aproximam, no sentido de que, um sistema mundial é um sistema social que tem uma coerência interna. Assim, é possível pensar-se o capitalismo como uma economia-mundo, obviamente com diversidades entre as articulações que integram as singularidades ao todo.

É fato que as características da modernização do mundo resultam de caminhos históricos que marcam a sua direção. A ordem industrial contemporânea contempla diferenças significativas entre os diversos países, geradas pelos diferentes componentes que formam seus principais agentes econômicos e sociais. *A dimensão histórica é necessária, não somente porque se trata de um processo que se realiza a longo prazo, em um prazo muito longo mesmo, mas também porque se enraíza em uma cultura.*<sup>12</sup> Assim, pode-se pensar a sociedade global como herdeira de um movimento que se inicia com o capital comercial e que vai se intensificando e se ampliando com o capital industrial e que toma corpo nessa fase de grande agilidade e rapidez do processo de acumulação capitalista. A concentração e a centralização do capital, processos que envolvem a própria natureza do capitalismo, agora manifestam-se em moldes globais. Conglomerados transnacionais realizam seus empreendimentos, urbanos ou rurais globalmente, atravessando fronteiras econômicas, geo-políticas e culturais. Cresce o espaço da reprodução ampliada do capital. No que se refere à agricultura, é possível pensar que a agroindústria opera uma intensa articulação do campo com o mercado mundial, a partir de redes, que se estendem da produção ao consumo. Estão se formando, contemporaneamente, novas estruturas mundiais que estão transformando a economia, a política e a sociedade. Está ocorrendo uma racionalização crescente da atividade agrícola: o mundo da agricultura mudou da *plantation* para a empresa. A problemática agrária é redefinida nesse contexto.

O campo pode ser definido como local de realização da atividade primária, espaço em que os homens, em contato direto com a natureza, extraem os elementos que satisfazem suas necessidades, materiais ou simbólicas, reais ou imaginadas, naturais ou transformadas. A agricultura constitui a base da produção de alimentos. Representa o início de uma rede complexa de operações, que leva o alimento do campo para a mesa de seu consumidor final. Refletir sobre a produção do alimento na sociedade moderna, parece ser um caminho fecundo para compreendermos a natureza e a dinâmica da agricultura contemporânea. A agricultura torna-se um negócio quando deixa de privilegiar a produção para o auto-consumo e passa a privilegiar a produção de mercadorias. O mundo atual enfrenta grandes transformações e desafios na maneira de cultivar, fabricar e comercializar os seus produtos. A história da produção de alimentos no mundo moderno diz respeito à forma pela qual a sociedade satisfaz suas necessidades. Nesse sentido, a produção do alimento pode expressar

---

<sup>12</sup> Serge Latouche, **A Ocidentalização do Mundo**, Petrópolis, Vozes, 1994, p. 16.

substantivamente relações, processos e estruturas que constituem nexos importantes das relações sociais no mundo contemporâneo que, cada vez mais, se tornam globais.

*Nesse mundo, os corpos são divididos em diversos lugares, os espíritos são distendidos entre o local e o global, entre a percepção direta que se tem do que nos cerca e o conhecimento geral que possui processos que comandam à distância nosso meio-ambiente. O agricultor segue com inquietação o movimento das nuvens escuras no horizonte do seu campo, mas a modernidade o projeta mentalmente em um espaço completamente outro, o da economia mundial, segue com igual angústia a evolução dos preços do milho e dos materiais oleaginosos e os prazos dos reembolsos na caixa do crédito agrícola. O consumo de tranquilizantes é tão forte no mundo rural "moderno" quanto na cidade.<sup>13</sup>*

A produção do alimento diz respeito à satisfação de uma necessidade básica do ser humano. A agricultura constitui a atividade base, sobre a qual vão se desenvolvendo e se superpondo estruturas comerciais, financeiras, industriais, organizacionais, legais, tecnológicas e mercadológicas, que se tornam cada vez mais diversificadas e complexas. A agricultura vincula-se a setores industriais que vão fornecer, a cada caso particular, bens intermediários, serviços e equipamentos, para a realização da atividade agrícola. Assim sendo, o processo de produção do alimento envolve atividades não agrícolas.

*Os alimentos são uma categoria histórica: eles são produtos da história geral, da qual a alimentação é uma parte. Os modelos de consumo são historicamente o reflexo dos modos de produção.<sup>14</sup> Verifica-se uma estreita correspondência entre a alimentação e as condições de vida, no tempo e no espaço.<sup>15</sup> A diversificação da produção agrícola e pecuária baseia-se na agricultura e no comércio. São eles os responsáveis, em um primeiro momento, pela transferência e pela adaptação das plantas e dos animais através do mundo.*

---

<sup>13</sup> Jean Chesnaux, **Modernidade-Mundo**, Petrópolis, Vozes, 1995, p.33.

<sup>14</sup> Louis Malassis, **Economie Agro-Alimentaire**, Paris, Cujas, 1973. p.30, livre versão.

<sup>15</sup> Malassis classifica historicamente a produção alimentar em quatro grandes períodos: 1) Período pré-agrícola, em que predominam as atividades de caça, pesca e coleta. 2) Período da agricultura de subsistência, quando produção, transformação e preparação dos alimentos realiza-se na própria unidade produtiva. 3) Período de uma agricultura diversificada, quando se verifica a combinação de atividades agrícolas e comerciais, fato que leva a uma diversificação do consumo alimentar. 4) Período da agroindústria, caracterizado pela combinação das atividades agrícolas, comerciais e industriais, quando se diversifica a produção e, por conseqüência, o consumo alimentar. É a partir deste período que a agricultura se torna moderna, capitalista.

Assim, determinadas plantas e animais, originários de regiões específicas, passam a ser cultivadas e criados nas várias partes do mundo: o trigo tem sua origem na Mesopotâmia, a mandioca na África, a soja na China, a batata na América, o café na Arábia, o tomate, originário do Peru, chega à Espanha no século XV, transferindo-se depois, para a França e a Itália, originando um tipo especial de culinária. A Europa é responsável pela disseminação da criação de animais - bovinos, suínos e caprinos - pelas várias partes do mundo. Mercantilismo e colonização são fatores importantes na história da produção, da distribuição e do consumo dos produtos do campo. A agricultura é um dos elementos de sustentação da colonização. A produção agrícola, voltada para a exportação, baseia-se em um produto de aceitação comercial, produzido em grande escala, na grande propriedade territorial. Verifica-se um movimento de troca que se generaliza entre vários locais e regiões. Há um movimento de produtos raros, metais preciosos, viajantes, aventureiros e escravos ao redor do mundo. O sistema colonial amplia o espaço de reprodução do capital mercantil, abrindo as fronteiras para o desenvolvimento do capital industrial. A partir desse momento da história da humanidade, pode-se pensar que as relações sociais baseadas no mercado alcançam as mais diversas populações do mundo. As colônias integram-se ao movimento geral da economia em que cada realidade particular adquire contornos e configurações específicas, de acordo com as necessidades ditadas pelo processo de acumulação.

O século XIX inaugura uma nova maneira de produzir e de consumir o produto do campo. A agroindústria alimentar forma-se no contexto da industrialização do mundo ocidental a partir da economia de mercado. A preparação e a conservação do alimento saem da órbita da indústria doméstica e do trabalho artesanal, inserindo-se nos quadros da divisão social do trabalho do capitalismo. A alimentação da população mundial ainda conserva sua base tradicional: cereais, raízes e legumes, embora o consumo de produtos originários da pecuária comece a ser difundido. De uma maneira geral, verifica-se uma contribuição crescente da produção agroindustrial, na constituição do produto agroalimentar: ocorre o desenvolvimento da indústria de conservas e a Nestlé passa a produzir o leite condensado. *Assim, pouco depois de 1860, a invenção de dois novos processos patenteados daria origem rapidamente a dois impérios industriais, o Anglo-Swiss Condensed Milk Co. nos Estados Unidos, para o leite condensado, e a Nestlé na Europa, para o leite em pó. Tendo esgotado rapidamente as possibilidades dos seus próprios mercados continentais, os dois gigantes começaram a fabricar o produto do rival, para posteriormente se unirem,*

*formando o segundo grupo alimentar do mundo - a Nestlé.*<sup>16</sup> Em 1869, o químico Mège-Mouriès, participando de um concurso promovido por Napoleão III, inventa a margarina.<sup>17</sup> A agroindústria se desenvolve de acordo com a história do desenvolvimento do capitalismo, ela se capitaliza, se concentra, se diversifica e se internacionaliza. A modernização capitalista na agricultura pressupõe o progresso técnico. O progresso técnico pressupõe a tecnificação e a especialização da agricultura. Em que pese as especificidades da agricultura frente ao processo de modernização, como a dependência na habilidade do trabalhador em certas tarefas, o limite natural da germinação das plantas e na gestação dos animais, a agricultura torna-se moderna, capitalista. O desenvolvimento da indústria e do comércio, geradores de novas demandas, transformam o produto do campo em mercadoria. Em um primeiro momento, esse processo transforma as condições de existência social do agricultor, sem que seja necessário o capital entrar diretamente na produção agrícola. Com o tempo, porém, o capital irá apoderar-se da agricultura, tornando-a moderna.<sup>18</sup> A modernização agrícola impõe ao rural a participação em um universo em que as relações, os processos e as estruturas desenvolvem-se de acordo com a racionalidade capitalista. Em que pese a diversidade quanto à forma dessa participação, o rural se especializa, se tecnifica, se moderniza.

A história recente da agricultura se caracteriza pelo impacto de um modo novo de organizar a vida em sociedade. Essa história... *se apóia na flexibilidade dos processo de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo...* Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, *taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.*<sup>19</sup> Às formas de concorrência tradicionais - custos e quantidades - aliam-se a qualidade e a diferenciação. Quando o produto do campo é condicionado à segmentação do mercado, é a agroindústria que possibilita seu processo de diferenciação.

---

<sup>16</sup> Bernardo Sorj e John Wilkinson, **A Tecnologia Moderna: rumo a uma industrialização da natureza**, in *Ensaio FEE*, Porto Alegre, ano 9 nº2, 1989, p.71.

<sup>17</sup> Louis Malassis, **Economie Agro-Alimentaire**, Paris, Cujas, 1973, p.40.

<sup>18</sup> Nesse sentido, entender o modo pelo qual o capital se apodera da agricultura, como propôs Kautsky no final do século XIX, ainda é uma questão de fundo para compreendermos a agricultura contemporânea.

<sup>19</sup> David Harvey, **A Condição Pós-Moderna**, São Paulo, Loyola, 1992, p.140.

Produção agrícola e produção industrial são dois momentos de um mesmo processo. O aperfeiçoamento da técnica origina necessariamente uma demanda maior, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos, da matéria-prima agrícola. Condições novas na produção do alimento, levam a novas condições sociais do consumo alimentar. O alimento industrializado é o reflexo da sociedade industrial. Ao longo da história, os padrões de consumo alimentar são profundamente modificados. É possível perceber-se uma tendência para a "ocidentalização" da produção e do consumo do alimento. Ocorre uma perda de importância da dieta energética, baseada em cereais, raízes e legumes, paralelamente a um crescimento do consumo de produtos de uma dieta protéica, que privilegia a criação animal e de oleaginosas. Nessa transformação, a criação de gado e de aves tem papel fundamental: ela tem efeito multiplicador sobre a produção, o processamento e o comércio de cereais, forragens e proteínas. A criação animal exige um tipo de agricultura voltada para o seu consumo. Esse fato amplia significativamente a demanda do mercado mundial para o produto do campo, natural ou transformado. A agroindústria é parte importante na aceleração e na intensificação desse movimento.

No mundo globalizado, as corporações transnacionais operam a internacionalização do modo de produzir, distribuir e consumir os alimentos de forma generalizada. A população mundial consome cada vez mais sopas prontas, conservas, café solúvel, batatas fritas, congelados, enlatados etc., preparados por empresas transnacionais. A produção do alimento ocorre sobre bases científicas que ligam lavouras ao produto final industrializado, a partir de redes que operam tendo como referência a sociedade global e que privilegiam em suas operações mundiais a lógica do custo/benefício. Refletir sobre a produção do alimento no mundo, significa refletir também sobre o processo mais geral de industrialização da sociedade. É possível observar no setor agroalimentar, as tendências fundamentais do desenvolvimento capitalista em sua fase atual.

Pode-se pensar a modernização da agricultura em termos de um processo social, histórico, econômico, político e cultural que alcança as diferentes formas de vida e de trabalho não com a mesma intensidade nem ao mesmo tempo nem no mesmo espaço. Verifica-se nesse processo uma macrodireção que, transformando as diferentes formas de vida e de trabalho, subordina-as ao capital industrial local, nacional e internacional, fato que leva a uma modificação estrutural do rural. É possível pensar também a sociedade e os grupos sociais como sempre heterogêneos. Nesse sentido, verificam-se rupturas e continuidades na produção do alimento em escala mundial. Embora a produção do alimento

tenda para a mundialização, os alimentos conservam fortes especificidades geográficas, fato que reflete a diversidade das nações em termos de padrões socioculturais. Verificam-se escolhas e preferências alimentares nas quais interferem vários fatores: o meio ambiente, a capacidade de produção, a capacidade de consumo, costumes e valores determinados culturalmente, enfim, condicionantes sociais, históricos, econômicos, políticos e culturais.

O pensamento responde a desafios postos pelos dilemas sociais, pela vida em movimento. O processo crescente de internacionalização do capital leva à difusão e à dispersão das relações capitalistas, nos vários setores produtivos e nos mais diversos lugares. A modernização agrícola brasileira é um processo longo, contraditório, heterogêneo e, como um processo, ainda está em curso. É possível pensá-la historicamente. No mercantilismo, o Brasil representa um mercado novo para o capitalismo europeu. Sua colonização, realizada a partir da lavoura da cana, e do preparo do açúcar - especiaria que alcançava bons preços no comércio internacional - apresenta-se como parte importante da história do capitalismo comercial. Até meados do século XVII, o país foi o maior produtor mundial de açúcar. Nesse período, o tabaco, produto originalmente cultivado pelos índios, é comercializado na Europa e utilizado como escambo na África. O algodão brasileiro também é um produto que se destina à exportação, pois, no século XVIII, torna-se a principal matéria prima para a indústria, dadas as inovações tecnológicas proporcionadas pela revolução industrial. O final do século XVIII e o princípio do XIX é um período de que podemos falar em um descenso de lavouras consideradas tradicionais - cana-de-açúcar, tabaco e algodão - e, em um ascenso da lavoura cafeeira. O café, produto novo, encontra grande aceitação no mercado mundial, representado pela Europa e pelos Estados Unidos. Como podemos observar, agricultura e comércio internacional imprimem o trajeto do desenvolvimento nacional por um longo período.

Com a lavoura cafeeira são realizadas transformações importantes em direção ao processo de modernização capitalista, apesar da utilização da mão de obra escrava em seus tratos culturais, quase até as últimas décadas do século XIX. O café propicia o florescimento do parque industrial brasileiro, na medida em que é uma atividade que amplia a divisão social do trabalho, elemento que dinamiza a economia do país por conta de seu efeito multiplicador: cria o mercado de trabalho livre, emprega capital no aparelhamento técnico da lavoura, no beneficiamento e na transformação do produto, recorrendo também ao capital financeiro. As relações entre campo e cidade se estreitam a partir de conexões substantivas entre o "mundo agrário" e o "mundo urbano". Se, por um lado, a lavoura de

café fornece a base para o processo de industrialização brasileiro, por outro lado, o "mundo agrário" não fica imune a esse processo. As condições de existência social alteram-se, no campo e na cidade, imbricam-se, misturam-se. A história social brasileira transforma-se, ficando a partir desse momento, cada vez mais difícil pensar-se em uma organização social do campo distinta da organização social da cidade. A cidade, de uma maneira geral, concentra tanto a produção da indústria, como a produção agrícola, que é transformada e distribuída, a partir da cidade.<sup>20</sup>

É possível pensar a industrialização enquanto processo indutor de grande parte das transformações que ocorrem na sociedade brasileira. A industrialização destrói as bases da autonomia política e produtiva do campo. O produto agrícola é transformado em mercadoria, trazendo para o universo rural a economia monetária, a especialização e a técnica. A industrialização concentra capital e também população. A industrialização transforma o campo e a cidade, integrando-os, no sentido de viabilizar a reprodução ampliada do capital.

A década de cinquenta assiste ao aprofundamento do processo de industrialização brasileiro, pois é nesse período que se verifica a instalação da indústria pesada no país. A partir desse momento, poderá realizar-se a modernização efetiva da agricultura, que então irá basear-se, de uma maneira geral, em um sistema de produção intensivo, ligado ao consumo de insumos industriais e ao uso de máquinas e de implementos agrícolas. Estabelece-se assim, uma nova base técnica no processo de produção no campo. A agroindústria é o elemento-chave desse patamar do desenvolvimento nacional.

A década de noventa assiste a um movimento novo das atividades agrícolas, quando vínculos produtivos, comerciais, administrativos, técnicos, entre outros, são tecidos a partir do movimento da sociedade global. Os desenvolvimentos da ordem econômica internacional ligam e integram populações e atividades do mundo todo. No que se refere à agricultura, a agroindústria pode ser considerada como a expressão de um movimento ampliado da técnica e do capital, que generaliza e intensifica um modo de produzir, que se organiza a partir das empresas transnacionais e tem como parâmetro a sociedade global.

---

<sup>20</sup> Neste contexto, a divisão social do trabalho entre campo e cidade sofre uma transformação radical. Autores que alinham seu pensamento à Escola Francesa de Urbanismo, como Manuel Castells e Paul Singer, tratam essa questão.

Transformando produtos naturais e locais, em função de um consumo global, a agroindústria transforma lavouras e modos de vida.

As formas de organização da sociedade para a produção, a distribuição e o consumo do produto alimentar são complexas e diversificadas. No entanto, em linhas gerais, são as corporações transnacionais que integram os mais diferentes países ao "espaço alimentar mundial". O ritmo de expansão do mercado internacional para produtos alimentares é lento e descontínuo, na medida em que responde diretamente ao poder de compra do consumidor, e, que diz respeito a cada realidade nacional. Há uma geografia que organiza as espécies que se criam e cultivam no mundo. Há também uma história das condições socioeconômicas da produção do alimento. A geografia diz respeito à riqueza da natureza. Há uma diversidade nas paisagens rurais e nos climas. Os ritmos do consumo alimentar referem-se a modos de vida. Nesse sentido, estratégias internacionais levam em conta especificidades locais e regionais. A agroindústria alimentar representa uma das formas pelas quais o capital se movimenta pelo mundo. A existência de empresas transnacionais, bem como o controle de empresas nacionais pelo capital transnacional, é a parte mais visível desse fenômeno. A transferência tecnológica, a "ocidentalização" do modo de se organizar a produção do alimento e os seus padrões de consumo oferecem as bases de sustentação desse "espaço alimentar mundial".

A agroindústria alimentar se desenvolve a partir da expansão do poder de compra da população sobre as bases de um consumo de massa. A publicidade vem acentuar a tendência em direção a um padrão mais homogêneo de consumo alimentar. O brasileiros estão mudando hábitos alimentares. O consumo de iogurtes cresceu quase 50% nos últimos cinco anos; a venda de alimentos congelados aumentou 25%; o consumo de frutas frescas originárias de outras geografias é uma constante.<sup>21</sup> Nas prateleiras dos supermercados, encontram-se alimentos que são vendidos no mundo todo. Uma parte da população do país está consumindo novos produtos que são produzidos pelos grandes conglomerados transnacionais. *É no ramo de alimentos que se concentra a maior parte das 314 fusões e aquisições de empresas registradas no Brasil no ano passado. E isso não acontece por acaso. O setor faturou 60 bilhões de reais em 1995. Aumentou em 12% suas vendas físicas nos últimos dois anos. .... Como as empresas estrangeiras não conseguem ganhar a*

---

<sup>21</sup> Dados reproduzidos da matéria **O fim do arroz e feijão**, publicada na revista *Veja*, 24 de abril de 1996.

*simpatia dos brasileiros com seus produtos feitos ao gosto do americano ou do francês, elas estão se instalando no país. ....a maioria compra fábricas brasileiras inteiras. É o método Parmalat de trabalho. A empresa italiana começou a comprar indústrias de forma mais sistemática há cerca de dez anos. Já engoliu trinta empresas nacionais. Hoje, ganha no Brasil quase a metade do seu faturamento mundial. O maior banco de investimentos do mundo, o americano Goldman Sachs, foi descobrir a Arisco no interior de Goiás e comprou 20% da empresa. Na semana passada, a americana Nabisco, que já comprara a fábrica de biscoitos Avaré, anunciou a compra da Pilar, outra fábrica de biscoitos de Pernambuco. A Danone comprou uma parte da campineira Aymoré, que também faz biscoitos. A Santista Alimentos, do grupo argentino Bunge-Born, comprou a Pão Americano, fabricante de pão de forma de São Paulo<sup>22</sup>.*

A agroindústria, enquanto sistema de produção, liga o campo à cidade, urbanizando-o em termos de relações sociais, econômicas e políticas. Possibilita redes de integrações diversificadas, que vinculam campo, fábrica e consumidor final, através do mundo.

---

<sup>22</sup> Revista *Veja*, 24 de abril de 1996, pp.106 -7.

## II - Os Campos estão Vazios

*O social não é nunca objeto de uma conceitualização sistemática articulada; ele é principalmente, o lugar de um inventário, sempre aberto, das correspondências e das relações que fundam a "interdependência dos fenômenos".*<sup>23</sup>

A atividade agrícola aparece em vários contextos, como uma atividade exterior ao "mundo produtivo" na imprensa, no governo, na literatura e na vida cotidiana. O campo é o referencial de uma representação romântica, idealizada: o local de realização possível da autonomia, da auto-suficiência, da simplicidade, da vida saudável e do contato direto com a natureza. Neste sentido, é rústico, exótico, independente. Indivíduos e grupos vão ao campo nas férias e feriados, em busca de tranquilidade e lazer, de uma ruptura com a vida agitada da cidade - que representa o "mundo produtivo". Por parte de governos, o campo é objeto de intervenções variadas, que visam a organizar e financiar a produção, sustentar os preços dos produtos agrícolas etc., pois o Estado é o responsável pelo rendimento dos agricultores e, conseqüentemente, por sua integração ao "mundo produtivo". É o Estado que adequa o ritmo do campo às necessidades da atividade industrial. A partir desse olhar, a agricultura é considerada uma atividade "inferior", isolada. O campo representa a tradição e o atraso. A história do homem do campo é contada tendo como referencial sua vida cotidiana e privilegia o seu lado mais bucólico: a solidariedade entre as famílias e os grupos de vizinhança, a religiosidade, as festas, a produção voltada para o auto-consumo, a preservação da natureza. A mídia se apropria desse tipo de referencial, por exemplo, quando transforma a música caipira em sertaneja, estereotipando vestimentas e estilos de vida, adequando-os a um referencial maior, ditado pela sociedade de consumo, ou quando qualifica o homem do campo como indolente, preguiçoso e ignorante, usando como referência o estilo de vida que predomina no urbano. Essa vida alcança uma visibilidade mais próxima do real, quando a produção do alimento torna-se insuficiente para abastecer as populações das cidades ou quando os agricultores realizam algum tipo de manifestação, que os tornam notícia. Na Europa, isso acontece quando os tratores ocupam as estradas de acesso para Paris. No Brasil, é a violência no campo que gera notícia: episódios como o

---

<sup>23</sup> Jacques Revel, *A Invenção da Sociedade*, Lisboa, DIFEL, 1989, p.27.

ocorrido em Eldorado dos Carajás, no estado do Pará, ganham manchetes nacionais e são veiculados também na mídia internacional.<sup>24</sup>

A agricultura, durante um longo período da história da humanidade, foi realizada a partir de um processo de produção natural. Plantas são cultivadas durante séculos, graças à habilidade dos agricultores e às riquezas naturais. A vida do homem do campo tradicional, que planta para a subsistência, caça, pesca e coleta produtos da própria natureza é transformada quando da formação e desenvolvimento do capitalismo. A terra, bem da natureza, também se transforma, quando o homem dela se apropria. As leis naturais são submetidas às leis sociais. A modernidade tende a comprometer seriamente a "dádiva" da natureza e o modo pelo qual as plantas são cultivadas. A agricultura torna-se moderna, a partir do confronto do capitalismo com o processo de produção natural. Nesse percurso, ocorrem desequilíbrios naturais e sociais. Assim sendo, a realização da atividade agrícola como um negócio é um fato recente na história do mundo. A generalização dessa forma em escala planetária, é um fato mais recente ainda. Mas, em qualquer tempo e lugar, a agricultura tem um papel fundamental, insubstituível: produz alimentos e matérias-primas. No capitalismo, é ela que fornece a base para a realização do comércio e da indústria. Nos dias de hoje, *a quase totalidade dos produtos que consumimos são de origem agrícola e a quase totalidade da produção agrícola é alimentar.*<sup>25</sup> O modo de vida do campo é transformado quando se transformam o processo produtivo e as formas de trabalho.

A partir da Segunda Guerra Mundial, o processo de desenvolvimento capitalista privilegia o regime de acumulação fordista. De acordo com Lipietz, *o paradigma fordista oferece uma concepção de progresso que se apóia em três pés: progresso técnico (concebido como progresso tecnológico incondicionalmente conduzido pelos "trabalhadores intelectuais"), progresso social (concebido como progresso do poder aquisitivo, extensão do reino da mercadoria), progresso do Estado (concebido como fiador do interesse geral contra as "invasões" dos interesses individuais).*<sup>26</sup> A produção direciona-se para bens estandardizados, voltados para o consumo de massa. Esse regime de acumulação alarga mercados e transforma a organização do Estado, da empresa e do trabalho. É possível pensá-lo como o regime da uniformidade e da padronização, que baseia

---

<sup>24</sup> A esse respeito ver Monica Bergamo e Gerson Camarotti, matéria da revista *Veja: Sangue em Eldorado*, 24 de abril de 1966.

<sup>25</sup> Louis Malassis, *Economie Agro-Alimentaire*, Tome I, Paris, Cujas, 1973, p.136, livre versão.

<sup>26</sup> Alan Lipietz, *Audácia - uma alternativa para o século 21*, São Paulo, Nobel, 1991, p.37.

suas formas de concorrência na redução de custos e no aumento quantitativo da produção. Neste quadro geral, a agricultura tem papel de destaque: a constituição de um novo modelo de consumo tende a provocar um rebaixamento do preço do produto agrícola, fator decisivo para que ocorra a diminuição da parte do salário destinada à alimentação, como também da parte do capital aplicada em insumos agrícolas. A agroindústria, de uma maneira geral, revela-se uma forma eficaz de inserção da agricultura nesse modo de organizar a produção. É nesse momento que se verifica um crescimento significativo da agroindústria alimentar.

Nos anos noventas, o *agribusiness* representa metade do produto e metade dos empregos do mundo atual, se pensarmos nas atividades industriais, comerciais e financeiras vinculadas à agropecuária.<sup>27</sup> Esse fato implica em transformações notáveis no modo de produzir, comercializar e consumir o produto do campo. O elemento mais aparente nesse percurso é a migração populacional do campo para a cidade. Verifica-se o redimensionamento de um processo antigo, uma *tendência dos jovens e das pessoas dotadas de mobilidade a abandonar a sociedade agrícola. Em 1985, cerca de 32% da população do mundo em desenvolvimento vivia nas áreas urbanas, mas esse número deve aumentar para 40% no ano 2000 e para cerca de 57% em 2025. ... Nessa época, a América Latina será a região do mundo mais urbanizada, com cerca de 85% de sua população vivendo nas cidades.*<sup>28</sup> Em 1994, 44,8% da população mundial vivia nas cidades e 55,2% no campo. A estimativa para o ano 2025 é a de que 61,1% da população mundial se torne urbana, cabendo o percentual de 38,9% para a população mundial rural. Os dados para os EUA e Canadá apontam que, em 1994, a população urbana representava 76,1% e a rural, 23,9%. Para o ano de 2025, a estimativa é de que haverá um aprofundamento deste quadro, quando 84,8% da população será urbana e somente 15,2%, rural. Os dados referentes à América Latina e Caribe também não são diferentes: em 1994, 73,7% da população era urbana e 26,3%, rural. A projeção para 2025 é a de que 84,7% da população viva nas cidades e 15,3%, no campo. Na Europa, em 1994, a população urbana era da ordem de 73,3% e a rural, de 26,7%. No ano 2025, no entanto, 83,2% de sua população será urbana e 16,8%, rural. O Continente africano, tinha em 1994, 33,8% de sua população nas cidades e 66,2% no campo. Projeta-se para 2025 que 53,8% de sua população torne-se urbana e que 46,2%

---

<sup>27</sup> De acordo com José Eli da Veiga, **O Desenvolvimento Agrícola - uma visão histórica**, São Paulo, Hucitec, 1991, p.16.

<sup>28</sup> Paul Kennedy, **Preparando para o Século XXI**, Rio de Janeiro, Campus, 1993, p.23.

permaneça na área rural. A Ásia que em 1994 tinha 34,1% de sua população no meio urbano e 65,9% no rural, parece estar revertendo esse quadro: estima-se para 2025 que sua população será 54,8% urbana e 45,2%, rural. Na Oceania, 70,3% da população em 1994 era urbana e 29,7%, rural. No ano 2025, a população urbana será 74,9% da população total, cabendo ao rural a estimativa de 25,1%. Os dados para o Brasil mostram que em 1994, 77,5% de sua população era urbana e 22,4%, rural. A estimativa para 2025 é a de que 88,9% da população brasileira torne-se urbana, restando ao rural 11,1% da população do país.<sup>29</sup> A população que vive nas cidades brasileiras cresce significativamente a partir da década de sessenta. Os índices da urbanização brasileira são da ordem de 45,52% na década de sessenta; 56,80%, na década de setenta; 68,86%, na década de oitenta e de 77,23% em 1991.<sup>30</sup> Moacir Palmeira escreve que *nos últimos quarenta anos, o perfil da distribuição espacial da população brasileira sofreu profunda alteração. Entre 1940 e 1980, inverteram-se os percentuais das populações rural e urbana, a primeira caindo de aproximadamente 70% da população total para cerca de 30%, enquanto a segunda aumentava de 30% para 70%.*<sup>31</sup> De acordo com Geraldo Müller, 25% do pessoal ocupado na agropecuária residia fora dos estabelecimentos rurais em 1980.<sup>32</sup>

Os dados acima mostram uma tendência significativa para a urbanização da população do planeta. A concentração populacional nas cidades, por si só, já é um elemento bastante forte para que aconteça uma modificação no modo de produzir, distribuir e consumir o alimento. A urbanização do mundo implica necessariamente em uma transformação radical nesse sentido: a alimentação "natural" deve ceder lugar a uma alimentação "industrial", pois práticas artesanais seculares de conservação e preservação do alimento têm de ser substituídas por processos que realizem sua transformação em escala industrial. Nesse percurso, a agricultura também se transforma.

As transformações que sofrem as atividades agrícolas, frente ao processo de modernização capitalista são profundas e dizem respeito à modificação da base técnica, à ampliação dos recursos investidos e a uma modificação na organização da atividade. Nesse

---

<sup>29</sup> Fonte: ONU-Departamento de Informação Econômica e Social - Divisão População 1994, in *especial Habitat*, Folha de São Paulo, 26/05/96.

<sup>30</sup> Milton Santos, *A Urbanização Brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1993, p.29.

<sup>31</sup> Moacir Palmeira, *Modernização, Estado e Questão Agrária*, in *Estudos Avançados*, São Paulo, USP, vol.3, nº7, set/dez, 1989, p.88.

<sup>32</sup> Geraldo Müller, *Agroindústria e Modernização Agrária*. São Paulo. Hucitec/Educ, 1989, p. 19.

sentido, é possível dizer-se que a produção agropecuária, propriamente dita deixa de ser o elemento que prevalece no movimento da acumulação: o eixo do lucro é transferido para o setor industrial - insumos, beneficiamento e processamento. Grandes capitais, industriais, comerciais e financeiros, nacionais e internacionais, são alocados no campo. No processo geral de desenvolvimento, a importância do setor agropecuário torna-se cada vez mais residual, ocupando pequena parcela da população ativa. Como observa o historiador Paul Kennedy, *a posição da agricultura como a conhecemos parece estar desaparecendo*.<sup>33</sup> Aos conglomerados transnacionais cabe grande parte dessa responsabilidade, como também cabe ao mercado, elemento mediador dessa transformação que agora, além de ser local e regional, é também global. As condições de vida no campo e na cidade, na nação e na região são transformadas a partir da emergência da sociedade global.

### 1. As Corporações Transnacionais: gestão de um modelo alimentar mundial

*... a industrialização da produção alimentar no final do século XIX não deixa de se apoiar, no essencial, no aperfeiçoamento e na adaptação - visando a produção em massa - dos processos ancestrais de processamento dos alimentos pela eliminação dos agentes responsáveis por sua deterioração. Agora, porém, o método científico substituiu a experimentação empírica e combinou-se ao progresso do maquinismo e às novas fontes de energia liberadas pela revolução industrial, para dar origem a grupos gigantes nos principais setores das indústrias alimentares.*<sup>34</sup>

As empresas transnacionais<sup>35</sup> podem ser pensadas como a forma de organização característica da internacionalização do capitalismo. Essas empresas não são um fenômeno

---

<sup>33</sup> Paul Kennedy, *Preparando para o Século XXI*. Rio de Janeiro, Campus, 1993, p.77.

<sup>34</sup> Bernardo Sorj e John Wilkinson, *A Tecnologia Moderna de Alimentos: rumo a uma industrialização da natureza*, in *Ensaio FEE*, Porto Alegre, ano 9 n°2, 1989, p.66.

<sup>35</sup> Adotaremos o termo empresa transnacional buscando a uniformidade da redação. Quero observar entretanto, que estamos cientes da complexidade do conceito. Na sua constituição operacional, a empresa multinacional é aquela que tem atividades, em pelo menos dois países. Embora realize operações transnacionais, sua propriedade, gerência, participação acionária etc. é basicamente mantida no seu país de origem. O desenvolvimento da economia mundial vai transformando essa caracterização primeira, aumentando o seu tamanho e o campo em que se realizam suas operações, como também sua estrutura e sua organização. Nesse sentido, transforma também seu papel na economia mundial. Assim, o conceito vai se constituindo e novos significados vão sendo construídos, pela teoria e pela história, paralelamente ao movimento de aprofundamento e generalização da economia mundial capitalista. A tendência contemporânea aponta, entretanto, para o predomínio dos conglomerados transnacionais, que operam em

novo. Desde o século XIX, podem ser consideradas como um dos principais agentes de mudanças na história do desenvolvimento da sociedade. A natureza de suas atividades diz respeito às configurações específicas do desenvolvimento de cada país. *Talvez o traço singular da empresa transnacional seja sua capacidade de conceber o mundo como uma única unidade econômica; e assim ela planeja, organiza e administra em escala global.*<sup>36</sup> Durante décadas, organizaram suas operações em função de mercados nacionais, separados por barreiras comerciais, administrativas, tributárias, legais e outras. Agora consolidam operações e tomam decisões a partir de uma perspectiva mundial. O desenvolvimento capitalista contemporâneo ameniza, ou, no limite, rompe com a dicotomia produção interna e produção externa. Associações, fusões e parcerias entre as empresas acontecem em todo o mundo. *As alianças estratégicas estão sendo criadas diariamente como parte do processo de transição para um mundo de mercado unificado, onde fica cada vez mais difícil distinguir a nacionalidade de um produto ou de uma empresa.*<sup>37</sup> A evolução recente da empresa transnacional parece ser sua transformação em corporações transnacionais, cujos número e importância têm um papel significativo na formação e no desenvolvimento dessa nova ordem mundial.

As corporações transnacionais desenvolvem-se a partir de um leque amplo e variado de setores da economia e têm como objetivo básico acumular capital em escala global. Para tanto, desenvolvem estratégias globais que possibilitam seu crescimento de forma contínua. São elas que possibilitam a liberalização do comércio: quando, por exemplo, realizam trocas internas ao grupo, entre as empresas que se localizam nas diferentes nações. Também são elas que possibilitam o desenvolvimento e a adoção de novas tecnologias, nas várias partes do mundo, quando mantêm centros de pesquisa e desenvolvimento. As novas formas de gestão empresarial são também fomentadas por elas, pois a dispersão da produção aliada à concentração e centralização do capital exigem novas formas de organização. Mas, como observa Leslie Sklair, ... *o sistema global, no final do século XX, não é sinônimo do sistema*

---

todo o mundo, a partir de redes produtivas, tecnológicas, comerciais, financeiras, organizacionais, legais e outras, buscando a diversificação do produto e das atividades. Esse fato não significa a supressão de outros modos de operação da empresa transnacional. A convivência entre modos diversificados de produzir e de distribuir os produtos dessas empresas é uma constante na realidade social.

<sup>36</sup> David Colman e Frederick Nixon, **Desenvolvimento Econômico - uma perspectiva moderna**, Rio de Janeiro, Campus/Edusp, 1981, p.231.

<sup>37</sup> John Naisbitt, **O Paradoxo Global**, Rio de Janeiro, Campus, 1994, p.13.

*capitalista global, mas as forças motoras por trás do capitalismo global são as dominantes, embora não sejam as únicas forças por trás do sistema global. Por isso, o agente primário e foco institucional das práticas transnacionais é a corporação transnacional.<sup>38</sup> A empresa multinacional é o produto e o agente ativo da formação, em andamento, da economia mundial.<sup>39</sup> Com efeito, a grande unidade multifuncional e multinacional constitui a forma superior de organização da economia capitalista.<sup>40</sup>*

O pós-guerra parece levar ao desenvolvimento de uma nova forma na organização da economia no mundo. O intercâmbio de produtos, pessoas e serviços, realizados entre os países, parece já não dar conta da explicação do fenômeno. *É sem dúvida trivial lembrar que o funcionamento do sistema capitalista é indissociável da dimensão internacional ... mas suas formas de existência se transformaram. Assim sendo, ... continuar a limitar o campo da economia internacional ao fluxo de mercadorias e de capitais entre nações já não é suficiente para a compreensão da realidade contemporânea.<sup>41</sup>* A economia internacional superpõe-se a economia mundial. Às trocas internacionais, aliam-se a internacionalização da produção, da técnica e das finanças. Nesse contexto, a própria natureza da produção, da troca e do consumo é transformada: *... desse movimento de internacionalização da produção, que se superpõe ao intercâmbio, resulta que os espaços econômicos nacionais não mais coincidem com os territórios políticos. As soberanias políticas são transgredidas - pelo menos a nível do referencial geográfico - pelas soberanias econômicas. Esse movimento, ... acentua a interdependência das economias desigualmente desenvolvidas, substituindo a divisão internacional do trabalho tradicional (produtos primários, produtos manufaturados) por uma nova especialização que corresponde à execução de um processo de industrialização da periferia baseado na segmentação e parcelamento da produção internacional.<sup>42</sup>* O desenvolvimento desigual e combinado, categoria lógica e histórica, tende a englobar neste novo patamar de desenvolvimento do capitalismo indústria, comércio, finanças e serviços que se pulverizam no espaço mundial a partir da racionalidade dada pelo processo de reprodução ampliada do

---

<sup>38</sup> Leslie Sklair, **Sociologia do Sistema Global**, Petrópolis, Vozes, 1995, p.70.

<sup>39</sup> Charles-Albert Michalet, **O Capitalismo Mundial**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p.14.

<sup>40</sup> Celso Furtado, **Transformação e Crise na Economia Mundial**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p.55.

<sup>41</sup> Charles-Albert Michalet, **O Capitalismo Mundial**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, pp. 9 - 10.

<sup>42</sup> Charles-Albert Michalet, **O Capitalismo Mundial**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, pp.11 e 129.

capital. Para Michalet, são as corporações transnacionais que possibilitam concretamente a passagem da economia internacional para a economia mundial. Assim, *centralmente planejado, o espaço econômico integrado da empresa multinacional é um espaço homogêneo, em cujo interior circulam bens, serviços, homens, conhecimentos técnicos e capitais.*<sup>43</sup>

Leslie Sklair propõe a validade científica do conceito *sistema global* a partir de práticas transnacionais,<sup>44</sup> fenômenos que ocorrem cada vez mais frequentemente no mundo contemporâneo e que adquirem cada vez mais importância para a reflexão deste mundo. Refletir a respeito dos conglomerados transnacionais não significa pensar a realidade atual somente sob o aspecto econômico. Produzindo bens e serviços no mundo, eles contribuem significativamente para a realização de transformações importantes nas condições de existência social das populações do planeta. Centralizando decisões, informações, técnicas, formas organizacionais e capital, interferem não só na economia, mas também na política, na cultura e na sociabilidade dos indivíduos e das coletividades, na nação e na região, na cidade e no campo. *A nação estado, conseqüentemente, é o ponto de referência espacial para a maioria das práticas transnacionais cruciais que contribuem para compor as estruturas do sistema global, no sentido de que a maioria das práticas transnacionais se cruzam em determinados países e estão sujeitas à jurisdição de determinadas nações-estados.*<sup>45</sup> O sistema econômico mundial, no quadro da globalização, transforma a agropecuária no mundo todo. As corporações transnacionais constituem um dos elementos de sua manifestação e a agroindústria, um elemento importante de sua difusão pelas localidades, nações e regiões. A agroindústria alimentar possibilita a visibilidade mais concreta desse fenômeno, na medida em que, o alimento consumido nas mais diversas regiões e localidades pode ser produzido também em espaços produtivos diversificados. Um exemplo disso é a criação de um certo tipo de gado de corte: *o novilho mundial, como o carro mundial, surgiu nas últimas décadas através de uma padronização internacional da tecnologia de*

---

<sup>43</sup> Charles-Albert Michalet, **O Capitalismo Mundial**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984, p.184.

<sup>44</sup> Leslie Sklair diz que: *a corporação transnacional (CTN) é o lugar principal das práticas econômicas transnacionais; o que eu denomino de classe capitalista transnacional é o lugar principal de práticas políticas transnacionais; e o lugar principal de práticas ideológico-culturais transnacionais pode ser encontrado na cultura-ideologia do consumismo*, in **Sociologia do Sistema Global**, Petrópolis, Vozes, 1995, p.18.

<sup>45</sup> Leslie Sklair, **Sociologia do Sistema Global**, Petrópolis, Vozes, 1995, p.19.

*produção e de um conjunto específico de relações sociais. Tudo é transnacional em principio (combinando a tecnologia de invernada dos EUA, os antibióticos europeus e o mercado japonês para a carne embalada) e baseado nos padrões internacionais de consumo e comércio. Isto não é sinônimo de dominação, pois firmas nacionais no Brasil, México e Argentina estão no novilho mundial.*<sup>46</sup>

As práticas transnacionais realizam-se nas finanças e no comércio, na fábrica e no consumo, na pesquisa e na técnica, como também, nas políticas públicas, para o campo e para a cidade. É possível pensar-se a competitividade como o elemento que as centralizam, como o eixo que as norteiam. Pensar a competitividade *strictu sensu*, nos remete a custos e volume de produção, rentabilidade, transportes, expansão de mercados, nível de consumo, de integração etc., enfim, às vantagens comparativas de produção e comercialização entre os produtos que se trocam. A partir dessa ótica, competitividade diz respeito a um leque de variáveis econômicas que tornam possível o domínio de parcelas de mercado cada vez mais significativas. Para nossa reflexão, essas características são necessárias, mas não suficientes para a explicitação do fenômeno. Propomos pensar a competitividade *lato sensu*, no sentido de que são inúmeros os fatores extra-econômicos que a influenciam: a composição do mercado de trabalho, do parque industrial, do mercado de consumo, a posição dos países no mercado mundial, enfim, fatores ambientais, sociais, políticos e culturais que são históricos, e que não podem ser avaliados em termos de quantidade. Nesse sentido, a caracterização de competitividade ganha uma conotação mais política do que econômica. Há que se levar em conta fatores estruturais que condicionam a competitividade, pois *...é relevante sublinhar que as políticas de competitividade são complexas. Combinam descentralização, cooperação e mobilização de instâncias administrativas e agências diversas. Não são factíveis sem uma elevada capacidade de coordenação e exigem que as políticas industriais, tecnológicas, de comércio exterior e de regulação de concorrência estejam afinadas entre si.*<sup>47</sup> Mas, de qualquer forma, caracterizar as práticas das corporações transnacionais sob a ótica da competitividade e não somente a partir da concorrência, pode possibilitar um melhor equacionamento de variáveis que lhes dizem respeito, tais como: diversidade produtiva, finanças, comércio, tecnologia e marketing.

---

<sup>46</sup> Leslie Sklair, *Sociologia do Sistema Global*, Petrópolis, Vozes, 1995, p.134.

<sup>47</sup> Luciano Coutinho e João Carlos Ferraz (coords.), *Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira*, Campinas, Papirus/Unicamp, 1994, p.44.

O padrão de comércio que predomina por um longo período da história é o da troca de produtos primários por produtos industriais. Alguns produtos detêm o "monopólio" de serem, por exemplo, tropicais. Outros, detêm outro tipo de "monopólio": de serem produzidos a partir de técnicas sofisticadas. Essas "qualidades" moldam a geografia do comércio internacional. Nesse sentido, as exportações de um país não dependem, exclusivamente, de padrões ditados pelos países ditos industriais. As relações de comércio entre países são parte de um movimento para o qual contribuem um leque de fatores, conjunturais e estruturais. De uma maneira geral, *poucos países, no entanto, dependem apenas de um único produto de exportação, e as relações de concentração de exportação vêm declinando, o que indica um processo regular de diversificação de exportações pela maioria dos países em desenvolvimento.*<sup>48</sup> A modernidade sinaliza uma tendência para a modernização do setor agrícola.<sup>49</sup> A agricultura transforma-se, integrando-se aos outros setores da economia, de várias formas. O movimento do capital, da técnica e das relações sociais se cruzam através do mercado. A atividade comercial baseia-se na diferenciação dos produtos que se trocam. A diversidade de bens e produtos pode ser pensada como elemento de integração ao mercado, que é primeiro internacional tornando-se cada vez mais global nos dias atuais. O mercado global influencia a estrutura dos sistemas produtivos. As fronteiras que separam o campo e a cidade, a nação e o mundo tornam-se cada vez mais tênues, pois esse mercado requer produtos in natura, beneficiados, processados e industrializados, produzidos nas diversas regiões do planeta, a partir de diferentes processos de produção. A agroindústria parece operar uma integração eficiente da atividade agrícola ao mercado global. Como observa Malassis, *... a tendência é a extensão das espécies em função de características industriais dos processos de transformação. A agroindústria internacional alarga o campo da agricultura ou pecuária das espécies para os espaços mundiais tecnicamente possíveis e economicamente rentáveis.*<sup>50</sup> Os conglomerados

---

<sup>48</sup> David Colman e Frederick Nixon, **Desenvolvimento Econômico - uma perspectiva moderna**, Rio de Janeiro, Campus/Edusp, 1981, p.110.

<sup>49</sup> No sentido de precisar a terminologia utilizada, quero esclarecer que modernidade diz respeito a uma nova forma de organização da sociedade, que tem início nos séculos XVIII e XIX e que se realiza no presente século. Modernização, diz respeito a mercado, tecnificação e racionalização. Constitui um processo amplo, em termos de relações societárias que atinge também o plano da cultura.

<sup>50</sup> Louis Malassis, **Economie Agro-Alimentaire - l'economie mondiale**, Tome III, Paris, Cujas, 1986, p.88, livre versão.

transnacionais são os responsáveis diretos pelo processo de internacionalização industrial. A reprodução ampliada do capital, da qual são os representantes principais, volta-se para o mundo, buscando novos mercados e economias de escala. A segmentação da produção é uma estratégia importante de competição no mercado mundial. A agroindústria alimentar parece oferecer múltiplos desdobramentos nesse sentido: quando um mesmo tipo de insumo é utilizado na produção de diferentes produtos (o trigo pode ser o produto central da farinha ou do macarrão ou do biscoito); ou quando se revela uma grande consumidora de máquinas industriais, de insumos químicos e biológicos e, certamente, de produtos agrícolas. No mundo contemporâneo está ocorrendo uma modificação dos padrões alimentares por conta de vários fatores. O desenvolvimento de novos produtos procura formar novos mercados. A agroindústria alimentar vincula-se a diversas redes de operações transnacionais, realizando um processo interativo, conectando fornecedores do campo e da cidade, da nação e da região, que fornecem alimentos e matérias-primas, máquinas e equipamentos, embalagens e propaganda, crédito e tecnologia.

Como podemos observar, a estratégia comercial das empresas que se conectam mundialmente, leva em contas as disparidades nacionais. Nesse sentido, vinculam-se a estratégias produtivas, que objetivam tirar partido da desigualdade entre os países, como por exemplo, da diferença nos custos de produção que existe entre eles. Mas, *a medida em que as economias do mundo continuam se integrando, torna-se cada vez mais difícil isolar e medir a dimensão econômica de qualquer país.*<sup>51</sup> O mundo contemporâneo assiste a implementação de reformas que objetivam implantar o livre mercado, como a liberalização do comércio, privatizações, reformas fiscais, a constituição de um mercado de capitais mundial etc. Barreiras que impeçam a participação de nações e regiões na economia global vão sendo paulatinamente derrubadas. Zonas de livre comércio e blocos comerciais desenvolvem-se em todo o mundo. Alianças diversificadas promovem o desenvolvimento regional. *Trata-se de um modelo para o crescimento econômico em direção ao século XXI: a criação de situações vantajosas para todas as partes, onde os países assumem tarefas econômicas para as quais estão melhor adaptados.*<sup>52</sup>

As relações comerciais que acontecem pelo mundo intensificam-se, realizando-se preferencialmente a partir dos blocos regionais. Estima-se que, *entre 1953 e 1973, para um*

---

<sup>51</sup> John Naisbitt, **O Paradoxo Global**, Rio de Janeiro, Campus, 1994, p.264.

<sup>52</sup> John Naisbitt, **O Paradoxo Global**, Rio de Janeiro, Campus, 1994, p.275.

*crescimento da renda mundial de 4,8% ao ano, o comércio internacional cresceu 7,8%. ... Neste período o único bloco regional de comércio que se consolida é o da Comunidade Econômica Européia (CEE). Entre 1973 e 1980, a renda mundial cresce 3,3% e o comércio internacional, 4,6% . Entre 1980 e 1985, o PIB mundial cresce 2,6% e o comércio, 2,4%. Entre 1986 e 1990, o PIB mundial é da ordem de 3,42% e o comércio internacional de 5,21%. E, entre 1991 e 1994, a renda mundial cresce 1,71% e o comércio 5,3%. Embora a taxa mundial de comércio apresente-se superior ao PIB, há que se levar em conta novas formas de protecionismo baseadas em restrições não tarifárias, como ações anti-dumping, direitos compensatórios, sistema de quotas, direitos alfandegários, etc. Deve-se destacar, no entanto, que para o período mais recente, o dinamismo do comércio mundial está muito mais vinculado a arranjos regionais de comércio e com uma nova característica: os principais atores do minilateralismo são os países desenvolvidos. Estima-se que atualmente 50% do comércio mundial se realize dentro de blocos regionais.<sup>53</sup> Esse fato não faz com que todos os países e populações participem da mesma forma do comércio mundial. Ao contrário: com base no Relatório sobre o Desenvolvimento Humano da ONU - 1992, 1/5 da população mundial constitui seu segmento mais rico, que detém 83% do PIB mundial, 81% do comércio, 95% dos empréstimos comerciais, 81% da poupança interna e 81% dos investimentos.<sup>54</sup>*

O desenvolvimento regional realizado a partir de blocos parece ser uma constante no mundo atual, embora esses blocos tenham sua configuração consolidada em diferentes períodos, como também diferentes razões, estruturais e conjunturais, contribuam para sua formação. A CEE - bloco europeu, que compreende os seguintes países: Alemanha, França, Itália, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Reino Unido, Irlanda, Dinamarca, Grécia, Espanha e Portugal - é fruto de um processo de integração comercial, assentado em bases históricas, a partir de políticas cambiais, tributárias, monetárias, agrícolas e outras, desenvolvidas entre os países membros. Assim sendo, ... *já há décadas o comércio intra-regional representa*

---

<sup>53</sup> Simão Davi Silber, *Evolução e Tendências do Comércio Internacional*, Coleção Documentos, Série Assuntos Internacionais - 35, USP, IEA, junho/95, p.3.

<sup>54</sup> Jacques Marcovitch, *Competitividade e Tecnologia no Brasil*. Coleção Documentos, Série Política Científica e Tecnológica - 11, USP, IEA, outubro de 1992, p.3.

*mais de 50% do comércio total, chegando a quase 70% no caso das importações agrícolas.*<sup>55</sup>

A economia do mundo moderno, organizada em núcleos industriais que concentram capacidade tecnológica e poder financeiro, por um lado, e em núcleos exportadores de alimentos e matérias-primas, compradores de bens e serviços dos núcleos industriais, por outro, parece estar se transformando de uma maneira rápida e profunda. Os blocos regionais de comércio parecem apontar nessa direção. O NAFTA - formado pelos EUA, Canadá e México - representa também a emergência de uma zona de livre comércio. Mas, *com relação à liberalização do comércio na América do Norte, deve-se destacar que a maioria do comércio já era livre de tarifas antes do início do NAFTA: 65% das exportações americanas para o Canadá e 80% das canadenses para os EUA eram isentas de impostos de importação. ... O México também já tem um nível de integração comercial elevada com os EUA. Das exportações totais de 28 bilhões de dólares em 1992, 84% se destinam ao mercado americano; das importações mexicanas de 48 bilhões de dólares, 75% são oriundas dos EUA.*<sup>56</sup>

A integração dos países que compõem o MERCOSUL - Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai - parece acompanhar as grandes linhas pelas quais se integraram os países da Europa e da América do Norte, embora essa integração comece a se efetivar, posteriormente à formação do bloco. Historicamente, não se verificam relações comerciais sistemáticas entre os países membros, fato que dificulta a integração, no sentido de que praticamente, todos seus elementos de base têm que ser criados (infra-estrutura de transportes, comercial, financeira etc.). *Ainda que represente menos de 10% das exportações totais do Brasil o MERCOSUL vem ganhando importância nos últimos anos.... de 1990 para cá, as exportações brasileiras para os países do MERCOSUL cresceram a impressionante soma de 1,87 bilhões de dólares (143%).*<sup>57</sup>

---

<sup>55</sup> Marcos Sawaya Jank, *A Importância do Setor Agroindustrial na Integração do Cone Sul: as Cadeias Sensíveis*, in Ricardo Seitenfus (org.), *A Agropecuária Brasileira e o MERCOSUL*, Coleção Documentos, Série A Integração Regional e o MERCOSUL - 3, USP, IEA, novembro de 1992, p.9.

<sup>56</sup> Simão Davi Silber, *Evolução e Tendências do Comércio Internacional*, Coleção Documentos, Série Assuntos Internacionais - 35, USP, IEA, junho/95, p.5.

<sup>57</sup> Marcos Sawaya Jank, *A Importância do Setor Agroindustrial na Integração do Cone Sul: As Cadeias Sensíveis*, in obra citada, p.10.

No bloco dos países do Sudeste da Ásia, capitaneado pelo Japão o chamado "BLOCO DO YEN " não existe ainda um aparato institucional que se assemelhe aos existentes nos demais blocos, *mas essa é a região do mundo na qual a interdependência comercial aumentou mais rapidamente nos últimos 10 anos.*<sup>58</sup> Isso se deve em parte, à agressividade comercial dos chamados tigres asiáticos: Coreia do Sul, Taiwan, Hong Kong e Cingapura, que emergiram nos anos setentas como novos países industriais (NIPs) nessa área do globo, como resultado de políticas e incentivos governamentais, que visavam a acelerar o desenvolvimento industrial nos referidos países.

CEE, NAFTA, MERCOSUL e "BLOCO DO YEN" são importantes exportadores e importadores de produtos agrícolas. Como se sabe, as taxas de crescimento comercial dos produtos agrícolas são menores do que as dos produtos industrializados. *Em 1990, 12,5% do comércio mundial correspondiam a produtos agrícolas; 9,5% a alimentos e 3% a matérias primas agrícolas.*<sup>59</sup> O comércio agrícola internacional, a partir de uma certa época da história, é objeto de intervenções por parte dos governos nacionais e dos blocos regionais, que procuram regular a oferta e a procura dos produtos, no sentido de, por um lado, regular o abastecimento interno de alimentos e matérias primas, buscando assegurar a alimentação das populações dos países e a rentabilidade dos produtores do campo; e, por outro, a exportação de produtos agrícolas e industriais. Políticas agrícolas podem ser pensadas como uma relação entre a intervenção do Estado e o padrão técnico da agricultura. Nesse sentido, sofrem pressões internas e externas de diversas ordens. Nos Estados Unidos, o Agricultural Adjustment Act de 1933 apresenta-se como um marco de referência para a política agrícola no mundo: institui uma política de preços mínimos, a compra de estoques pelo Estado e programas de controle da produção. A prática do protecionismo agrícola cresce após a Segunda Guerra Mundial e torna-se uma das bases de sustentação da política econômica externa na maioria dos países da Europa. No mesmo período, os EUA realizam políticas que sustentam a renda dos produtores agrícolas, bem como os preços de seus produtos no mercado. Interesses locais, nacionais, regionais e transnacionais compõem esse cenário, a partir de pleitos que têm pesos e influências diferenciadas em sua realização.

---

<sup>58</sup> Simão Davi Silber, *Evolução e Tendências do Comércio Internacional*, Coleção Documentos, Série Assuntos Internacionais - 35, USP, IEA, junho/95, p.7.

<sup>59</sup> Abreu, M. P. e Loyo, E. H. M., *Globalização e Regionalização: tendências da economia mundial e seu impacto sobre os interesses agrícolas brasileiros*, IPEA, Relatórios de Pesquisa, 1994, p.6.

Nos anos oitenta, o crescimento contínuo da produção agrícola, resultante de uma prática agrícola intensiva e de políticas protecionistas leva ao acúmulo de produtos que são em parte colocados no mercado mundial às custas de pesados subsídios.

Atualmente, verifica-se uma tendência de a política agrícola européia tornar-se semelhante à política agrícola norte-americana: controle da área plantada, mecanismos de sustentação da renda do produtor, notadamente do pequeno, subsídios indiretos à exportação etc. ... *A Política Agrícola Comum, sempre tomada como paradigma dos excessos da intervenção e apontada como maior responsável pelas distorções do comércio agrícola mundial, foi profundamente reformada em 1992 sem, entretanto abalar os princípios que a orientam, particularmente a preferência comunitária. O principal elemento da reforma (a substituição da ajuda via preços por formas de ajuda direta) a aproximou do padrão de intervenção norte-americano, o que, por si só, já lhe confere um importante escudo contra críticas no plano internacional. ... Os efeitos da reforma sobre o crescimento do comércio mundial certamente ficarão longe do que se esperava do assalto ao protecionismo. Seus resultados comerciais mais diretos e imediatos surgirão do acesso mínimo e do recuo das exportações subsidiadas, que poderão criar espaços para a expansão das exportações daqueles países que, nos últimos anos, viram dificultada, por força da operação das políticas agrícolas, sua maior presença no comércio exportador mundial.*

*O Brasil poderá ser um dos beneficiários. O acesso mínimo poderia permitir o crescimento das exportações brasileiras de carne de aves para a Europa; e o recuo das exportações subsidiadas abriria espaços, em terceiros mercados, para um aumento das vendas externas de açúcar, carne bovina, carne de aves e óleos vegetais.<sup>60</sup> O cenário do comércio mundial para produtos agrícolas pode, entretanto, sofrer maiores transformações em uma economia que se transforma rapidamente. Se pensarmos na possibilidade de difusão das técnicas de cultivo pelo mundo, pode ocorrer a auto-suficiência produtiva de países que antes eram importadores e que podem também no limite tornarem-se exportadores de produtos agrícolas. Nos parece ser esse o caso da Índia que, por exemplo, não compra mais trigo porque se torna auto-suficiente. Se pensarmos também nas áreas do globo temperadas ou tropicais, teremos grandes extensões territoriais, adequadas ao cultivo de produtos antes*

---

<sup>60</sup> Rinaldo Barcia Fonseca, *A Reforma das Políticas Agrícolas dos Países Desenvolvidos: Impactos sobre o Comércio Mundial*, IPEA, Documentos de Trabalho, 1994, pp.40 e 41.

considerados "monopólios", tropicais ou temperados, de certos países. Nesse sentido, a sociedade global é plena de possibilidades para a realização da atividade agrícola.

As corporações transnacionais ao integrarem a produção e o comércio, integram também as finanças. A sociedade global em formação sinaliza para uma tendência de constituição de uma rede de relações de interdependência, que é tecida em sua maior parte por atores não institucionais. A globalização dos mercados financeiros é parte importante desta rede, na medida em que se torna uma necessidade dos grandes grupos industriais e financeiros. *A esfera financeira representa a ponte no movimento de mundialização do capital ... pois ... nos grandes grupos do setor manufatureiro ou de serviços, a imbricação estreita entre as dimensões produtivas e financeiras da mundialização do capital, representa hoje um elemento constitutivo de seu funcionamento cotidiano.* As formas de interpenetração entre indústria e finanças são diversas, mas *um dos traços distintivos dos grupos industriais multinacionais é a internacionalização de um leque de operações financeiras que levam a constituição de um mercado financeiro interno ao grupo, que é também internacionalizado, como o próprio grupo.*<sup>61</sup> Nesse sentido, é possível pensar-se as corporações transnacionais como atores importantes que, através de suas práticas transnacionais, viabilizam operacionalmente o mercado financeiro mundial. Essas práticas, de certo modo, fogem ao controle de autoridades monetárias e cambiais dos diversos países em que operam. Como observam certos economistas, *o comércio dentro da empresa transnacional é transacionado fora da esfera do mercado e em muitos casos o preço do mercado pode não existir para o produto ou serviço que está sendo transferido...*<sup>62</sup> Assim, atividades transnacionais realizadas intra-grupos, transformam a natureza dos fluxos produtivos, comerciais e financeiros, pois uma parcela crescente desses fluxos será transacionada a partir de movimentos internos aos próprios conglomerados. A atividade agrícola articula-se ao capital financeiro através do sistema de crédito, oferecido por agências estatais de política agrícola, bem como pelo grande capital privado, nacional ou transnacional. A agroindústria integra-se de forma mais complexa ao "mundo das finanças", pois é parte de um movimento maior, que liga campo e cidade, nação e região, agricultura e indústria, empresa nacional e corporação transnacional.

---

<sup>61</sup> François Chesnais, **La Mondialization du Capital**, Paris, Syros, 1994, pp.206, 232 e 234, livre versão.

<sup>62</sup> David Colman e Frederick Nixon, **Desenvolvimento Econômico - uma perspectiva moderna**, Rio de Janeiro, Campus/Edusp, 1981, p.239.

*A técnica transforma as relações entre os homens e as relações entre o homem e o mundo; ela objetiva, racionaliza, despersonaliza.*<sup>63</sup> A organização do capitalismo em escala global transforma a organização da produção, do mercado e do consumo. Novos produtos são consumidos por novos consumidores nas mais diversas localidades. A competitividade, entre os diferentes setores da economia, tem neste momento o mundo como limite. As novas tecnologias possibilitam a realização efetiva da sociedade global. O desenvolvimento das telecomunicações, da micro-eletrônica e da robótica criam o cenário da sociedade global: cibernético, informatizado. Novos conhecimentos introduzem modificações relevantes nas relações societárias. O trabalho, a cultura, as comunicações e as relações de poder se transformam quando processos produtivos que combinam forças mecânicas e eletricidade são passíveis de serem substituídos por processo eletrônicos. Técnicas aperfeiçoadas ou inovadoras permitem tanto a distribuição das etapas da produção pelo mundo como também a união das várias partes dos produtos produzidos. A telemática<sup>64</sup> possibilita a interconexão em tempo real da produção, dos mercados, das finanças, das populações e dos produtos. As linhas aéreas de carga, os navios que transportam mercadorias ou mesmo que as processam em seu próprio espaço permitem que as exportações se realizem de modo rápido e eficaz. A energia nuclear, a biotecnologia e a engenharia genética apontam novos caminhos para o desenvolvimento da sociedade. A vida cotidiana também se transforma. Inovações tecnológicas produzem assim, transformações profundas na organização social, fato que alcança indivíduos e coletividades numa escala planetária. Ao explicar esse processo, Jean Chesnaux diz que: *o espaço da modernidade, o tempo da modernidade se organizam em sistemas rígidos aos olhos dos quais a natureza, a livre abundância das espécies vivas, o funcionamento flexível dos ritmos biológicos naturais são cada vez mais desprezados, degradados e desqualificados.*<sup>65</sup>

A agricultura tem papel importante na construção da modernidade. O algodão pode ser considerado a matéria prima fundamental da revolução industrial. O campo responde a demandas que são fundamentais para a formação da indústria moderna: alimentos, matérias-

---

<sup>63</sup> Edgar Morin, **Cultura de Massas no Século XX**, volume I: *Neurose*. Rio de Janeiro, Forense, 1990, p.171.

<sup>64</sup> De acordo com François Chesnais, telemática diz respeito aos novos sistemas de comunicações via satélite ou cabo aliados às tecnologias de informação e microeletrônica. Milton Santos trabalha o tema da difusão tecnológica em moldes globais a partir do conceito *meio técnico-científico-informacional*.

<sup>65</sup> Jean Chesnaux, **Modernidade-Mundo**, Petrópolis, Vozes, 1995, p.26.

primas e mão-de-obra. Apesar de a base científica ainda ser pequena, o início do capitalismo impõe um novo padrão produtivo para a agricultura. O produto do campo transforma-se em mercadoria. No final do século XIX, ocorre uma ampliação da base científica: o carvão pode ser substituído pela eletricidade a biologia, a química e a física desenvolvem novas tecnologias que, aplicadas à produção, mudam o produto do campo e da cidade. O século XX assiste ao aprofundamento desse processo. Conhecimentos científicos e experimentos anteriormente desenvolvidos transformam-se em técnicas industriais. Experimentos em relação à germinação das plantas realizados internamente ao espaço agrícola - fazendas e/ou jardins botânicos - começam a ser realizados em outros espaços, nos quais o agricultor tem pouca ou nenhuma participação. São criados ambientes específicos para a realização dos melhoramentos a partir de técnicas sofisticadas. No campo das sementes, o milho híbrido parece ser o exemplo paradigmático. Para o controle de pragas e doenças das plantas, a química fornece o referencial básico e novos pesticidas são pesquisados, desenvolvidos e aplicados. A calda bordalesa pode ser apontada como um dos elementos precursores deste tipo de técnica e convive até hoje com outros desdobramentos mais complexos: herbicidas, inseticidas, acaricidas e fungicidas. Os fertilizantes - nitrogênio, fósforo e potássio - parecem seguir o mesmo caminho. Ocorre também o desenvolvimento da tecnologia na produção animal, quando se verifica o controle alimentar através do uso de rações balanceadas; e das doenças, através da utilização de remédios e vacinas apropriadas. A indústria de máquinas e implementos agrícolas vai se impondo como a força motriz que predomina no campo. Ciência e técnica aliam-se na busca da produtividade, do aumento da quantidade de produto por área na lavoura. Nesse percurso, complementaridades entre as várias tecnologias vão sendo criadas, pois a trajetória tecnológica não pode nunca ser definida de antemão. Ela é produto de desenvolvimentos científicos que são aplicados no tempo e no espaço de acordo com relações sociais que se travam a partir do desenvolvimento do capitalismo. Assim sendo, não segue uma linha evolutiva, diz respeito aos vai-e-vem do processo de modernização da agricultura.<sup>66</sup> As inovações que ocorrem são, portanto, indissociáveis do processo produtivo. A trajetória tecnológica também se constrói em função de dificuldades e desequilíbrios que se verificam na produção.

---

<sup>66</sup> David Goodman, Bernardo Sorj e John Wilkinson são alguns dos autores que tratam a história do desenvolvimento tecnológico. No livro *Da Lavoura às Biotecnologias*, Rio de Janeiro, Campus, 1990, mostram a trajetória da indústria de fertilizantes e defensivos agrícolas a partir da Alemanha e da Inglaterra, e de máquinas e implementos agrícolas a partir dos EUA.

No início deste século, a agricultura dos Estados Unidos já apresenta áreas de cultivo intensivo, onde prevalecem o trabalho assalariado e a utilização de máquinas e de insumos agrícolas. Os anos quarenta parecem apontar para a consolidação de um padrão tecnológico que se difunde pelo mundo: utilização de sementes melhoradas, de rações e produtos farmacêuticos, de máquinas e de fertilizantes, que resultará na chamada revolução verde. Como relata José Eli da Veiga, ... *a política do New Deal favoreceu a passagem de um sistema de produção agrícola fundamentalmente extensivo, para um sistema de produção intensivo, baseado no alto consumo de insumos industriais*.<sup>67</sup> A Segunda Guerra Mundial possibilitou que os EUA se tornasse o maior fornecedor de alimentos do mundo. O pós-guerra dá continuidade a essa condição, fato referendado pelo Plano Marshall. Acontecimentos históricos propiciam um desenvolvimento agrícola espetacular dos EUA, ampliando a base tecnológica da produção agrícola em termos mundiais. Para se ter uma idéia desse desenvolvimento, dados sobre a mecanização da agricultura norte-americana parecem ser expressivos: nos EUA, em 1930, existiam 746 mil tratores; em 1940, este número cresce para 1,6 milhões, para, em 1950, crescer para 3,4 milhões e, em 1960 para 4,7 milhões.<sup>68</sup> A mecanização agrícola pode ser pensada como o elemento que simboliza o aumento da produtividade do trabalho. A agricultura moderna é intensiva em capital e dinâmica em tecnologia.

Os Estados Unidos viabilizam um padrão tecnológico que se difunde mundialmente. Os anos sessenta configuram um período de intensa internacionalização do capital e, conseqüentemente, de ampliação de mercado. A agroindústria expande-se, notadamente no setor de insumos e de processamento de alimentos. A revolução verde concretiza-se. A oferta de produtos agrícolas cresce significativamente. Os cereais são sua cultura de ponta. Seu objetivo central é o aumento da produção agrícola, fato concretizado com o melhoramento e variedade das plantas. As VARs (variedades de alto rendimento) oferecem um aumento da produção, pois seu cultivo resulta em maior quantidade de grãos e menor quantidade de palha. Em seus tratos culturais, faz-se necessária a utilização de fertilizantes, pesticidas e mecanização. Está criado o pacote tecnológico que implanta um modelo

---

<sup>67</sup> José Eli da Veiga, **O Desenvolvimento Agrícola - uma visão histórica**, São Paulo. Hucitec/Edusp, 1991, p.74.

<sup>68</sup> De acordo com Willard W. Cochrane, **The Development of American Agriculture - a historical analysis**, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1979, p.126.

agrícola produtivista.<sup>69</sup> Ocorrem transformações qualitativas no processo de trabalho e nas relações sociais. O empreendimento agrícola moderno, além de ser intensivo em capital e dinâmico em tecnologia, tem uma estrutura organizacional que se assemelha aos dos outros setores da economia: realiza aplicações financeiras, informa-se sobre os preços de mercado dos produtos, utiliza computadores na organização da produção, toma decisões a partir de informações técnicas etc., enfim, é administrado como um negócio. Nesse sentido, ... *o trabalho rural também se urbaniza e reflete a crescente importância das atividades exercidas "além da porteira das fazendas"*.<sup>70</sup>

Há que se levar em conta, entretanto, que a difusão tecnológica diz respeito também a fatores ambientais, demográficos, históricos e geográficos nos diferentes países. Nesse sentido, são diversas as soluções tecnológicas adotadas, que dependem de combinações também diversas. Mas, de uma maneira geral, *para haver crescimento de produto e de produtividade agrícola é necessário aumentar tanto a oferta dos fatores tradicionais como a dos não convencionais. Na medida em que as ofertas adicionais do principal fator tradicional, terra, são pequenas na maioria dos países, a expansão se apóia sobretudo nas ofertas crescentes de insumos não convencionais, como sementes aperfeiçoadas e híbridas, fertilizantes inorgânicos, pesticidas, equipamento de irrigação e maquinaria*.<sup>71</sup>

Está se instalando uma racionalidade nova no modo de produzir o produto do campo. Essa nova lógica minimiza o papel do Estado enquanto gestor da produção agrícola, potencializando sua coordenação a partir das corporações transnacionais. Cabe aos conglomerados transnacionais a maior parte das práticas de difusão das novas tecnologias, eles participam também, de alguma forma, de sua pesquisa e de seu desenvolvimento. São eles que se preocupam com os padrões de qualidade do produto, realizando sua adequação em termos de mundo, quando fornecem as sementes, os pesticidas e os fertilizantes, produzindo também o produto final, na forma de insumo industrial ou alimento. A agroindústria alimentar parece ser o coração do sistema devido a sua capacidade de gerar

---

<sup>69</sup> David Goodman, Bernardo Sorj e John Wilkinson, in *Da Lavoura às Biotecnologias*, Rio de Janeiro, Campus, 1990, qualificam o processo de "industrialização" da agricultura de apropriação. Ele se dá principalmente a partir da agroindústria.

<sup>70</sup> José Graziano da Silva, *Industrialização e a Urbanização da Agricultura Brasileira*, in *São Paulo em Perspectiva*, vol.7, nº3, Set/1993, p.6.

<sup>71</sup> David Colman e Frederick Nixon, *Desenvolvimento Econômico - uma perspectiva moderna*, Rio de Janeiro, Campus/Edusp, 1981, p.150.

novos produtos com base em conhecimentos especializados. *A diversificação alimentar depende cada vez mais da capacidade de inovação da indústria e de sua capacidade de "fabricar" produtos alimentares adaptados às novas condições de consumo da população.*<sup>72</sup>

De acordo com John Wilkinson, as novas tecnologias, aliadas a um novo padrão de consumo, têm a potencialidade de reduzir a importância do setor de primeiro processamento, centrado em baixo valor e alto volume de produto, invertendo os termos da equação: alto valor e baixo volume de produto. *As indústrias alimentares japonesas estão desempenhando um papel central no desenvolvimento das biotecnologias ... Estamos no início de uma reestruturação fundamental do sistema alimentar mundial em que o Japão provavelmente terá papel dominante na consolidação de intermediários alimentares. Nesse país, a indústria de fermentação domina tanto o setor de alimentos como o de produtos farmacêuticos, mas por outro lado depende pesadamente de importações de matéria prima. Existindo, assim, pouco compromisso com produtos específicos, explora-se em contrapartida a capacitação na tecnologia de fermentação e de enzimas para aumentar a flexibilidade em relação a insumos. O Japão, finalmente, situa-se estrategicamente em relação a mercados-chave do Sudeste de Ásia que estão simultaneamente modernizando os sistemas alimentares e adotando importantes aspectos dos padrões ocidentais de consumo.*<sup>73</sup>

A biotecnologia é definida por Paul Kennedy como *qualquer técnica que use organismos ou processos vivos para fazer ou modificar produtos, melhorar plantas ou animais, ou para desenvolver microorganismos para usos específicos.*<sup>74</sup> Verifica-se atualmente uma tendência para extração de componentes alimentares de vários produtos agrícolas que são recombinados nos "compostos fabricados". Ocorre nesse processo uma "substituição" do produto natural. A margarina é um dos primeiros produtos alimentares "fabricados". A cana-de-açúcar pode ser substituída por isoglucose, sacarina ou ciclamato. Bebidas "agrícolas", são substituídas por bebidas "fabricadas". A Coca-Cola é a versão mais antiga. O Gatorade, a mais moderna. A extração de proteínas de plantas, permite a fabricação de produtos análogos ao leite e à carne. A proteína de soja constitui a versão

---

<sup>72</sup> Louis Malassis, *Economie Agro-Alimentaire*, Tome I, Paris. Cujas, 1973, p.14, livre versão.

<sup>73</sup> John Wilkinson, *O Futuro do Sistema Alimentar*, São Paulo, Hucitec, 1989, p.67.

<sup>74</sup> Paul Kennedy, *Preparando para o Século XXI*, Rio de Janeiro, Campus, 1993, p.67.

mais acabada desse processo. São inúmeros os exemplos de diversificação industrial de produtos alimentares, só no caso do leite, há o aromatizado, o desnatado, o semi-desnatado, o esterilizado, o condensado e o em pó. Verifica-se também a produção industrial de alimentos voltada a certos segmentos de mercado. É o caso de produtos que se destinam à nutrição dos bebês ou a regimes alimentares.

A diversidade produtiva tem por base a inovação industrial, mas tem como referência o mercado consumidor. *Os produtos alimentares agrícolas estão em declínio relativo e os produtos agroindustriais, em grande crescimento. A inovação alimentar não depende mais fundamentalmente da diversificação agrícola ou comercial nem das receitas culinárias transmitidas pela família, mas, sim, dos serviços de marketing e pesquisa da indústria.* Nesse sentido, *a agricultura constitui sempre a infra-estrutura, insubstituível, mas a inovação agroalimentar pertence à indústria.*<sup>75</sup> Cada vez mais os serviços associam-se à produção de alimentos. A vida moderna leva a novos hábitos alimentares. Refeições preparadas industrialmente, comidas congeladas, restaurantes tipo *fast food*, são uma constante nos dias de hoje. Paralelamente, novos padrões de consumo alimentar têm como critério a nutrição e a saúde. A urbanização do mundo tem papel importante nesta transformação. O consumo de massa requer produtos industrializados. A participação da mulher no mercado de trabalho possibilita a existência de um consumo alimentar voltado para a facilidade no preparo das refeições. O turismo amplia os horizontes de consumo, facilitando a receptividade em relação aos novos produtos. *Hamburgers, sushis e pastas* são consumidos em todo o mundo. Representam a nova maneira de *estar no mundo*. *Os alimentos descolam de suas territorialidades para serem distribuídos em escala mundial. Não existe nenhuma "centralidade" nas cervejas, chocolates, biscoitos, refrigerantes. Trata-se de produtos consumidos mundialmente e distribuídos por grupos multinacionais.* Mercado de bebidas: *Coca-Cola (Estados Unidos - 44,7% de vendas no exterior), Lonrho (Reino Unido - 34,8%), Segram (Canadá - 92,9%), Guinness (Reino Unido - 51%), Molson (Canadá - 56%).* Mercado de chocolate, dominado por grandes companhias como *Mars Incorporation (EUA), Hershey Foods Corporation (EUA), Rowntree-Mackintosh (Reino Unido), Nestlé (Suíça), Cadbury-Sweppes (Reino Unido), Jacobs-Suchard (Suíça).* Mercado de biscoitos, cuja concentração mundial, 50%, encontra-se nas mãos de quatro grandes empresas: *Nabisco, United Biscuits, Générale Biscuit, Bahlsen. Produtos que se*

---

<sup>75</sup> Louis Malassis, *Economie Agro-Alimentaire*, Tome I, Paris, Cujas, 1973, pp.50 e 44, livre versão.

*encontram em exposição nas prateleiras dos supermercados, sendo ainda veiculados pelas cadeias de hotéis e de restaurantes internacionais. Na Inglaterra, a United Biscuits está associado à Whimpy e Pizzaland, Grand Metropolitan à Crest Hotels; nos Estados Unidos, Pepsico promove Kentucky Fried Chicken, Pizza Hut, Taco Bell, e Campbell Soup se ocupa de Petro's Pizza. Na França, Socopa se vincula à Freetime (companhia francesa apesar do nome), e na Suíça, Nestlé se agrupa à cadeia norte-americana Stouffer Hotels.<sup>76</sup> Hábitos alimentares dizem respeito a práticas culturais. De acordo com Renato Ortiz, *uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou. ... Uma civilização promove um padrão cultural sem com isso implicar a uniformização de todos. Uma cultura mundializada secreta também um "pattern", que eu qualificaria de modernidade-mundo. Sua amplitude envolve certamente outras manifestações, mas, o que é mais importante, ela possui uma especificidade, fundando uma nova maneira de "estar no mundo".<sup>77</sup> Essa cultura mundializada envolve várias manifestações e o padrão alimentar é uma delas.**

## **2. A Agroindústria Alimentar**

*... Os jornalistas e ensaístas filosóficos que detectaram o "fim da história" na queda do império soviético estavam errados. O argumento é melhor quando se afirma que o terceiro quartel do século assinalou o fim dos sete ou oito milênios de história humana iniciados com a revolução da agricultura na Idade da Pedra, quando mais não fosse porque ele encerrou a longa era em que a maioria esmagadora da raça humana vivia plantando alimentos e pastoreando rebanhos.<sup>78</sup>*

A modernidade trouxe consigo uma nova forma de produzir, comercializar e consumir o produto do campo. É possível pensar-se que nessa nova forma, a agricultura dependa cada vez menos de agricultores e cada vez mais de pessoas que realizem atividades não agrícolas. À medida em que a atividade agropecuária deixa de se voltar prioritariamente para o auto-consumo e volta-se para o mercado, sua organização é redefinida. A produção de mercadorias requer a contínua expansão de mercados. A sociedade industrial caracteriza-se pela integração das diversas atividades, quer se realizem no campo ou na cidade. A

---

<sup>76</sup> Renato Ortiz, *Mundialização e Cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1994, pp.80-1.

<sup>77</sup> Renato Ortiz, *Mundialização e Cultura*, São Paulo, Brasiliense, 1994, pp. 31 e 33.

<sup>78</sup> Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos - O breve século XX - 1914-1991*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

produção de alimentos integra-se ao comércio, à indústria, às finanças e ocorre a especialização de grande parte das unidades de produção agrícolas. Mas isso só não basta. Os produtos agrícolas são, de modo geral, de baixo valor. Quando o produto do campo é industrializado, além de tornar-se mais durável e de distribuição mais fácil, ganha um adicional de valor. Nesse sentido, se o produto agrícola agrega pouco valor, industrializá-lo é a solução. Como relata Kautsky, ... *tornara-se, pois, duplamente aconselhável ganhar como industrial aquilo que se perdera como lavrador ou proprietário fundiário, de compensar a queda da renda fundiária através de lucros industriais crescentes, de transformar o produto natural barato em um produto industrializado mais caro.*<sup>79</sup> É neste contexto que surgem as primeiras indústrias agrícolas de laticínios, frutas em conserva, vinho, vinagre, açúcar, etc. A Nestlé, no final do século XIX, já possuía na Suíça, duas fábricas de leite condensado e uma de farinha láctea. *..Esta última encontra-se em Vevey e industrializa diariamente 100 mil litros de leite que são fornecidos por 12 mil vacas em 180 aldeias.*<sup>80</sup> A Coca-Cola já é internacional desde 1900 e, ... *em 1929, ela operava 64 empresas de engarrafamento em 28 países diferentes. ... A Coca-Cola é encontrada em 155 países, mais de 60% de sua vendas são fora dos Estados Unidos e mais de 300 milhões de coca-colas são bebidas todos os dias (informação de 1986). Ela é realmente global.*<sup>81</sup> Está se constituindo uma nova forma de produzir e de consumir o alimento. A indústria agrícola transformando o produto do campo transforma também práticas centenárias de sua produção e consumo.

Novas condições sociais da produção e do consumo do alimento levam ao desenvolvimento de novas técnicas de cultivo e de novos produtos alimentares. As lavouras utilizam-se de sementes melhoradas, de fertilizantes e pesticidas. Necessitam também de máquinas e de equipamentos agrícolas. O produto do campo é processado e comercializado a partir de técnicas de processamento e de distribuição cada vez mais complexas, nos mais diversos lugares. A área agriculturável cresce no mundo todo. O "negócio" agrícola amplia-se, diversifica-se. Está acontecendo o processo de modernização do campo, chamado por muitos de "industrialização da agricultura". *Em seu sentido mais amplo o termo "industrialização" denota a organização da produção em negócios empresariais*

---

<sup>79</sup> Karl Kautsky, *A Questão Agrária*, São Paulo, Nova Cultural, 1986, p.231.

<sup>80</sup> Conforme Karl Kautsky, em obra citada, p.247.

<sup>81</sup> Leslie Sklair, *Sociologia do Sistema Global*, Petrópolis. Vozes, 1995, p.184.

*caracterizados pela especialização e divisão do trabalho e envolvendo a aplicação de tecnologia e energia mecânica ou elétrica para suplementar e substituir o trabalho humano. Concebido desta forma, todos os setores da economia (a produção de bens de consumo e de equipamentos ou de capital, a agricultura e atividades de serviços) podem ser "industrializados" e, portanto, é o enfoque racional ao processo de produção em si que tem importância e não a mera produção de artigos considerados "industriais".<sup>82</sup> Verifica-se neste processo um inter-relacionamento entre os setores da economia. Desse modo, o progresso da indústria vem abrindo o caminho, comandando a evolução e estabelecendo a lei geral do progresso da agricultura, pois ...é o desenvolvimento industrial que aciona o desenvolvimento agrícola, que dita à agricultura as regras segundo as quais ela poderá progredir, bem como os limites até onde ela poderá expandir-se.<sup>83</sup>*

A expansão dos mercados, das técnicas de produção, de gerenciamento e de distribuição levam a um aprofundamento no processo de integração agricultura/indústria. A agroindústria pode ser considerada como o produto genérico e acabado dessa integração. Ela é rica e complexa, envolvendo um leque amplo e variado de operações que transformam o produto natural do campo em produto final industrializado. Grosso modo, pode ser classificada em alimentar - cereais, óleos, conservas, bebidas, laticínios, carnes, ovos, açúcar etc. - e não alimentar - fumo, têxtil, madeira e mobiliário, couro, álcool etc. As agroindústrias processadoras são chamadas *a jusante* pela literatura especializada. Para que o produto agrícola industrializado chegue até seu consumidor final, ocorrem também diversas integrações *a montante*, termo também utilizado pela literatura especializada e que diz respeito ao maquinário, às sementes, aos fertilizantes e pesticidas, ou seja, aos insumos bio-químicos e mecânicos. Está se formando o que se convencionou chamar de complexo agroindustrial. Uma abordagem primeira, baseada em uma visão panorâmica desse complexo tende a englobar as operações produtivas, de processamento, armazenagem, financiamento e de comercialização do produto. Mas, como diz Graziano da Silva, *o assunto é complexo*.<sup>84</sup> São várias as utilizações e os desdobramentos do termo, que correspondem também a múltiplas abordagens teórico-metodológicas. Embora a pesquisa trate de integrações,

---

<sup>82</sup> David Colman e Frederick Nixon, **Desenvolvimento Econômico - uma perspectiva moderna**, Rio de Janeiro, Campus/Edusp, 1981, p.193.

<sup>83</sup> Alberto Passos Guimarães, **A Crise Agrária**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p.83.

<sup>84</sup> José Graziano da Silva, **Complexos Agroindustriais e outros Complexos**, in *Revista Reforma Agrária*, vol. 21, Campinas, ABRA, set/dez 1991, p.5.

relações, dependências e encadeamentos variados, entre os setores da economia, não é o caso de entrarmos nesse debate.<sup>85</sup> O que nos interessa investigar não é a integração a partir da cadeia - conjunto de atividades produtivas ligadas a uma agroindústria dada - ou a partir da *filière* - sequência produtiva de atividades ligadas a um conjunto específico. Nossa investigação diz respeito a uma rede de integrações que tornam a agricultura uma atividade global. Conceitos e categorias de análise são construídos com o intuito de explicarem a realidade social a que dizem respeito. O debate que se trava a respeito do CAI - complexo agroindustrial - é específico e vem, em certa medida, reforçar a hipótese desenvolvida ao longo de meu trabalho: de que estão se construindo novas relações entre as atividades agrárias e o restante da economia, que dizem respeito ao local, ao regional e ao global. Nesse sentido, verifica-se uma integração dos vários agentes produtivos, das diversas etapas da produção, dos serviços, dos capitais, da tecnologia, do gerenciamento, das informações, do marketing, das políticas agrícolas, do consumo e do mercado, em um contexto mundial. Como já foi dito, há diversas noções de complexo, que envolvem procedimentos que têm dinâmicas diferentes. Muito mais com a intenção de descrever um processo do que de conceituá-lo teoricamente, proponho a utilização do termo rede, que a meu ver é satisfatório para apreender a multiplicidade de integrações e inter-relações complexas, que se verificam na produção alimentar nos dias de hoje. A agroindústria alimentar é um sistema aberto, pleno de relações. O uso do termo rede pode possibilitar a realização operacional de uma taquigrafia das práticas transnacionais<sup>86</sup> em suas diversas configurações.

A agricultura, que no início do processo de industrialização no mundo caminhava "a reboque" do movimento geral da economia, parece transformar-se cada vez mais em uma engrenagem solidária aos outros setores econômicos. *O capital industrial foi progressivamente se apropriando de elementos do processo rural de produção e reincorporando-os à agricultura como insumos ou meios de produção.*<sup>87</sup> A agroindústria

---

<sup>85</sup> Apontaremos, no entanto, alguma bibliografia que possibilite ao leitor inteirar-se dele: Graziano da Silva sintetiza os termos do debate em texto citado na nota anterior e vários autores tratam do tema in Delgado, G.; Gasques, J. e Villa Verde, C. M.; **Agricultura e Políticas Públicas**, IPEA, 1990, notadamente no texto *O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais*.

<sup>86</sup> De acordo com Leslie Sklair, são as práticas transnacionais que validam o conceito de sistema global, in **Sociologia do Sistema Global**, Petrópolis, Vozes, 1995.

<sup>87</sup> José Eli da Veiga, **O Desenvolvimento Agrícola - uma visão histórica**, São Paulo, Hucitec/Edusp, 1991, p.178.

alimentar revela-se uma engrenagem eficiente e produtiva do capitalismo. Nos dias de hoje, a difusão do consumo de alimentos beneficiados, de restaurantes que servem refeições ligeiras e do supermercado como lugar privilegiado de compras apontam para a crescente integração da atividade agrícola às atividades comerciais e industriais. Cadeias e redes de operações integram produtos, fábricas e pessoas de todas as partes do mundo. A corporação transnacional pode ser pensada como principal agente desta integração. De acordo com Paul Kennedy, ... *estão surgindo conglomerados que controlarão todos os aspectos do processo de fornecer alimento, desde as sementes e adubos (ou hormônios e genes in vitro) até os produtos enlatados e empacotados no supermercado.*<sup>88</sup> Em 1980 Roger Burbach e Patricia Flynn escreviam: *as multinacionais norte-americanas não estão apenas empenhadas em desenvolver-se dentro de outros países - elas constituem também o elo crucial na integração global da agricultura através do comércio internacional.*<sup>89</sup> A década de noventa assiste a um outro tipo de integração: a produção pode ser fracionada entre as várias regiões e continentes. A escolha desses locais obedece a critérios de competitividade das empresas e dos produtos através do mundo.

A agroindústria alimentar pode ser pensada em termos mundiais pois, a unificação dos mercados e da produção transborda as fronteiras dos países. No entanto, a dinâmica dos mercados nacionais difere, em vários aspectos e por várias razões, da dinâmica do mercado mundial. Cientes desse fato, os grupos transnacionais apoiam seu crescimento em estratégias que se voltam para os mercados domésticos, investindo na especialização e segmentação da produção e apostando no consumo. Ocorre um deslocamento do comércio de produtos agrícolas tradicionais para produtos agroindustriais. *Para penetrar em mercados ricos, como nos mercados de massa, os beneficiadores de alimentos usam a mesma tática comercial empregada em seu país de origem - a publicidade. Muitas companhias trazem seus próprios especialistas em publicidade, enquanto outras trabalham com agências transnacionais como a J. Walter Thompson e a McCann-Erickson. "A publicidade", como observou um diretor da Quaker Oats na Colômbia, "é um instrumento capitalista e não operamos em países que não nos permitam anunciar".*<sup>90</sup> A agroindústria possibilita um leque variado de combinações que transformam produtos "tradicionais" em "novos"

---

<sup>88</sup> Paul Kennedy, **Preparando para o Século XXI**, Rio de Janeiro, Campus, 1993, p.320.

<sup>89</sup> Roger Burbach e Patricia Flynn, **Agro-Indústria nas Américas**, Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p.17.

<sup>90</sup> Roger Burbach e Patricia Flynn, **Agro-Indústria nas Américas**, Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p.128.

produtos. A margarina, produzida desde o século XIX, é sempre um produto "novo", quando, por exemplo, transforma-se em *light* ou *diet*, ou quando ocorrem mudanças em sua textura, sabor ou embalagem. O setor de serviços tem papel de destaque nesse movimento. Nesse contexto, a importância do setor de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos é relativizada e a publicidade apresenta-se como elemento chave para as indústrias alimentares. *Vale a pena confrontar a importância relativamente marginal atribuída aos orçamentos de pesquisa a nível das empresas alimentadoras com os orçamentos bem mais representativos destinados à publicidade. Assim, por exemplo, enquanto o grupo BSN-France gasta em pesquisa somente 0,7% de seu orçamento de negócios, seu orçamento de "marketing" (estudo e promoção) é de 11%.<sup>91</sup>*

Os conglomerados transnacionais operam a partir de uma estratégia que pode ser classificada como multi-doméstica, que os possibilita trabalhar ao mesmo tempo a economia de escala e a marca do produto nos vários países. A expansão e diversificação dos mercados viabilizam essa estratégia. A grande distribuição no varejo, onde o hipermercado representa a versão mais acabada, aponta para um crescimento da demanda. A Nestlé, a Quaker e a Unilever, grupos que detêm um grande número de marcas, são exemplos significativos nesse sentido. Mais ainda, internacionalizando grande parte de suas atividades, a partir de práticas transnacionais, esses grupos constituem atores importantes para a formação da sociedade global. ... *A GPAO (gestão de produção apoiada pelo computador) permite controlar conjuntamente os fluxos de matéria-prima, a situação dos estoques, o encadeamento das operações, a regularidade da clientela, a gestão do pessoal ...<sup>92</sup>* A agroindústria alimentar se globaliza na medida em que certos padrões de consumo alimentar são mundializados.

Um mundo homogêneo não existe, pois há diferenças geográficas, históricas, econômicas, políticas e culturais entre as diversas regiões e países. Esse fato leva a uma diversidade na produção, na distribuição e no consumo do alimento. Apesar disso, o mercado global de alimentos não se apresenta como uma ficção intelectual. A agroindústria tem um papel central na produção alimentar e induz a transformações significativas dos hábitos alimentares no mundo. O urbano, *habitat* que prevalece no mundo contemporâneo, é um elemento importante na transformação dos padrões de consumo. Vale lembrar que o

---

<sup>91</sup> Roberto Fanfani, Raul Green e Manoel Rodrigues Zuñiga, **Um Impacto Limitado: biotecnologias na agroalimentação**, in *Ensaio FEE*, Porto Alegre, ano 12, nº2, 1992, p.473.

<sup>92</sup> Jean Chesnaux, **Modernidade-Mundo**, Petrópolis, Vozes, 1995, p.114.

consumo de massa se apóia em um padrão alimentar que se difunde de forma crescente. Embora seja esse padrão o que predomina, alcança somente uma parcela da população - a que tem poder de compra, não suprimindo portanto as desigualdades sociais.

É possível dizer-se que os Estados Unidos nos anos trinta define os caminhos que a agricultura percorreria neste século. O New Deal tem a agricultura como elemento chave de sua política. Uma agricultura intensiva, subsidiada, com ampla base de pesquisas realizadas através do Departamento de Agricultura e dos *colleges* rurais. O *Agricultural Adjustment Act*, considerado um marco de política agrícola para o mundo, é de 1933. Está se constituindo a produção mundial em grande escala, baseada na grande quantidade de produtos a preços baixos. Inovações produtivas, tecnológicas e organizacionais levam ao aumento da produção e do mercado. "Novos" produtos se impõem, suplantando produtos tradicionais. A soja pode ser considerada o exemplo mais significativo desse "modelo americano": possibilita a cultura mecanizada da semeadura à colheita, podendo ser comercializada como produto intermediário ou final. A era das *commodities* agrícolas - produtos padronizados e comercializados internacionalmente em grande escala - se instala. De acordo com José Eli da Veiga, *a grande contribuição do New Deal para o desenvolvimento americano foi a montagem de diversos mecanismos que alavancaram o poder de compra. Nas cidades, por meio das políticas de bem estar, trabalhista e fiscal. No campo, graças a subsídios diretos à agricultura comercial. É verossímil dizer que tais medidas engendraram a "revolução da renda", abrindo caminho para a posterior fase de acumulação intensiva.*<sup>93</sup> A partir dos anos quarenta os Estados Unidos, por conta da guerra e do pós-guerra, tornam-se o principal fornecedor agrícola da Europa. Ocorre nessa época um grande desenvolvimento da agricultura norte-americana, pois a expansão do mercado externo e o pleno emprego interno são elementos favoráveis para a ampliação e o aprofundamento de um padrão técnico e produtivo - plantas resistentes e de alta produtividade - que se tornará internacional. Cresce a demanda por *commodities* agrícolas. Produtos *in natura* ou beneficiados são comercializados no mundo todo. *O desenvolvimento da produção e das utilizações da soja nos Estados Unidos não resultou unicamente das qualidades primitivas da planta. Estas serão objeto de modificações incessantes sob o efeito*

---

<sup>93</sup> José Eli da Veiga, **Metamorfoses da Política Agrícola dos Estados Unidos**, Tese apresentada para concurso de Livre-Docência no Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993, p.30.

*conjunto dos esforços da pesquisa, da ação das empresas e dos poderes públicos. Pesquisadas inicialmente por seu óleo, a soja iria tornar-se uma fonte de proteínas; uma planta óleo-protéica. O complexo americano de soja é apontado como um ... novo modelo de produção e de consumo. Seu motor é a acumulação do capital que faz aumentar a intensificação da criação, para produzir, a menor custo, a carne, o leite e os ovos que o consumidor exige. Sua base científica é a revolução dos métodos da alimentação animal que buscam combinar, da maneira mais eficaz possível, os diversos nutrientes (proteínas, energia, vitaminas, etc.) fornecidos pelas matérias-primas agrícolas.<sup>94</sup>*

A soja é um produto com grande potencial para a ampliação de mercado: seus grãos podem ser transformados em óleo ou torta. O óleo de soja possibilita múltiplos usos: a indústria de alimentos extrai dele a lecitina de soja, com a qual faz doces, molhos etc.; a margarina pode ser também fabricada a partir dele, como também as gorduras utilizadas no preparo de sorvetes; o queijo de soja (tofu) e o molho de soja utilizado como condimento (shoyo), consumidos tradicionalmente no Oriente, cada vez mais se encontram nas refeições do Ocidente. A soja também possibilita sua transformação em produtos em pó: farinhas e concentrados são utilizados na panificação e na fabricação de salsichas; pode também ser substituta do leite. Isolada, pode substituir a proteína do ovo. Embora a utilização alimentar constitua seu maior mercado, é utilizada também na fabricação de sabão, de tintas e vernizes, de glicerina, de lubrificantes e até como mistura para óleos combustíveis.<sup>95</sup> Mas, *como os produtos da soja - óleo ou torta - são inicialmente "bens intermediários", matérias-primas de produtos alimentícios diversos, é necessário certo tipo de esforço para compreender-se que se está comendo indiretamente soja "sob todas as formas": óleo de soja nas batatas fritas e chips, nos pratos cozidos, proteínas de soja nas bebidas achocolatadas, nas massa alimentícias, proteínas de soja "texturizadas" nos hamburgers etc.*<sup>96</sup> A soja é um produto cultivado em grande escala, a partir de técnicas de cultivos modernas e intensivas e que possibilita vários usos, isto é, uma diversificação da produção. Além disso, pode ter um preço baixo de venda e, conseqüentemente, também o podem seus derivados. Como se sabe, a margarina é um produto mais barato que a manteiga: o óleo de soja é utilizado para reduzir ainda mais o custo das margarinas e dos óleos de mesa.

---

<sup>94</sup> Jean-Pierre Bertrand et al, **O Mundo da Soja**, São Paulo, Hucitec/Edusp, 1987, p.64.

<sup>95</sup> Conforme Jean-Pierre Bertrand et al; **O Mundo da Soja**, São Paulo, Hucitec/Edusp, 1987, pp.27-9.

<sup>96</sup> Jean-Pierre Bertrand et al; **O Mundo da Soja**, São Paulo, Hucitec/Edusp, 1987, p.35.

A soja pode ser considerada o produto padrão da revolução verde. *Os Estados Unidos e a Europa adotaram um modelo de modernização da agricultura de que a soja é um dos pilares de sustentação. Inúmeros países do Terceiro Mundo ou do Leste Europeu seguiram, em graus diversos, esse mesmo modelo no correr dos últimos vinte anos. Ora, esse modelo pressupõe uma agricultura moderna cercada de poderosos setores industriais fornecedores (adubos, máquinas) a agrotransformadores (indústrias agroalimentícias) .... Trata-se, portanto, de um modelo que leva a produzir e a consumir sempre mais produtos elaborados pela indústria (conservas, congelados, pratos pré-cozidos, etc.) enquanto muda a composição dos alimentos: peso crescente das proteínas animais (carne) em detrimento dos produtos "calóricos" (cereais, legumes secos, etc.), substituição das gorduras animais pelos óleos vegetais, etc. ...*<sup>97</sup>

Nesse contexto, o comércio internacional de uma maneira geral, é realizado a partir da produção voltada para a quantidade e para a padronização. Conforme Walter Belik, *no caso da indústria agroalimentar, forma-se o círculo virtuoso da produção de proteína vegetal transformada em proteína animal para o consumo de massa, configurando-se o que se convencionou chamar de "dieta fordista".*<sup>98</sup> A lógica da revolução verde parece apontar para uma convergência de interesses que se voltam para a grande produção que integra a agricultura mundial aos vários setores da economia, objetivando a reprodução ampliada do capital. O processo histórico, porém, nos mostra que esse quadro é mais complexo: diz respeito a escolhas de trajetórias tecnológicas criadas pelas relações sociais. Apesar disso, a complementaridade entre os setores econômicos é forte a partir da Segunda Grande Guerra e aponta para um desenvolvimento nesse sentido. Mas, é sempre bom lembrar que o que se convencionou chamar de revolução verde, representa na verdade um conjunto heterogêneo de práticas, habilidades e procedimentos técnicos, produtivos, organizacionais e comerciais que atuam de acordo com a natureza do produto e com as necessidades do produtor. Nesse sentido, não podem agir de modo uniforme e genérico sobre a totalidade social.

A história recente é caracterizada por vários autores, a partir da formação de um novo regime de acumulação, o chamado regime de acumulação flexível, que tem sua ênfase no

---

<sup>97</sup> Jean-Pierre Bertrand et al; *O Mundo da Soja*, São Paulo, Hucitec/Edusp, 1987, p.113.

<sup>98</sup> Walter Belik, *Auto-Regulação e Políticas Públicas para o Setor Agroalimentar no Brasil*, in *Texto para Discussão*, nº47, IE/Unicamp, agosto/95, p.25.

mercado, na diferenciação do produto e na segmentação da produção. A produção não é mais padronizada, mas flexível e busca agora a pequena escala, a partir de mercados altamente especializados. Como explica David Harvey, ... *o tempo de giro - que é sempre uma chave da lucratividade capitalista - foi reduzido do modo dramático pelo uso de novas tecnologias produtivas (automação, robôs) e de novas formas organizacionais como o sistema de gerenciamento de estoques "just-in-time", que corta dramaticamente a quantidade de material necessária para manter a produção fluindo.*<sup>99</sup> A maleabilidade na produção e a satisfação de uma demanda "individualizada" levam a uma mudança nas formas de produção do produto a partir de inovações técnicas que se voltam para a flexibilização do processo produtivo. A microeletrônica e a robótica na atividade industrial e a biotecnologia e a informática na atividade agrícola, são exemplos significativos nesse sentido.

Nos anos cinquenta e sessenta as empresas transnacionais, de uma maneira geral, buscam sua diversificação a partir de fusões e aquisições que as possibilitem integrarem-se com as fontes de matérias primas e com as de distribuição do produto. Está em curso o padrão de crescimento conhecido como fordista. Mas, *o esgotamento do modelo "fordista" começou a se fazer sentir tanto pelo lado da produção como pelo lado do consumo.* No equacionamento da questão, a chamada "*economia de rede*", começa a ser introduzida, fato que possibilita a ocorrência de uma *solidariedade produtiva*. Como relata Walter Belik, ... *a introdução da informática e, em menor grau das biotecnologias revolucionou os métodos de produção abrindo caminho para a utilização eficiente de menores escalas de produção e a uma diversificação das fontes de matérias-primas. No que se refere aos aspectos organizativos, novos desenhos são colocados em ação. Mudam as relações entre fornecedores e distribuidores influenciando uma verdadeira reconversão das relações em toda a cadeia industrial. ... No caso dos alimentos, as empresas que se reestruturam adotando novos métodos de trabalho se habilitaram em fornecer um produto de qualidade com alta agregação de valor a um mercado de alta renda. .... O número de novos produtos alimentares introduzidos no mercado norte americano nos últimos anos é uma prova destas novas tendências. Em 1970 foram lançados no mercado norte americano algo em torno de 800 produtos, sendo que esse número se eleva para 10 mil ao final da década dos 80. Produtos naturais, étnicos, saudáveis, dietéticos e semi-prontos entre outros compõe agora*

---

<sup>99</sup> David Harvey, *A Condição Pós-Moderna*, São Paulo, Loyola, 1992, p.13.

*a nova linha de produtos alimentares. Enfim, tudo que possa agregar valor pode ser lançado no mercado, algo muito distinto da dieta fordista.*<sup>100</sup>

Numa primeira aproximação, a mundialização da agroindústria alimentar pode ser pensada a partir da passagem das condições de produção e de comercialização do alimento de um plano nacional para um plano global. O desenvolvimento do comércio mundial implica na globalização dos fluxos financeiros, dos investimentos e da produção, fato que afeta, de diferentes maneiras todos os setores da economia em todos os países. As empresas transnacionais controlam direta ou indiretamente esse processo, quando transferem tecnologias, investem em determinados países, realizam fusões, associações ou aquisições de empresas no nível mundial e assim por diante. Mas historicamente, ... *o desenvolvimento do capitalismo industrial transformou radicalmente as condições da atividade econômica: ele transferiu massivamente a população dos campos para as cidades, generalizou o trabalho assalariado, implantou a jornada contínua, enfim, criou condições propícias para a formação de um novo modelo alimentar que nós qualificamos de agro-industrial.*<sup>101</sup> Assim, o "esgotamento" do modelo de acumulação baseado no consumo estandarizado de massa não esgota as possibilidades de desenvolvimento da agroindústria alimentar, que são agora reforçadas a partir de sua combinação com o modelo de acumulação flexível. Nesse sentido, uma simples galinha pode ser criada solta no terreiro ou na granja comendo ração balanceada, pode ser comprada fresca ou congelada, inteira ou em pedaços, já preparada ou não. Um brasileiro pode comer feijoada, pizza ou hamburger, que encontra já prontos nas prateleiras dos supermercados de sua cidade. Pode ir também a um restaurante mineiro, francês, japonês, indiano ou marroquino, onde irá comer pratos preparados a partir de receitas artesanais. Alimentos - naturais ou transformados - e receitas dos vários países, circulam pelo mundo. O campo do possível alimentar, já muito heterogêneo, amplia-se quando da segmentação e diferenciação do alimento em termos globais.

O modelo alimentar agroindustrial, como já foi dito, tem seu crescimento a partir do processamento de cereais que se integram à produção de carnes, leite e ovos. Nesse sentido, a agricultura é sua espinha dorsal, pois é ela que produz a matéria-prima. Dependendo do produto, a agroindústria de processamento o transforma, cabendo à agroindústria alimentar

---

<sup>100</sup> Walter Belik, **Agroindústria e Reestruturação Industrial no Brasil: elementos para uma avaliação**, in Pedro Ramos e Bastiaan P. Reydon (orgs.), *Agropecuária e Agroindústria no Brasil*, Campinas, ABRA, 1995, pp.108-10.

<sup>101</sup> Louis Malassis, **Economie Agro-Alimentaire**, Tome III, Paris, Cujas, 1986, p.231. livre versão.

fabricar o produto final. Técnicas diferenciadas de preservação e processamento do alimento sempre estiveram presentes em sua produção e manipulação, através da história. Em um primeiro momento, são utilizadas técnicas de transformação do alimento: a indústria de conservas é uma das primeiras no setor - como por exemplo, a de frutas e legumes enlatados. A Del Monte, maior produtora mundial do ramo, com sede na Califórnia, EUA, e a Heinz, também norte-americana, desde o final do século XIX, abastecem os mercados urbanos processando produtos perecíveis a partir de técnicas simples.<sup>102</sup> Técnicas de resfriamento e congelamento levam também à preservação industrial do alimento. *Em 1876, o francês Charles Tellier, a bordo do Le frigorifique, transporta um carregamento de carnes de Rouen a Buenos Aires.*<sup>103</sup> A refrigeração pode ser utilizada tanto na estocagem do produto, como em sua distribuição. Abre também um leque de possibilidades para a indústria de alimentos que vai desde a comercialização de produtos frescos, em escala mundial, até a indústria de refeições congeladas. Essa técnica possibilita uma enorme ampliação de mercado que pode ser agora local, regional ou internacional. Processos físicos - aquecimento, congelamento e separação - e também químicos - decomposição - somam-se aos processos biológicos e levam a novos métodos de manipulação do alimento. As biotecnologias, técnicas sofisticadas aplicadas aos organismos vivos, integram a agricultura às indústrias químicas e farmacêuticas. Como podemos observar, a agricultura tende a seguir a racionalidade produtiva da indústria quando se integra às indústrias de processamento e beneficiamento. A agroindústria, potencialmente, transforma "atividades rurais" em "atividades industriais". A partir de sua instalação, verifica-se uma tendência que vai se impondo gradativamente: a do produto do campo ser "transformado" em insumo industrial. No entanto, ... *a relação entre a dinâmica industrial e seus fornecedores é tanto mais forte quanto maior a dependência existente entre a matéria-prima e as exigências técnicas do processo industrial de produção.*<sup>104</sup>

---

<sup>102</sup> Conforme Roger Burbach e Patricia Flynn, **Agro-Indústrias nas Américas**, Rio de Janeiro, Zahar, 1982; e Bernardo Sorj e John Wilkinson, **A Tecnologia Moderna de Alimentos: rumo a uma industrialização da natureza**, in *Ensaio FEE*, Porto Alegre, ano 9 n°2, 1989.

<sup>103</sup> Louis Malassis, **Economie Agro-Alimentaire**, Tome I, Paris, Cujas, 1973, p. 261, livre versão.

<sup>104</sup> Elisabeth Q. M. Farina e Décio Zylberstajn, **Relações Tecnológicas e Organização dos Mercados do Sistema Agroindustrial de Alimentos**, in *Cadernos de Ciência e Tecnologia*, Brasília, vol.8, n°1/3, 1991, p.11.

Quando o produto do campo é reduzido a seus ingredientes básicos, torna-se insumo. O cereal é a matéria-prima agrícola base para certas indústrias de processamento. No entanto, a farinha torna-se um insumo, como qualquer outro para que, por exemplo, a Quaker Oats Company produza seu produto principal. O insumo agrícola presta-se a combinações variadas. A Unilever, para citar uma delas, utiliza a mesma matéria-prima para fabricar margarina e sabão, a partir de gorduras animais e óleos vegetais. A cana-de-açúcar, uma das matérias-primas utilizadas na produção do açúcar, pode ser também insumo para a produção de álcool etílico (etanol), álcool desidratado ou álcool hidratado. Assim, a agroindústria "descharacteriza" o produto natural, transformando-o em produto industrial. Produtos agrícolas considerados insumos tradicionais podem ser substituídos por outros, desenvolvidos por processos químicos, biológicos ou genéticos, desde que, de algum modo, sejam mantidas as características essenciais do produto primeiro. Assim, *o leite, a banha e os óleos vegetais viraram insumos concorrenciais na produção de margarina, e substitutos para produtos monopólicos também têm sido testados - chicória para café, óleos vegetais para manteiga de cacau.*<sup>105</sup>

A biologia molecular parece oferecer um vasto campo para a agricultura e a pecuária. Sua aplicação no melhoramento de culturas de plantas e animais possibilita localizar seus genes, caracterizar suas propriedades e assim, atuar cientificamente em suas mutações. Aliada à estatística e à informática, propicia uma economia de tempo e de espaço na atividade exercida pelos "melhoristas" de plantas e de animais, resultando na possibilidade de obtenção de novas variedades. O tomate longa vida (porque demora até 25 dias para amadurecer depois de colhido) que foi desenvolvido em Israel na década de oitenta, a partir de técnicas de engenharia genética, é um exemplo nesse sentido.<sup>106</sup> O gado canchim, variedade desenvolvida há algumas décadas, a partir do cruzamento do gado nelore com o charolês, na fazenda Canchim em São Carlos; estado de São Paulo, está sendo objeto de uma melhoria genética no estado de Minas Gerais, na fazenda Três Ilhas; no município de Belmiro Braga. A partir do sistema de seleção e transferência de embriões, adotando o método inglês Ovulação Múltipla e Transferência de Embriões (Moet), espera-se obter um animal mais resistente, com maior volume de carne e pronto para o abate em dois anos, fato

---

<sup>105</sup> John Wilkinson, **O Futuro do Sistema Alimentar**, São Paulo, Hucitec, 1989, p.55.

<sup>106</sup> De acordo com a matéria **Cresce plantio de tomate longa vida**, no *Caderno Agrofolha*: do jornal Folha de São Paulo, de 22/5/96.

que reduz em 50% o tempo de cria.<sup>107</sup> O *baby pork* produzido pelo grupo proprietário do restaurante Rubayat de São Paulo, a superlaranja produzida pelo grupo Votorantin e o *spaghetti squash* produzido no Rio Grande do Norte, são também exemplos de novos produtos introduzidos no país.<sup>108</sup> Os exemplos acima citados, além de demonstrarem a diversificação dos produtos alimentares via pesquisa e desenvolvimento para novos produtos, apontam também para uma diversificação das atividades por parte de alguns grupos industriais. Como relata Belarmino Iglesias Filho, produtor do *baby pork* - dois mil animais/ano, e proprietário do restaurante Rubayat: *a feijoada está quase completa*, pois produz também feijão floresta (preto) e carioquinha (roxo) em 70 ha. da fazenda do grupo em Dourados, no Mato Grosso do Sul, por conta de manter a qualidade do serviço que oferece a sua clientela. Adota o sistema de rotação de culturas, como também o controle de pragas e doenças. O produto é armazenado na própria fazenda e ele estima que a área plantada e a técnica de cultivo possibilitarão abastecer as três casas da rede durante o ano. As sobremesas caseiras dos restaurantes são também preparadas com produtos produzidos na fazenda do grupo.<sup>109</sup>

Adaptações e desenvolvimentos tecnológicos e organizacionais variados possibilitam a diversificação das lavouras e a flexibilidade na produção. Atualmente, uma das principais tendências da biotecnologia privilegia a utilização de uma mesma técnica aplicada a vários produtos: ... *ao invés de valorizar produtos específicos, a tendência é de generalizar a aplicação da tecnologia a uma variedade de produtos, tornado esses últimos intercambiáveis, não apenas dentro do mesmo grupo de produtos mas também através da redução de um leque crescente de produtos ao "status" comum de insumos básicos.*<sup>110</sup> As transformações que estão ocorrendo na agricultura levam a inovações tanto em termos do produto, quanto dos processos - produtivos, técnicos, comerciais, organizacionais e outros,

---

<sup>107</sup> De acordo com a matéria **Fazendeiro melhora o canchim**, no *Caderno Agrícola*; do jornal O Estado de São Paulo, de 28/9/94.

<sup>108</sup> De acordo com a matéria **Nesse mato a ciência dá dinheiro**, revista *Veja*, 25/6/93.

<sup>109</sup> De acordo com a matéria **Restaurante paulistano verticaliza feijoada**, no *Caderno Agrofólia*; do jornal Folha de São Paulo, de 12/7/94.

<sup>110</sup> John Wilkinson, **O Futuro do Sistema Alimentar**. São Paulo, Hucitec, 1989, p.65.

que viabilizam sua produção. A hidroponia,<sup>111</sup> a aeroponia e o cultivo em estufa de mudas em bandejas são exemplos nesse sentido. Mas é sempre bom lembrar que ... *essas tecnologias não são futuristas, elaboradas em laboratórios, misteriosos antros dos alquimistas modernos. Elas existem há muito tempo, usando o metabolismo de certos microorganismos, bactérias, fermentos, fungos.*<sup>112</sup>

Os conglomerados transnacionais reservam parte de seu orçamento para pesquisas na área biotecnológica: desenvolvem pesquisas em plantas e animais, nos processos de fermentação, em medicamentos etc. A biotecnologia é uma ferramenta, entre outras, utilizada pelas empresas na busca da competitividade. O investimento no setor é alto e sempre envolve riscos. Além disso, os prazos desde o início da pesquisa à colocação do produto no mercado são muito longos e o mercado consumidor apresenta fortes resistências, principalmente no que se refere ao consumo de "produtos de engenharia genética". Mas, apesar disso, as agroindústrias alimentares investem na área. De acordo com John Wilkinson, ... *se considerarmos as companhias líderes mundiais, segundo estudo feito pelo IAM Montpellier, trinta e seis das primeiras cem empresas têm algum envolvimento em biotecnologias: a Ajinomoto - Japão, realiza sua atividade principal na área de oleaginosas e investe em biotecnologia nas áreas de proteínas desidratadas, bebidas à base de aminoácidos, açúcar à base de aminoácidos (aspartame), aromas de carne com base em soja e etanol; a BSN Gervais Danone - França, que tem no leite sua atividade principal, tem um envolvimento a partir da levedura; a Cargill - EUA, que tem nos cereais sua atividade principal, pesquisa adoçantes e aditivos; a Del Monte - R. J. Reynolds, EUA, que produz frutas em conserva, investe em levedura; a Nestlé - Suíça, cuja atividade principal é o leite, pesquisa proteína; a Unilever - Países Baixos/Grã-Bretanha, que realiza atividades diversificadas, investe em aromas; só para citar alguns exemplos.*<sup>113</sup> No entanto, a tendência que predomina por parte das empresas produtoras de alimentos é a de contratar empresas especializadas para realizarem pesquisas específicas, na medida de suas necessidades. É

---

<sup>111</sup> John Wilkinson relata o fato de um supermercado japonês realizar o cultivo de hortaliças em seu próprio espaço, a partir de sistemas hidropônicos, in **O Futuro do Sistema Alimentar**, São Paulo, Hucitec, 1989, p.82.

<sup>112</sup> Roberto Fanfani, Raul Green e Manoel Rodrigues Zuñiga, **Um Impacto Limitado: biotecnologias na agroalimentação**, in *Ensaio FEE*, Porto Alegre, ano 12 nº2, 1992, p.469.

<sup>113</sup> John Wilkinson, **O Futuro do Sistema Alimentar**. São Paulo, Hucitec, 1989, pp.51-3.

dessa forma que se realiza a maior parte da integração das agroindústrias alimentares com o setor químico ou farmacêutico.

O ato de alimentar-se não é lógico, racional. Diz respeito, pelo menos, a uma interação complexa de fatores biológicos, geográficos, econômicos, sociais e culturais. Nesse sentido, envolve a satisfação de necessidades reais e simbólicas. Nos dias de hoje, o mercado para produtos "naturais" leva a novas técnicas de processamento. A satisfação do paladar se realiza através de produtos com texturas e aromas diversificados, o que leva à utilização de tecnologias que têm por base a química e a biologia. Critérios de saúde e nutrição levam a integração do setor farmacêutico à área de alimentos, de várias maneiras. Ocorrem mudanças de hábitos alimentares por problemas de saúde, acredita-se também que uma alimentação saudável previna doenças. Alguns produtos farmacêuticos são diretamente relacionados com saúde, como as vitaminas, que são utilizadas como complemento alimentar, outros, que aparecem no mercado como produtos farmacêuticos, são reelaborados pela publicidade, tornando-se produtos alimentares. Tornou-se prática corrente, por vários fatores, o uso de etiquetas que revelam os ingredientes que os alimentos contém. O significado do ato de alimentar-se está mudando. Não basta alimentar-se, verifica-se a "obrigatoriedade" de nutrir-se. Alimentar-se significa alimentar-se "adequadamente", de uma maneira "saudável" e "balanceada". A importância dada aos especialistas em nutrição, que assessoram a produção do alimento, em suas várias fases, é um dado relevante neste sentido. Nutricionistas participam da produção "industrial" do alimento e são consultados na preparação de refeições em escolas, hospitais, escritórios e fábricas. É possível pensar-se em uma especialização crescente da dieta "científica", o alimento é segmentado de acordo com o "público alvo": há alimentos específicos para bebês, atletas ou para diabéticos; há também os de baixo teor calórico, voltados para pessoas que querem perder ou controlar o peso; ou exatamente o contrário. As dietas tornam-se mais e mais específicas. Profissionais da nutrição controlam por exemplo, a alimentação do atleta adulto, do atleta adolescente e do atleta mirim. Cada vez mais alimentar-se significa nutrir-se. Cada vez mais o produto alimentar diversifica-se, segmenta-se. Cada vez mais o consumo alimentar é fator de distinção, de prestígio. O ato de alimentar-se pode se individualizar: hábitos familiares, idade, nível cultural, econômico, preferências e outros levam o consumidor a escolher seu padrão alimentar em um mercado cheio de potencialidades.

Está se desenvolvendo um novo padrão produtivo e organizacional na produção do alimento. Algumas das novas tecnologias utilizadas pelas empresas alimentares também estão ao alcance dos consumidores de seus produtos. As telecomunicações, notadamente a televisão que veicula programas produzidos no país e a TV a cabo, como também a Internet, possibilitam o acesso da população a fatos, notícias e comerciais de todo mundo. Jornais e revistas dos mais diversos países possibilitam a seus leitores a informação geral ou especializada. O consumidor pode obter, de alguma forma, dados sobre a maneira pela qual o alimento que consome é produzido e distribuído. Sabe também quais os ingredientes que contém e seu prazo de validade. Caso tenha alguma dúvida ou sugestão, pode comunicar-se com a empresa que o produz, através do serviço ao consumidor. É consultado, por meio de amostragens estatísticas, sobre o que espera de um novo produto, ou sobre o que o faz rejeitar produtos que estão no mercado. Compara preços e procura qualidade. Sabe quando está consumindo um produto nacional ou importado, de marcas "confiáveis" ou não, natural ou industrial. Enfim, é um elemento importante para a manutenção de padrões já estabelecidos na produção e na distribuição do alimento ou para correções de rotas. E não se posiciona como maioria silenciosa.

Como procuramos demonstrar, atualmente existe um leque muito amplo de produtos alimentares. Novos produtos são lançados no mercado praticamente todos os dias. De acordo com dados publicados na revista Food Technology, em 1993, foram lançados no mercado norte-americano 12.893 novos produtos buscando satisfazer necessidades diversas. Nesse sentido a produção do alimento não ocorre de forma homogênea, verificam-se várias tendências e utilizações de técnicas diversificadas que possibilitam adequação da produção ao mercado consumidor. A demanda por uma alimentação saudável aponta para uma provável eliminação de aditivos químicos e para uma retomada dos produtos "naturais", via fermentação, por exemplo. Assim, a indústria de cervejas diversifica sua produção e lança novos produtos, como a cerveja *light*, a *book*, a sem álcool, entre outras. A demanda por produtos naturais pode levar também a uma reorganização da própria lavoura. O Organic Food Production Act de 1990 que dá o certificado de alimento orgânico nos Estados Unidos, o caracteriza: *em uma definição formal "orgânico" não se refere ao alimento especificamente, mas a maneira pela qual é produzido. A produção de alimentos orgânicos baseia-se num sistema de cultivo que mantém e aperfeiçoa a fertilidade do solo. Alimentos orgânicos são produzidos sem utilização de pesticidas sintéticos e fertilizantes e são minimamente processados objetivando manter a integridade dos alimentos sem*

*ingredientes artificiais, preservativos ou irradiação.*<sup>114</sup> Agroindústrias alimentares, procurando incorporar esse tipo de consumidor, realizam uma "correção de rota" quando, por exemplo, adicionam ingredientes orgânicos em produtos que já produzem, desenvolvem bio-fertilizantes e bio-pesticidas e realizam uma agricultura biológica.

Há algum tempo, o cuidado do corpo é uma preocupação geral da sociedade. O padrão estético vigente leva a que grande parte da população no mundo elimine certos alimentos de suas refeições. Cientes do fato, as agroindústrias alimentares criam produtos substitutivos de açúcares e gorduras. Cereais e óleos podem ser transformados em margarinas de baixo teor calórico e em adoçantes. De acordo com Wilkinson, o ... *aspartame, que pode ser produzido a partir da fermentação ou síntese química, é duzentas vezes mais doce que a sacarose, e já é comercializado pela Searle e Ajinomoto.*<sup>115</sup> A partir desses insumos, produzem-se gelatinas, doces e bolos dietéticos. O iogurte é um produto que está se impondo como alimento: saudável, protéico, simples ou com pedaços de frutas, é objeto de uma demanda crescente. Alimentos e bebidas consumidos tradicionalmente por esportistas tendem agora a serem consumidos cotidianamente na expectativa de oferecerem mais energia. "Bebidas esportivas fabricadas", como por exemplo o Gatorade, representam um produto com grandes possibilidades de mercado. *Energia agora pode ser obtida em pó, pilulas, barras e bebidas, atraindo todos os dias consumidores com palavras como "performance", "poder" e "energia".*<sup>116</sup>

O estilo de vida moderno, predominantemente urbano, leva a um padrão alimentar que privilegia produtos de preparo fácil e rápido. Embora o sabor seja o fator determinante na escolha do alimento, soma-se a outros critérios: conveniência, saúde e nutrição, qualidade e preço, e também à exigência de produtos aparentemente frescos (o que não é sinônimo de natural). Resumindo, o consumidor ... *gostaria de ter comida fresca, saborosa, entregue quente em sua porta em 15 minutos ou menos ...*<sup>117</sup> Os sistemas de produção flexível possibilitam a satisfação de necessidades tão diferenciadas, produzindo mercadorias e serviços especializados em pequena escala. A sociedade global leva a que a agroindústria

---

<sup>114</sup> A. Elisabeth Sloan, **Top Ten Trends to Watch and Work On - the more things change, the more they stay the same**, in *Food Technology*, Institute of Food Technologists, Julho, 1994, p.92. livre versão.

<sup>115</sup> Jonh Wilkinson, **O Futuro do Sistema Alimentar**. São Paulo, Hucitec, 1989, p.60.

<sup>116</sup> A. Elisabeth Sloan, op. cit. p.94, livre versão.

<sup>117</sup> Idem, p. 96, livre versão.

alimentar organize sua produção mundialmente, buscando mercados de perfil específico, embora obviamente não abandone as práticas voltadas ao grande consumo de massa. Mudanças nos padrões de consumo levam à flexibilidade e à diversificação dos processos produtivos e da produção. Mercados nacionais e regionais tornam-se mundiais. Fusões, aquisições e parcerias acontecem entre os mais diversos setores da economia em todo mundo.

*O sistema alimentar está passando por profundo processo de transformação, tanto na base tecnológica como nos padrões de consumo. No âmbito da indústria uma onda de fusões se sucederam ....* Para citar alguns exemplos que expressam essa tendência, utilizamos como referência Wilkinson, que relata algumas incorporações realizadas por grupos transnacionais na década de oitenta: a General Foods compra oito empresas da área de massas, entrando também no mercado de queijos finos; a Nabisco Brand compra a Huntley & Palmer Foods, ampliando seus interesses na Inglaterra; a Quaker Oats compra a Stokely-Van Camp, produtora de feijão em lata e enlatados; a British Petroleum compra a Ralston Purina; a BSN Gervais Danone compra a Générale Biscuit; a Nestlé compra a Carnation e a Unilever compra a Shedd's e a Brook Bonds.<sup>118</sup>

Novas demandas alimentares podem significar mudanças na organização da produção na cidade e no campo. Assim sendo, ... *a indústria tem que passar para o produtor rural e para a indústria de insumos o novo perfil de seus produtos.*<sup>119</sup> Vários produtos levam a vários tipos de integração do agricultor. O que Kautsky observava sobre as aldeias suíças torna-se fato corriqueiro nos dias de hoje. Ele escrevia: *são 180 aldeias que perderam sua independência econômica para se tornarem súditas da Companhia Nestlé. Extrinsicamente, os habitantes dessas aldeias ainda são proprietários de suas terras, mas intrinsicamente já não mais constituem camponeses livres. ... O camponês deixa dessa maneira, de ser o senhor absoluto de seu estabelecimento agrícola, pois este passa a existir em função das necessidades específicas do estabelecimento industrial que passa a ditar-lhe as regras. O camponês transforma-se, em parte, em operário de fábrica.*<sup>120</sup> O agricultor, grande ou pequeno, cooperado ou não, passa a integrar uma rede de relações que

---

<sup>118</sup> John Wilkinson, **O Futuro do Sistema Alimentar**, São Paulo, Hucitec, 1989, pp.31,96-9.

<sup>119</sup> Elisabeth Q. M. Farina e Décio Zylberstajn, **Relações Tecnológicas e Organização dos Mercados do Sistema Agroindustrial de Alimentos**, Brasília, *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, vol.8, nº1/3, 1991, p.14.

<sup>120</sup> Karl Kautsky, **A Questão Agrária**, São Paulo, Nova Cultural, 1986, pp.247 e 236.

determinam a compra de sementes e insumos, os tratos culturais, a quantidade de produto a ser produzida, bem como sua comercialização. Nesse sentido, sua existência vincula-se diretamente à agroindústria. As corporações transnacionais e grupos nacionais que realizam atividades na área alimentar podem ou não serem proprietários territoriais. As necessidades da produção em grande escala os leva a multiplicarem suas fontes de abastecimento, podendo então combinar a produção própria com fontes abastecedoras do mundo todo. Agricultores de várias regiões tornam-se fornecedores de matéria-prima ou de produto final para empresas alimentares. São várias as formas de vida e de trabalho no campo. A parceria, o fornecimento ou a cooperativa podem ser pensadas como uma contratação organizada que satelitiza a pequena ou média propriedade em torno de uma fase específica da produção, imprimindo o ritmo, a organização e a qualidade do processo e do produto do trabalho do agricultor. O arrendamento de terras para grupos agroindustriais também é uma forma de integração. Produtos regionais, notadamente frutas, hortaliças, legumes, vinhos e queijos são consumidos em todo o mundo e produzidos pelo pequeno ou médio agricultor, de diversas maneiras. Ricardo Abramovay, apoiado na afirmação de Chayanov de que o capitalismo tende a ampliar o universo social camponês,<sup>121</sup> diz que *o ponto de partida está na constatação de que a forma mais importante de "penetração" do capitalismo na agricultura reside na integração vertical de uma infinidade de estabelecimentos pulverizados que passam a funcionar sob o comando da agro-indústria.*<sup>122</sup>

Parece ser consenso, guardadas as diferenças dos referenciais de análise, que a agricultura integra-se à produção industrial quando da formação e do desenvolvimento do capitalismo. O grande, o médio e o pequeno agricultor vinculam-se às mais variadas redes de integração, objetivando grandes, médios e pequenos lucros ou mesmo a sua própria sobrevivência enquanto agricultor. A diversidade produtiva implica também em uma diversidade na forma de integração. E, como relata Abramovay, *o patamar técnico atingido*

---

<sup>121</sup> Tanto Kautsky como Chayanov estão tratando da integração camponesa via cooperativas agrícolas, embora de modos diversos. Para Chayanov, essa integração tende a reforçar o camponês como *sujeito criador de sua própria existência*, na medida em que são eles que, estando organizados, exercem o controle de todas as atividades que dizem respeito a essa integração. Para Kautsky este fato pode ser possível, mas muito improvável. Essa posição de Chayanov encontra-se sintetizada em Ricardo Abramovay, **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**, São Paulo, Hucitec/Anpocs/Unicamp, 1992, pp.66 - 72.

<sup>122</sup> Ricardo Abramovay, **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**, São Paulo, Hucitec/Anpocs/Unicamp, 1992, p.68.

*pela agricultura do mundo desenvolvido hoje é suficientemente alto para que boa parte da oferta agrícola seja assegurada por unidades produtivas de tempo parcial.*<sup>123</sup> O mundo globalizado, cibernético, informacional leva a uma racionalização crescente da atividade agrícola. Nesse sentido, pode-se pensar que grande parte da atividade agrícola realiza-se a partir de práticas transnacionais controladas pelas corporações transnacionais.

---

<sup>123</sup> Ricardo Abramovay, **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**, São Paulo, Hucitec/Anpocs/Unicamp, 1992. p.205.

### III - A Modernização da Agricultura Brasileira

*A descoberta de que a terra se tornou mundo, de que o globo não é mais apenas uma figura astronômica, e sim o território no qual todos encontram-se relacionados e atrelados, diferenciados e antagônicos - essa descoberta surpreende, encanta e atemoriza. Trata-se de uma ruptura drástica nos modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular. Um evento heurístico de amplas proporções, abalando não só as convicções, mas também as visões de mundo.*<sup>124</sup>

A globalização do mundo é um fato da realidade contemporânea. As populações do mundo são alcançadas, de diferentes maneiras, por um novo patamar de desenvolvimento do capitalismo. O movimento de reprodução ampliada do capital se dá agora mundialmente, interconectando regiões e países, coletividades e indivíduos, a partir de relações e de práticas diversas que podem ser pensadas como transnacionais. A globalização é um processo que está em formação na atualidade e que está transformando significativamente as relações societárias. A realidade social e também sua explicação são desafiadas neste novo contexto. A globalização, enquanto processo, confere novos significados às realidades regionais, nacionais e locais. Refletir a modernização da agricultura no Brasil, tendo como referência a sociedade global, significa pensá-la a partir de perspectivas teóricas e históricas que privilegiam os movimentos do capital, da técnica, da gestão, da distribuição e do consumo do produto do campo, que levam a uma nova configuração do rural.

A produção do alimento pode ser pensada como parte integrante de um padrão econômico que está se constituindo mundialmente. Parece que neste momento da história do mundo a divisão internacional do trabalho assume um novo patamar, baseado na concentração do capital e na descentralização da produção, fato que desencadeia uma nova forma de organização da produção, troca e consumo do alimento no mundo e que redesenha o contexto das relações internacionais, regionais e locais. A questão alimentar toma foros mundiais: a fome no mundo, que anteriormente era passível de ser "explicada" como um problema diretamente vinculado à produção, aparece agora sem disfarces, como um problema que diz respeito, principalmente, à esfera da distribuição do produto social. Como argumenta Malassis, *o conhecimento, cada vez mais perfeito dos meios agro-climáticos em escala mundial, a artificialização desses meios e o controle das espécies fazem do planeta*

---

<sup>124</sup> Octavio Ianni, *Teorias da Globalização*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995, p.13.

*o espaço da organização da divisão internacional do trabalho, sob a iniciativa dos poderosos.*<sup>125</sup>

### 1. A Região, a Nação e o Mundo

Historicamente, a colonização do novo mundo é responsável por grande parte da transferência de espécies animais e vegetais através do planeta, fato que por si só, tende a provocar uma mudança nas bases materiais de produção. Mercantilismo e colonização são elementos determinantes na constituição da agricultura de *plantation*, que se realiza na Ásia, na África e nas Américas. A escravidão também faz parte dessa história. O capitalismo comercial privilegia a realização da atividade agrícola em moldes regionais, em que predominam os vínculos da região, produtora ou extrativa, com o mercado externo. Caio Prado Jr. define a inserção do Brasil neste contexto: *no seu conjunto, e vista no plano mundial e internacional, a colonização nos trópicos toma o aspecto de uma vasta empresa comercial, mais complexa que a antiga feitoria, mas sempre com o mesmo caráter que ela, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu.*<sup>126</sup> A ordem econômica, política e social do Brasil colonial funda-se na distinção dada pela propriedade da terra. O latifúndio fornece a base territorial extensa para a realização da monocultura comercial de exportação. O latifúndio é o lugar principal da produção e da reprodução da mercadoria, das classes sociais e do poder, podendo ser pensado como o elemento que estrutura internamente as relações sociais. Autonomia, privatismo, poder e prestígio são características inerentes ao universo rural e dificultam a formação de um "mundo urbano". Neste contexto, a estrutura social se organiza a partir de polarizações regionais que se articulam ao comércio internacional.<sup>127</sup> Por um longo período, o campo pode ser pensado como "*senhor*" das cidades, feliz figura de imagem utilizada por Alberto Passos Guimarães.

A lavoura canavieira do Nordeste integra o país aos quadros do capital comercial. Podemos tratá-la como exemplo de um tipo de agricultura que predomina até a formação de um outro tipo de integração, a representada pela cafeicultura que, se ainda diz respeito à

---

<sup>125</sup> Louis Malassis, **Economie Agro-Alimentaire**, Tome III, Paris, Cujas, 1986, p.88, livre versão.

<sup>126</sup> Caio Prado Jr., **História Econômica do Brasil**, São Paulo, Brasiliense, 1976. pp.22-3.

<sup>127</sup> Nestor Duarte, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Sergio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro, entre outros, tratam o tema da constituição da sociedade brasileira a partir de suas raízes rurais.

esfera da comercialização, possibilita uma mudança de rota no desenvolvimento nacional. Sem dúvida, outros produtos também são cultivados e buscam o abastecimento interno, externo ou mesmo a própria subsistência do agricultor. Mas, como observa Caio Prado Jr., ... *se vamos à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros: mais tarde ouro e diamante; depois algodão, e em seguida café, para o comércio europeu.*<sup>128</sup> Esse tipo de agricultura corresponde ao que certos autores nomeiam complexo rural, que tem sua dinâmica diretamente determinada pelo comércio internacional. *Havia geralmente apenas um produto de valor comercial em todo o circuito produtivo: era o produto destinado ao mercado externo. ... No interior das fazendas produziam-se não só as mercadorias agrícolas para exportação mas também manufaturas, equipamentos simples para a produção, transportes e habitação. A divisão social do trabalho era incipiente, as atividades agrícolas e manufatureiras encontravam-se indissoluvelmente ligadas, grande parte dos bens produzidos só tinha valor de uso, não se destinando ao mercado.*<sup>129</sup> Nesse sentido, a transformação e o processamento do produto do campo não é um fato que acontece a partir da agricultura classificada como moderna: a produção canavieira no Brasil, primeira atividade agrícola explorada comercialmente, já é uma atividade agroindustrial, embora ocorra internamente ao espaço produtivo agrícola - engenho, fato amplamente estudado por vários autores e que, por isso mesmo, cabe apenas ser lembrado.

As relações de troca internacionais, como já foi assinalado, imprimem a dinâmica da sociedade nacional. Nas primeiras décadas do século XIX, quando a Europa introduz no mercado o açúcar de beterraba e amplia-se a produção de cana-de-açúcar nas Antilhas, principalmente em Cuba, ocorre o descenso da produção açucareira no Brasil. De acordo com Heitor Ferreira Lima, *o mercado de açúcar entrava dessa forma em uma crise da qual nunca mais se refaria, marcando a decadência do Nordeste em nosso sistema econômico e social.*<sup>130</sup> Paralelamente, desenvolve-se a lavoura do café, produto de grande aceitação no mercado mundial, notadamente na Europa e nos Estados Unidos. A expansão da

---

<sup>128</sup> Caio Prado Jr., **História Econômica do Brasil**, São Paulo, Brasiliense, 1976, p.23.

<sup>129</sup> Angela Kageyama e al., **O Novo Padrão Agrícola Brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais**, in Guilherme da Costa Delgado e al., *Agricultura e Políticas Públicas*, Brasília, IPEA, 1990, pp.116-7.

<sup>130</sup> Heitor Ferreira Lima, **História Político-Econômica e Industrial do Brasil**, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1976, p.199.

cafeicultura desloca o eixo regional do Nordeste para o Centro-Sul e possibilita o início do processo de modernização da agricultura brasileira. Vale lembrar que o processo mais geral de modernização da sociedade é tributário de duas leis fundamentais que operam transformações sociais, econômicas, políticas e culturais significativas em sua direção: A Lei de Terras de 1850, que institui uma mudança na forma de apropriação da terra; e a Abolição da Escravidão de 1888, que institui uma mudança nas relações de trabalho. A propriedade privada da terra e a mão-de-obra livre dão as bases para a modernização efetiva da sociedade.

A lavoura canavieira bem como a cafeeira são objeto de inovações em seus processos produtivos que ocorrem por conta da necessidade da oferta de um produto de melhor qualidade para o mercado externo. *O "café de máquina" e o "açúcar centrifugado" representariam passos significativos na comercialização internacional dos dois produtos decisivos em nossa pauta de exportação.*<sup>131</sup> Nesse sentido, o que está se transformando são as técnicas de beneficiamento do produto, não ocorrendo nenhuma mudança significativa na agricultura propriamente dita. Realizam-se algumas correções no nível do processamento dos produtos, visando sempre a adequá-los ao mercado mundial. Nesse movimento, que apenas se inicia, o engenho transforma-se em usina e ... *produtores de café em coco são convertidos em "fabricantes" de café de máquina.*<sup>132</sup> O algodão, produto importante no mercado internacional, é também objeto de inovações em seu beneficiamento. Talvez por ser cultivado majoritariamente em pequenas e médias propriedades, diferentemente da cana-de-açúcar e do café, cultivados em lavouras de grandes extensões, já tem claramente demarcada a separação entre a atividade agrícola e a atividade industrial de sua transformação, desde que essa tarefa deixa de ser realizada manualmente. As máquinas para seu beneficiamento datam da segunda metade do século XIX. A produção do algodão no Brasil é estimulada pelo descenso dessa lavoura nos Estados Unidos durante a Guerra da Secessão. A indústria beneficiadora do produto instala-se na cidade, utilizando equipamentos importados de custos elevados. Guardadas as diferenças dos tipos de produto e de seus tratos culturais, do volume da produção, das formas de processamento, do montante do capital investido etc., começa a ser gestado nesse período um padrão agrícola que se integrará à indústria de forma cada vez mais significativa.

---

<sup>131</sup> Alberto Passos Guimarães, *A Crise Agrária*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p.65.

<sup>132</sup> Alberto Passos Guimarães, *A Crise Agrária*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p.66.

Transformações importantes em direção ao processo de modernização da agricultura são efetivadas a partir da cafeicultura. *O "ouro verde" não era apenas um achado semântico, mas realmente o símbolo de uma nova e fabulosa aventura capitalista.*<sup>133</sup> Como escreve Octavio Ianni, ... *encadeamentos da economia local com a nacional e a internacional produziram efeitos econômicos correlatos, ou criavam condições econômicas para outras e novas atividades.*<sup>134</sup> A modernização agrícola diz respeito a transformações sociais mais gerais, que levam à expansão do mercado interno. A atividade agrícola só pode realizar-se em moldes capitalistas a partir do pleno desenvolvimento da atividade industrial. A cafeicultura é pensada, por vários autores, como elemento propulsor dessa atividade. É a partir dela que instrumentos de trabalho, máquinas e implementos agrícolas ou de processamento do produto do campo passam a ser fabricados, ainda que de uma forma artesanal, fora do espaço em que se realiza a atividade agrícola; é ela que cria um mercado para produtos manufaturados diversos e para máquinas industriais importadas ou para a instalação de fábricas ligadas ao beneficiamento do café, como a The Lidgerwood Manufacturing CO. Ltda em 1868, e a Mac-Hardy, manufatureira e importadora, em 1875, no município de Campinas,<sup>135</sup> como também promove o investimento em transportes, notadamente em ferrovias. A cafeicultura insere a agricultura no processo de acumulação industrial, na medida em que lhe serve de apoio. É no contexto da cafeicultura que o campo brasileiro deixa de ser o principal elemento articulador da vida social, pois será paulatinamente, substituído pela cidade, que se tornará a principal mediadora das relações e dos processos que se estruturaram na modernidade.

A agricultura nacional voltada prioritariamente para a monocultura de exportação faz com que o abastecimento interno de alimentos seja uma atividade restrita a pequena produção, realizada por posseiros, rendeiros, sitiantes, parceiros, moradores dos engenhos, colonos do café etc., que produziam para consumo próprio, comercializando o excedente da produção de forma não sistemática. De acordo com Alberto Passos Guimarães, *em 1901 o Brasil já estava destinando 42,9% do valor de suas importações à compra de gêneros alimentícios, entre os quais se destacavam alguns imprescindíveis à subsistência da totalidade da população pobre. Mas ... estava ocorrendo em nosso país algo novo que em*

---

<sup>133</sup> Alberto Passos Guimarães, *A Crise Agrária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p.68.

<sup>134</sup> Octavio Ianni, *Origens Agrárias do Estado Brasileiro*, São Paulo, Brasiliense, 1984, p.18.

<sup>135</sup> Conforme José Carlos Barreiro, *Campesinato e Capitalismo*, Campinas, Unicamp, 1986, p.97.

*nenhum momento anterior da história brasileira tinha ocorrido. O que havia germinado, e agora encontrara condições de evoluir sem empecilhos traumatizantes, era a instituição daquilo que podemos chamar, em termos nacionais, a pequena propriedade agrícola, implantada em algumas regiões do sul, constituída pelos sobreviventes "núcleos coloniais" cedidos a imigrantes europeus e pelos lotes comprados, arrendados ou explorados a meias por lavradores estrangeiros e, em menor número, por lavradores nacionais, para quem os altos preços do mercado interno haviam tornado viável a produção de gêneros alimentícios.<sup>136</sup> Mas, como se sabe, no campo brasileiro predomina a grande exploração agropecuária voltada ao comércio externo, fato que marca historicamente a pouca importância da produção de alimentos. Caio Prado Jr. dizia em 1960 que a produção de alimentos era realizada por agricultores que dela se ocupavam *nas sobras de terra e de tempo deixadas disponíveis pela exploração principal*,<sup>137</sup> e nesse sentido pode-se falar de "lavouras de pobre" e "lavouras de rico".*

A industrialização da sociedade brasileira, processo longo, descontínuo e contraditório transforma as bases econômicas da sociedade, transformando também suas bases sociais, políticas e culturais. A indústria e a cidade vão se tornando o centro das atividades econômicas, polos de comando na acumulação capitalista. A década de cinquenta assiste ao coroamento deste processo a partir da instalação da indústria pesada no país. A partir dos sessentas pode a agricultura modernizar-se: a atividade agrícola que se baseara em um sistema de produção fundamentalmente extensivo, irá basear-se a partir de então em um sistema de produção intensivo ligado ao consumo de insumos industriais. Uma nova base técnica é estabelecida no processo produtivo da agricultura. *O período 1930/60 é a fase de integração dos mercados nacionais (de alimentos, de trabalho e de matérias-primas). ... Ao longo desses 30 anos, o processo de industrialização que a princípio ocupou uma brecha aberta pelo complexo cafeeiro, ganha dinamismo próprio dado pelas novas possibilidades que se abriram com a substituição de importações deslocando o setor agrícola como polo dinâmico da economia. A despeito disso, o setor agrícola - e particularmente o complexo cafeeiro - continuou desempenhando um papel fundamental, quer através de transferências financeiras quer viabilizando a importação de bens de capital e insumos para a indústria*

---

<sup>136</sup> Alberto Passos Guimarães, *A Crise Agrária*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, pp.73 e 76.

<sup>137</sup> Caio Prado Jr. *A Questão Agrária*, São Paulo, Brasiliense, 1987, p.51.

*em expansão.*<sup>138</sup> O setor agroexportador se ressentia com a crise mundial de 1929 e verificava-se um movimento no sentido da diversificação da agricultura, que se volta também para a produção de alimentos e matérias-primas para o mercado urbano-industrial, fato que predomina no estado de São Paulo.

A lavoura do café possibilita uma nova forma de participação do país no mundo na medida em que abre o caminho de sua industrialização. A revolução agrícola que possibilita a revolução industrial na Europa inicia o longo percurso da história de seu processo urbano-industrial. No Brasil, em um período de aproximadamente trinta anos, passa-se de uma agricultura tradicional que imprime as grandes linhas do desenvolvimento nacional, para um tipo de desenvolvimento em que é a indústria que vai ditar as regras mais gerais das atividades que se realizam no campo. Nesse contexto, a importância dos produtos industriais e agroindustriais aumenta e a dos produtos agrícolas diminui. Verifica-se o crescimento das atividades de beneficiamento, processamento e distribuição do produto do campo, bem como do consumo de insumos industriais e maquinário agrícola. O setor de serviços amplia-se e diversifica-se: a distribuição em massa requer novas formas de transportes, de armazenamento, de empacotamento e de locais apropriados para comercialização. Como escreve Geraldo Müller: *O padrão agrário moderno é a expressão da aplicação das conquistas da ciência moderna na agricultura e das novas formas de organizar a produção rural. E uma de suas mais importantes conseqüências é a supressão do divórcio entre agricultura e indústria e entre campo e cidade.*<sup>139</sup>

O padrão agrícola moderno demanda capital e tecnologia. A modernização da agricultura se torna possível a partir do investimento na indústria de insumos, implementos e máquinas agrícolas. A real efetivação desse padrão diz respeito à sua adoção por parte dos agricultores. Movimentos nesse sentido são realizados pelas empresas e governos em todo mundo. Opera-se uma transformação da atividade agrícola que se convencionou chamar de revolução verde e que tem como objetivo conter a fome no mundo através do crescimento da oferta de produtos agrícolas, cujos alicerces são a indústria, a pesquisa e a extensão rural. Essa transformação pode ser pensada como um fenômeno mundial, obviamente com

---

<sup>138</sup> Angela Kageyama e al., **O Novo Padrão Agrícola Brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais**, in Guilherme da Costa Delgado e al., *Agricultura e Políticas Públicas*, Brasília, IPEA, 1990, p.118.

<sup>139</sup> Geraldo Müller, **Complexo Agroindustrial e Modernização Agrária**, São Paulo, Hucitec/Educ, 1989, p.18.

resultados no mínimo heterogêneos, na medida em que envolve agentes supranacionais, como centros de pesquisa agrícola internacionais; organismos de financiamento mundiais, como o Banco Mundial e fundações como a Ford e a Rockefeller; empresas transnacionais que produzem insumos, equipamentos e processam alimentos; governos locais que implementam políticas para sua concretização e agricultores das várias partes do mundo, que adotam certas práticas agrícolas dela decorrentes. Nesse movimento, integram-se mundialmente capitais comerciais, industriais e financeiros; atividades agrícolas e industriais; agricultores e consumidores dos produtos por eles produzidos. A agricultura transforma-se em uma atividade complexa e diversificada. As transformações que ocorrem na forma de produzir o produto do campo levam a transformações importantes na forma de integração de indivíduos e coletividades a esse novo patamar de organização do rural.

A agricultura brasileira é redefinida nesse contexto. O setor agrário integra-se à acumulação industrial internacional, pois o país apresenta-se como mercado potencial para maquinários e insumos agrícolas industrializados. Internamente, *diversos eventos atuaram para modificar a estrutura e o perfil da produção agrícola a partir de 1965; a consolidação do parque industrial, a instauração de um estilo de desenvolvimento visando à "modernização conservadora", a fase ascendente do ciclo econômico conhecido como "milagre econômico", a ampliação do crédito rural subsidiado e de outros incentivos à produção agrícola, a internacionalização do pacote tecnológico da Revolução Verde, a melhoria dos preços internacionais para produtos agrícolas, etc. Em consequência, a agricultura atravessou um processo radical de transformação em vista de sua integração à dinâmica do complexo agroindustrial. Foi alterada a base técnica, desenvolvida a indústria fornecedora de meios de produção para a agricultura e ampliada em linhas modernas, a indústria processadora de alimentos e matérias primas.*<sup>140</sup> A partir desse momento, a agroindústria é o elemento que predomina na economia agrícola do país. Essa tendência não uniformiza os processos produtivos e as relações sociais no campo, mesmo porque são variadas e múltiplas as formas de integração do agricultor a este contexto, bem como são diversos os interesses e o peso dos grupos e setores nele envolvidos. Como explica Alberto Passos Guimarães, *a agricultura é atraída à integração não só para assegurar a obtenção de meios de produção mais eficientes, necessários ao incremento de*

---

<sup>140</sup> George Martine, *A Trajetória da Modernização Agrícola: a quem beneficia?*, São Paulo, Lua Nova, Cedec/Marco Zero, Março/91, n°23, p.9.

*sua produtividade, como também para garantir o escoamento dos seus produtos em um mercado cada vez mais controlado pelas grandes empresas industriais e/ou comerciais.*<sup>141</sup>

A mecanização do campo brasileiro, que se inicia nos anos vinte, com a importação de tratores movidos a vapor, destinados à lavoura canavieira, se estende para as outras lavouras nos anos quarenta e cinquenta, tendo por base o desenvolvimento tecnológico do setor de máquinas e implementos agrícolas, mundialmente dominado por algumas empresas como John Deere, Valmet, Ford e Massey Ferguson, algumas instaladas no Brasil como firmas importadoras e distribuidoras. Nos anos sessenta ocorreu a internalização do setor de máquinas e implementos agrícolas, cujo exemplo nacional significativo é a CBT- Companhia Brasileira de Tratores, como parte do processo industrial do país que, como se sabe, tem seu centro na indústria automobilística. ... *Sua implantação não decorreu apenas da ação governamental, mas foi consequência da crescente integração interindustrial, através de complexas ligações "para frente" e "para trás" com a indústria siderúrgica, auto-peças e outros ramos do complexo metal-mecânico.*<sup>142</sup> A indústria de máquinas agrícolas nacional nasce portanto num contexto de competição com empresas líderes no mercado mundial, embora desfrutasse de fortes incentivos governamentais. Em 1960, instalam-se no país a Valmet e a Ford, e, em 1961, a Massey Ferguson.<sup>143</sup> A década de oitenta apresenta problemas para o setor, que enfrenta crises externas, representadas pelo "choque do petróleo", e internas, como a retração dos subsídios governamentais. A política adotada pela Massey Ferguson, por exemplo, foi a de privilegiar as filiais dos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França e Itália, fato que leva a fusão da filial brasileira em 1984 à Companhia Iochpe de Participações - grupo do setor financeiro nacional, que se torna acionista majoritária. Nasce a Iochpe-Maxion, desvinculada produtiva e comercialmente da "empresa-mãe" em 1992,<sup>144</sup> que é vendida em 1996 para um grupo norte-americano.

---

<sup>141</sup> Alberto Passos Guimarães, **A Crise Agrária**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p.93.

<sup>142</sup> Angela Kageyama e al., **O Novo Padrão Agrícola Brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais**, in Guilherme da Costa Delgado e al., *Agricultura e Políticas Públicas*, Brasília, IPEA, 1990, p.149.

<sup>143</sup> De acordo com José Luiz Tejon Megido, **Estudo de Caso IOCHPE-MAXION: o desafio da liderança na mecanização brasileira na virada do século**, IV Seminário Anual do PENSA - Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, São Paulo, FIA/FEA, USP, 1994, p.2.

<sup>144</sup> José Luiz Tejon Megido, **Estudo de Caso IOCHPE-MAXION**, IV Seminário Anual do PENSA, São Paulo, FIA/FEA, USP, 1994, pp.2-3.

O mercado de máquinas agrícolas atualmente está sofrendo transformações que levam a uma diferenciação do produto: está ocorrendo uma *diminuição do número de máquinas produzidas, substituindo-se a variável quantidade por um equacionamento entre maior potência e maior valor adicionado. ... Dentro dessa transformação, surge uma nova geração de tratores e colheitadeiras de grande porte e informatizados. Trata-se da chamada "nova tecnologia de mecanização", direcionada para atender demandas das grandes unidades produtivas rurais.*<sup>145</sup> Máquinas e implementos são produzidos para responderem a demandas específicas da grande, da média e da pequena propriedade rural. O projeto do "trator popular" de até 65 cv, programa nacional proposto pelo Ministério da Agricultura em 1993, vai na mesma direção do programa já implantado para o "carro popular". A nova demanda mundial por máquinas agrícolas requer máquinas mais leves, que possibilitem menos danos ao solo; máquinas que não poluam o meio-ambiente e poupadoras de combustível; máquinas e implementos com "inteligência artificial", que diminuam os erros humanos no sentido de se evitar desperdícios e danos ambientais. Nesse sentido, pode estar se constituindo um *...novo modelo de interação entre os agentes da cadeia agroindustrial, compreendendo ações integradas entre todos os fornecedores de implementos agrícolas, insumos e serviços, que encaminha a gestão da propriedade rural para a qualidade total no nível da fazenda. Não se trata portanto, de uma resposta só da mecanização. Necessariamente envolverá o engajamento de todos os demais agentes, podendo significar, com a participação do segmento "depois da porteira", a inclusão final da visão e características da indústria demandante da commodity rural.*<sup>146</sup>

A modernização da agricultura leva à sua integração a indústria de insumos. O uso de fertilizantes aumenta o volume da produção por área cultivada; os pesticidas reduzem a influência do meio-ambiente sobre a lavoura, possibilitando um aproveitamento maior da produção; as sementes melhoradas possibilitam uma maior homogeneização do produto do campo e aumentam também sua quantidade. A base industrial dos insumos utilizados na agricultura que se constitui ao longo do século XIX tem seu uso difundido mundialmente a partir de Segunda Guerra Mundial. Vale lembrar que há uma história do desenvolvimento científico e tecnológico que explica seu atual patamar, bem como vários desdobramentos de

---

<sup>145</sup> José Luiz Tejon Megido, *Estudo de Caso IOCHPE-MAXION*, IV Seminário Anual do PENSA, São Paulo, FIA/FEA, USP, 1994, p.4.

<sup>146</sup> *Idem*, p.11.

trajetórias tecnológicas para usos específicos de máquinas, pesticidas, herbicidas, fungicidas, fertilizantes etc., que impossibilitam tratar o aumento da produtividade na agricultura como uma variável genérica. Mas, *seria um equívoco derivar a expansão da indústria de fertilizantes no Brasil apenas das necessidades técnico-econômicas da agricultura. Na realidade, o processo dá-se também no sentido oposto, com o Estado e a indústria impondo, desde fora, a modificação da base técnica da agricultura. Num primeiro momento, o da modernização da base técnica do pós-guerra, o Estado "cria" um mercado interno para fertilizantes, a princípio abastecido com importações realizadas em condições cambiais favorecidas. Num segundo momento, como parte do processo de industrialização e de abertura da economia brasileira para o capital multinacional, há a instalação e expansão da indústria de fertilizantes.*<sup>147</sup> Guardadas as diferenças e especificidades entre os produtos que garantem a modernização agrícola no nível mundial, como, por exemplo, o ciclo de vida longo dos fertilizantes e o curto dos chamados defensivos, sua produção é realizada no país por indústrias nacionais e internacionais, de acordo com as linhas mais gerais do padrão agrícola mundial produtivista. Esse padrão, de uma maneira geral, implica no uso de sementes híbridas, que são utilizadas em um só plantio; de insumos químicos e de mecanização, em um mercado dominado por fortes condicionantes internacionais. Assim, a indústria de máquinas e implementos agrícolas vincula-se a determinações técnicas orientadas por pesquisas agronômicas, genéticas e biotecnológicas que, por sua vez, vinculam as indústrias de fertilizantes, sementes e pesticidas, visando adequar as várias operações que dizem respeito ao ciclo do produto no campo.

Mas, se o agricultor para participar do mercado deve tornar-se "moderno", o consumidor final do produto do campo também faz parte deste contexto. A "quimificação" da agricultura tem sido amplamente questionada por ele. Trajetórias tecnológicas buscam agora inovações agronômicas e biológicas, objetivando a satisfação de demandas que se voltam para a saúde do homem e do planeta. A engenharia genética possibilita a criação de plantas e animais resistentes a pragas e doenças, verifica-se também seu controle biológico a partir, por exemplo, de insetos que "defendem" a lavoura. Indústrias químicas também realizam movimentos nesse sentido: a Monsanto produz soja resistente a seu próprio herbicida, a AgrEvo, empresa recém criada pelas divisões de defensivos agrícolas e de saúde

---

<sup>147</sup> Angela Kageyama e al, **O Novo Padrão Agrícola Brasileiro: do Complexo Rural aos Complexos Agroindustriais**, in Guilherme da Costa Delgado e al, obra citada, Brasília, IPEA, p.129.

ambiental da Hoechst e da Schering, atua em 70 países a partir de quatro centros que orientam a pesquisa e desenvolvimento nas áreas de defensivos químicos, biológicos e recursos de engenharia genética para suas 34 fábricas. ... *A AgrEvo cria novos sistemas de proteção de plantas e contribui no campo da saúde pública, para o tratamento de endemias protegendo grãos e sementes armazenados. ... Sua estrutura dinâmica e criativa foi constituída para proporcionar apoio permanente ao homem do campo, com produtos que possibilitam melhorar a produtividade agrícola e elevar os padrões de saúde pública, sem, no entanto, abrir mão do respeito ao meio ambiente.*<sup>148</sup> A revolução verde que se inicia no mundo em meados da década de sessenta, parece ter sido um sucesso econômico e um passo importante em direção ao processo de globalização. O modelo agrícola produtivista é implantado, gerando super-safras e super-produção fato que, no entanto, não resolve a questão da fome no planeta. Jean Chesnaux comenta seus efeitos perversos a partir de sua disseminação pelo mundo: ... *tal lógica global desprezava as prioridades locais, isto é, a melhoria de mudas capazes de reforçar a auto-suficiência; assim os grãos na África, os antigos cereais andinos adaptados à aridez e à altitude, ou ainda o amaranto, primo do espinafre, conhecido na América, antes da chegada dos espanhóis, por suas notáveis propriedades alimentícias.*<sup>149</sup> Será a história da revolução verde a história de uma revolução fracassada, como nos fala Keith Griffin? Para as populações pobres do mundo, seguramente sim. Para os grandes capitais comerciais, industriais e financeiros nela envolvidos, parece estar acontecendo uma ampliação de sua rota: ao invés de se concentrarem na grande produção do produto do campo, buscam também sua diferenciação, através de nichos de mercados especializados e segmentados. A agroindústria alimentar parece ser um caminho importante neste sentido.

A pesquisa na área agrícola é realizada nas várias partes do mundo desde que se verifica a transferência de plantas e animais entre os vários países. Ela acontece a partir de experimentos ensaísticos, baseados empiricamente em acertos e erros, procurando a aclimação e o melhoramento de culturas e de criações específicas. Ao longo do século XIX começa a ser gestado nos países desenvolvidos, principalmente nos Estados Unidos, o modelo de pesquisa difundido pela revolução verde, que se consolida a partir dos anos cinquenta e sessenta deste século. Pesquisas locais são realizadas sistematicamente para

---

<sup>148</sup> Conforme informe publicitário: **Agricultura em Evolução**, publicado na revista *Veja*.

<sup>149</sup> Jean Chesnaux, **Modernidade-Mundo**, Petrópolis, Vozes, 1995, p.124.

produtos específicos. Esse modelo difuso, implementado a partir de instituições locais, é substituído por um modelo de tipo concentrado com a constituição de centros nacionais e internacionais que desenvolvem pesquisas principalmente na área de genética de plantas, privilegiando centros de origem das espécies, como do trigo e do milho no México, do arroz nas Filipinas, da batata no Peru, de agricultura tropical na Colômbia etc., visando a sua difusão pelo mundo. Os centros são coordenados pelo *Consulted Group of International Agricultural Research*. A grande maioria destes centros tem suas verbas financiadas pelo Estado e por fundações internacionais, mas, a inovação dos produtos é rapidamente utilizada por firmas transnacionais que delas se beneficiam, produzindo, por exemplo, a *certified seed*, como no México, onde a Cargill as comercializa a partir de acordos com agricultores integrados à pesquisa. Como relata Mooney, o próprio *staff* da fundação Rockefeller admitiu que o seu trabalho no México tinha trazido poucos benefícios à população pobre do país. Esse modelo de pesquisa faz parte de um movimento maior, no sentido da adaptação dos países ao modelo produtivista.<sup>150</sup>

A pesquisa agrícola no Brasil realiza-se também em centros regionais e nacionais e desenvolve-se a partir de produtos específicos. Nacionalmente, pesquisas se realizam no IBC - Instituto Brasileiro do Café, e no IAA - Instituto do Açúcar e do Alcool, que também são agentes de fomento e comercialização da produção. Regionalmente, o IAC - Instituto Agrônomo de Campinas - centro de referência nacional, pesquisa variedades de produtos como café, algodão, milho, feijão, arroz, cana-de-açúcar etc., realizando também pesquisas na área de defensivos agrícolas e de análises do solo. O Instituto Biológico é um centro tradicional no estudo de pragas e doenças. A Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz, em Piracicaba, também é um polo importante de pesquisas. As fazendas experimentais mantidas pelo governo realizam experimentos diversificados em várias partes do país, como a seleção de bovinos e suínos pela fazenda Canchim, em São Carlos e a de milho híbrido na Agroceres, em Matão e, hoje, em Sta. Cruz das Palmeiras, projeto financiado pela Fundação Rockefeller. As Casas da Lavoura de cada região, bem como os técnicos dos centros de pesquisa, são responsáveis pela extensão rural. *A capacitação endógena do Brasil na geração e melhoramento de variedades de plantas e animais resultou do reforçamento mútuo entre o regime de apropriação da tecnologia genética e a*

---

<sup>150</sup> Pat Roy Mooney, *Seeds of the Earth. A private or public resource?*, Inter Pares, Ottawa, 1980, especialmente pp.43 e 44.

*tradição institucional brasileira de pesquisa nesta ciência, o que resultou num sistema nacional de inovação agrícola relativamente desenvolvido.*<sup>151</sup>

A EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, realiza atividades no sentido de gerar, adaptar e difundir a moderna tecnologia agropecuária. Foi criada em 1973 como parte de um movimento que ocorre na América Latina de centralização de esforços e recursos em torno de centros de pesquisas nacionais. O centro argentino foi criado em 1957; o do México, em 1960; o da Colômbia, em 1963; o do Chile, em 1964. Inseridos no modelo agrícola produtivista, a pesquisa dos centros nacionais orienta-se para o aumento do volume da produção e para o rebaixamento de seus custos. A "crise" mundial desse modelo, como também a "falência" do setor público acarretam um movimento de reorganização da pesquisa no mundo, modificando tanto sua forma quanto seu conteúdo. Neste contexto, o *Plant Breeding Institute*, centro de pesquisa do Reino Unido, é privatizado em 1987: a pesquisa básica continua a ser responsabilidade do Estado e a parte do centro que diz respeito à pesquisa aplicada é comprada pela Unilever. O INTA argentino, embora permaneça público, descentraliza suas operações a partir de 15 centros localizados nas províncias e de programas de pesquisa básica, aplicada e estratégica, de âmbito nacional, regional e local. A EMBRAPA começa a reorganizar-se a partir de 1990, descentralizando operações e realizando parcerias com o setor privado.<sup>152</sup> Seu II Plano Diretor para o período 1993/97 descreve sua missão institucional: *gerar, promover e transferir conhecimento e tecnologia para o desenvolvimento sustentável dos segmentos agropecuário, agroindustrial e florestal em benefício da sociedade.*<sup>153</sup> Verifica-se em todo o mundo um movimento de amplas proporções que direciona a pesquisa agrícola para preocupações que se voltam para o meio-ambiente e para a segurança alimentar. Verifica-se também um movimento de transferência de atividades que se situavam na esfera do Estado, para a esfera do mercado. Nesse sentido, vale lembrar que o progresso tecnológico não significa necessariamente uma

---

<sup>151</sup> Mauro Borges Lemos, **Organização Agroindustrial, Entrada em Tecnologia e Liderança de Mercados: o caso brasileiro**, in *Agropecuária e Agroindústria no Brasil: Ajuste, Situação Atual e Perspectivas*, Campinas, ABRA, 1995, p.74.

<sup>152</sup> A respeito da reorganização da pesquisa na América Latina, ver Sergio Salles Filho, **Integração de Mercados e Privatização da Pesquisa: impactos sobre a estrutura e a dinâmica organizacional dos INIAs, IICA**, Relatório de Pesquisa, Campinas, 1994.

<sup>153</sup> Conforme versão preliminar do **II Plano Diretor da EMBRAPA: 1993 -1997**, Brasília, 1992. p.16.

melhoria das condições de vida das populações do planeta. Significa apenas uma possibilidade que poderá vir a ser efetivada a partir das relações sociais.

A agricultura brasileira transforma-se significativamente a partir dos anos sessenta e setenta. *Esta mudança significa que a agricultura torna-se crescentemente menos dependente do laboratório natural da terra e da força de trabalho rurais, e simultaneamente mais articulada, por um lado, com a indústria produtora de insumos e bens de capital para a agricultura, e por outro, com a indústria processadora de produtos naturais.*<sup>154</sup> A política de crédito agrícola até a década de sessenta volta-se prioritariamente para lavouras de exportação, no sentido de possibilitar a entrada de divisas para a implantação e desenvolvimento do parque industrial nacional. O crédito agrícola destina-se assim, a lavouras específicas, via institutos a elas vinculados, como o IBC e o IAA. A modificação de sua base técnica implica em sua difusão. Nesse sentido direcionam-se a assistência técnica ao agricultor; políticas fiscais, produtivas e previdenciárias; bem como a centralização do financiamento para a agricultura. O SNCR - Sistema Nacional de Crédito Rural - é implantado em 1965 e fornece amplos subsídios para a compra de sementes melhoradas, insumos industrializados, máquinas e implementos agrícolas. A modernização da agricultura faz parte de um processo mais geral de modernização da sociedade brasileira e é promovida pelas empresas que a integram, tanto "para trás" como "para frente", e grandemente subsidiada pelo Estado. O crédito é uma forma importante da modernização da agricultura e, nesse sentido, ele é destinado ao produtor "moderno" ou em vias de modernizar-se, a partir dos bancos oficiais, notadamente do Banco do Brasil, com pequena participação do setor financeiro privado. *Esse projeto, que com muita propriedade foi cognominado de "modernização conservadora", mantém intocável a estrutura de propriedade territorial, sancionando-a como base de integração e valorização junto ao sistema de crédito, e fonte de obtenção de financiamentos em condições favorecidas de juros, prazos e carências.*<sup>155</sup> De acordo com Walter Belik ... *houve um conjunto articulado de instrumentos de apoio ao segmento processador de produtos agropecuários que configuram, na prática, uma política agroindustrial. Esta política, que teve início no final dos anos 60, teria permitido a emergência de uma nova indústria de bens intermediários e*

---

<sup>154</sup> Guilherme da Costa Delgado, **Capital Financeiro e Agricultura no Brasil**, São Paulo, Ícone, 1985, p. 19.

<sup>155</sup> Guilherme da Costa Delgado, **Capital Financeiro e Agricultura no Brasil**, São Paulo Ícone, 1985, p.11.

*de bens finais de base agropecuária, voltados para o consumo urbano da população, assim como para exportação.*<sup>156</sup> O FUNAGRI - Fundo Geral para a Agricultura e Indústria, criado em 1965 em sintonia com o SNCR, é sua principal base de apoio financeiro e conta com recursos nacionais e internacionais.

É importante destacar que na década de setenta a presença de produtos agrícolas industrializados aumenta no comércio mundial. Estima-se *...que entre 1970 e 1980 as exportações de produtos agrícolas processados e semiprocessados cresceram, em média, 17% ao ano ... Em 1980 ... as exportações de processados teriam atingido 41,3% das exportações agrícolas mundiais.*<sup>157</sup> A partir do final da década de setenta o Estado modifica a política agrícola, ocorrendo uma redução dos subsídios, uma elevação dos juros e uma ênfase na política de preços mínimos. É neste momento que se verifica uma ampliação da integração da nação ao mercado internacional, que se dá agora em outros termos, de acordo com um movimento de internacionalização da produção, principalmente a partir de empresas transnacionais. Certos setores produtivos são privilegiados através de carteiras de crédito e programas específicos, como por exemplo, o setor sucro-alcooleiro, beneficiado pelo Proálcool.

A agricultura, que se integrara à acumulação do capital industrial a partir de sua vinculação aos vários setores produtivos "para frente" e "para trás", é agora objeto de um novo tipo de integração, a de capitais. A agroindústria faz parte de um movimento de concentração e centralização do capital capitaneado pelos conglomerados transnacionais. De acordo com dados da revista *Fortune*, citados por Alberto Passos Guimarães, em 1976, a Ford Motor, empresa norte-americana que produz tratores no Brasil, figurava como a primeira empresa do mundo em faturamento. A Unilever, Reino Unido/Holanda, como a segunda; a Nestlé, Suíça, como a quinta; a Ralston Purina, Estados Unidos, como a décima primeira; a Coca-Cola, Estados Unidos, como a décima terceira; a Massey-Ferguson, Canadá, como a décima sexta e a Quaker Oats, Estados Unidos, como a vigésima primeira,<sup>158</sup> todas elas com negócios no Brasil ligados de alguma forma à agroindústria.

---

<sup>156</sup> Walter Belik, **Um Estudo sobre o Financiamento da Política Agroindustrial no Brasil (1965-87)**. Campinas, UNICAMP/IE, 1994, pp.6-7.

<sup>157</sup> Angela Kageyama e al. **O Novo Padrão Agrícola Brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais**, in Guilherme da Costa Delgado e al., *Agricultura e Políticas Públicas*, Brasília, IPEA, 1990, pp.205-206.

<sup>158</sup> Alberto Passos Guimarães, **A Crise Agrária**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p.135.

Alberto Passos Guimarães comenta a integração dos agricultores a essa nova forma de produzir o produto do campo: ... *de um lado, os agricultores são induzidos à utilização dos insumos e processos agropecuários que nem sempre são os mais indicados para seu nível de recursos e para suas condições sócio-econômicas. Frequentemente, tentados por uma propaganda que lhes promete melhorias milagrosas na produtividade, aumentam desnecessariamente seus custos de produção e o valor de sua dívidas. ... De outro lado, as pressões dos compradores e processadores podem levar os agricultores à perda completa de sua capacidade de decisão, uma vez que tendem a plantar e colher os produtos que lhes forem preestabelecidos, submetendo-se a preços e condições que lhe são impostos.* Segundo ele também, ... *o poder das proteínas é maior que o poder atômico.* Das cem indústrias subsidiárias de multinacionais atuantes no complexo agroindustrial do país entre 1973 a 1976 relacionadas por ele, setenta e quatro atuam na produção de alimentos.<sup>159</sup>

A terra no Brasil simboliza prestígio, distinção e poder. Elemento da natureza, transforma-se em objeto da história quando o homem dela se apropria: é indígena, camponesa, patriarcal, empresarial, pública ou privada. A história da terra é uma parte importante da constituição da nação brasileira. Como se sabe, o desenvolvimento nacional vincula-se à grande propriedade territorial rural e tem no campo seu eixo principal. Quando se verifica uma mudança em direção à cidade, que articula o processo de desenvolvimento industrial, a estrutura fundiária do país continua praticamente a mesma, pois a concentração da propriedade da terra no Brasil é um fato que permanece e, como qualifica Graziano da Silva, a modernização do campo brasileiro é uma *modernização dolorosa*. Em 1985, o país conta com 5.834.779 estabelecimentos rurais declarados. Destes, 90% têm menos de 10 ha; 8,9%, de 10 ha a menos de 1.000 ha; e 0,9%, mais de 1.000 ha.<sup>160</sup> De lugar de domínio, a terra passa a ser local de investimento de capital, fonte de obtenção de financiamentos e de especulação imobiliária. A atividade agropecuária é uma atividade que agrega pouco valor em todo o mundo. Se, no período anterior à década de sessenta, era o campo brasileiro que imprimia o ritmo do desenvolvimento nacional, a partir dessa década, esse ritmo passa a ser ditado pela cidade, que determina também a organização do rural. Nesse sentido, a valorização do capital tem pouca vinculação com a propriedade territorial, pois, em última

---

<sup>159</sup> Alberto Passos Guimarães, *A Crise Agrária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, pp.133-4, 143-6.

<sup>160</sup> De acordo com dados do IBGE, citados por Ariovaldo Umbelino de Oliveira, *O Campo Brasileiro no Final dos Oitenta*, in *A Questão Agrária Hoje*, organizado por João Pedro Stédile, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1994, p.60.

instância, é a transformação do produto do campo que agrega valor. É possível pensar-se que em um mundo globalizado não se verifica mais a necessidade estratégica do investimento em terras por parte dos grandes conglomerados transnacionais. A compra de grandes áreas para a realização, por exemplo, de uma agricultura de *plantation*, como fez a Unilever na Ásia e na África, não mais se justifica. Embora o grande capital transnacional realize aplicações, por vários motivos, no mercado brasileiro de terras, a terra no Brasil pertence majoritariamente ao grande capital nacional. Como mostra José Gomes da Silva, em 1989 dos 46 maiores grupos econômicos - dos setores financeiro, industrial e agropecuário e que detém 312 empresas proprietárias de 3 mil imóveis rurais, 5 são representados por capital estrangeiro.<sup>161</sup>

Até o final dos setenta, nas exportações de produtos brasileiros, agrícolas ou industriais, predominam os produtos do campo. Os produtos agrícolas básicos correspondem a aproximadamente 80% das exportações e dentre eles o café se destaca. Entretanto, é nesse período que começa a ocorrer certa diversificação na pauta de exportações que conta com alguns produtos industriais, como também com produtos agrícolas processados.<sup>162</sup> Neste sentido, o binômio salto exportador/transformação agrária constitui-se num elemento da equação geral do modelo brasileiro de desenvolvimento internacionalizado, do qual a cadeia soja/indústria das oleaginosas é uma das expressões mais elaboradas.<sup>163</sup> As trocas inter-setoriais predominam no comércio internacional, verificando-se um amplo movimento de produtos básicos, processados e finais, que dará a base da geo-política de integração comercial, produtiva e financeira da sociedade global. Os anos oitenta, caracterizados a partir da recessão mundial, são anos de descenso do produto agrícola brasileiro no mundo que é penalizado por práticas protecionistas da Europa e dos Estados Unidos. São também os anos de implementação de políticas liberalizantes, de desregulamentações e privatizações, de desmantelamento de conquistas sociais que se difundem pelo mundo, impulsionadas pelos governos Thatcher e Reagan. *...O modelo inglês foi, ao mesmo tempo, o pioneiro e o mais puro. Os governos Thatcher contrairam a*

---

<sup>161</sup> Fonte: MIRAD, citado por José Gomes da Silva, *A Reforma Agrária no Brasil*, in *A Questão Agrária Hoje*, organizado por João Pedro Stédile, Porto Alegre, editora da UFRGS, 1994, pp.182-3.

<sup>162</sup> Conforme Guilherme da Costa Delgado, *Capital Financeiro e Agricultura no Brasil*, São Paulo, Ícone, 1985, principalmente pp.27-31.

<sup>163</sup> Geraldo Müller, *Complexo Agroindustrial e Modernização Agrária*, São Paulo, Hucitec/Educ, 1989, p.110.

*emissão monetária, elevaram as taxas de juros, baixaram drasticamente os impostos sobre os rendimentos altos, aboliram controles sobre os fluxos financeiros, criaram níveis de desemprego massivos, aplastaram greves, impuseram uma nova legislação anti-sindical e cortaram gastos sociais. E, finalmente - esta foi uma medida surpreendentemente tardia -, se lançaram num amplo programa de privatização ...*<sup>164</sup> Nesse cenário de integração de mercados e setores produtivos; de concentração e centralização do capital e de dispersão da produção; de desregulamentação do Estado; de alianças comerciais estratégicas; de cooperação e de competição; de complementaridade e de especialização, é criado o MERCOSUL em 1991.

Indústria e agricultura nacionais apostam na real efetivação deste bloco. Produtos naturais e agroindustriais são considerados viáveis para esse tipo de relação comercial. No entanto, a integração comercial não significa integração produtiva, no sentido de complementaridade. Cada país membro, bem como os prováveis entrantes, Chile, Peru e Bolívia, já têm constituídas suas estruturas comerciais, industriais e agrícolas e alguns produtos se posicionam historicamente como tradicionais: a carne argentina e o café brasileiro são exemplos nesse sentido. Outros produtos se voltam para demandas diferenciadas como as frutas chilenas. Brasil e Argentina são os maiores produtores agrícolas da América Latina, o que pode levá-los a obter vantagens competitivas ou desvantagens. Problemas de crédito, custos, câmbio, tributação, serviços, controle de qualidade; legislação da produção e do consumo do produto do campo, entre outras questões, apresentam-se e devem ser equacionadas, pois a integração regional pode ter um impacto negativo para o grande, médio ou pequeno agricultor dos países membros. De acordo com Marcos Sawaya Jank, *cerca de 60% das mercadorias importadas da região pelo Brasil são de origem agrícola. ... Em conjunto, o trigo, a carne e os lácteos representam quase 55% do total importado do Mercosul pelo Brasil em produtos de origem agrícola. ... O trigo tem como principal fornecedor a Argentina ... A cadeia carne é o principal item nas importações agroindustriais brasileiras provenientes do Mercosul ... sendo o maior fornecedor o Uruguai ... Estes três países (Uruguai, Paraguai e Argentina) são responsáveis por 75% da carne importada pelo Brasil ... No setor de frutas, o domínio do Mercosul é total, com 93% das importações brasileiras ... É nos produtos agrícolas e*

---

<sup>164</sup> Perry Anderson, **Balanço do Neoliberalismo**, in *Pós-Neoliberalismo - As Políticas Sociais e o Estado Democrático*, organizado por Emir Sader e Pablo Gentili, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995, p.12.

*agroindustriais que está a principal vantagem competitiva dos demais parceiros do Mercosul sobre o Brasil. ... É sabido também que o Brasil deverá ampliar o mercado de alguns produtos agrícolas e agroindustrializados onde possui vantagens competitivas bastante nítidas ... :café, açúcar, cacau e derivados, frutas tropicais e cítricas, frango e tabaco.*<sup>165</sup> O MERCOSUL é um bloco regional de comércio em constituição. A década de noventa assiste à formação e à sedimentação de zonas de comércio mundiais, que levam a novas formas de gestão e de controle da produção e da comercialização dos produtos, por parte de organismos internacionais e de governos nacionais; de instituições públicas e privadas; de empresários da cidade e do campo e de produtores rurais. Assiste também à consolidação de um movimento que se inicia no pós-guerra e que atua paralelamente ao comércio internacional: a formação e desenvolvimento dos conglomerados transnacionais que cria interdependências recíprocas a partir de investimentos externos realizados diretamente em suas unidades, localizadas nas várias partes do mundo. François Chesnais aponta como um dos traços importantes da mundialização as trocas intra-setoriais que atualmente se apresentam como a forma dominante do comércio internacional. Elas ocorrem intra-firma, no interior dos mercados privados das empresas transnacionais. *Os dez últimos anos foram marcados pela formação de vastas zonas que combinam as vantagens da livre circulação de mercadorias e a persistência das disparidades entre os países e as regiões...*<sup>166</sup> Para os blocos regionais de comércio, as diferenças podem sinalizar problemas. Para os conglomerados transnacionais, no entanto, podem significar vantagens comparativas, pois é da própria natureza do capitalismo apropriar-se das diversidades no sentido da reprodução ampliada do capital. O desenvolvimento desigual e combinado, que sempre foi elemento constitutivo da história do capitalismo, nesse momento articula-se em um outro patamar.

## **2. Da Lavoura ao *Fast Food***

Refletir sobre o processo de modernização da agricultura no Brasil a partir da ótica da globalização significa pensar a agricultura e o mundo como palco de relações plenas de

---

<sup>165</sup> Os dados apresentados cobrem o período 1990/92, como se pode observar nos gráficos. Marcos Sawaya Jank, *A Importância do Setor Agroindustrial na Integração do Cone Sul: as cadeias sensíveis*, in Ricardo Seitenfus (org). *A Agropecuária Brasileira e o Mercosul*, Coleção Documentos, Série A Integração Regional e o MERCOSUL - 3, USP, IEA, novembro de 1992, pp.10-13.

<sup>166</sup> François Chesnais, *La Mondialization du Capital*. Paris. Syros, 1994. pp.23 e 105, livre versão.

transitoriedades. A nova estruturação das relações sociais postas pelo processo de construção da sociedade global impõe um esforço para sua compreensão, pois ... *a rapidez, a profundidade e a imprevisibilidade de algumas transformações recentes conferem ao tempo presente uma característica nova: a realidade parece ter tomado definitivamente a dianteira sobre a teoria.*<sup>167</sup> Os exemplos da integração da agricultura brasileira a esse novo contexto são uma tentativa na direção de sua compreensão.

O Brasil dos noventa apresenta-se como realidade ambígua, contraditória. Dados nesse sentido são demonstrados por organismos oficiais: *apesar de estar produzindo em torno de 70 milhões de toneladas de grãos, de ser o 3º maior exportador mundial de produtos agrícolas, possuir o 5º território em extensão, a 6ª população, o 10º Produto Interno Bruto e o 3º superavit comercial, a maioria da população brasileira passa fome. ... A participação do setor agrícola no PIB brasileiro caiu de 22,8%, em 1950, para 8,9%, em 1990. ... Em contrapartida, o chamado complexo agroindustrial, o **agribusiness** brasileiro, ... apresenta tendência forte de crescimento, chegando a representar atualmente cerca de 32% do PIB brasileiro.*<sup>168</sup> A agricultura é a base material da produção de alimentos. Patamares técnicos, organizacionais e produtivos elevam significativamente a quantidade do produto produzido no campo. No entanto, a capacidade de consumo do alimento diz respeito a uma outra parte dessa história: a de distribuição social do produto. Neste sentido, o alimento que tem como característica desde sempre a nutrição, é objeto de uma transformação quando o ato de nutrir-se perde sua centralidade, ofuscado pelas relações político-econômicas. O condicionante econômico do alimento sobrepõe-se ao nutricional a partir de uma certa época da história da humanidade. A agroindústria alimentar dos dias atuais pode ser pensada como um forte exemplo nesse sentido. Graziano da Silva nos conta um pouco desse percurso: *... a pequena produção perde também o seu papel produtivo, não só porque houve uma concentração da produção, fruto desse desenvolvimento capitalista, mas porque uma série de produtos de consumo típico da população brasileira vem caindo rapidamente ao longo do tempo. Então, por exemplo, o consumo de feijão, consumo de mandioca, produtos típicos, consumo de abóbora, etc. vem decaindo rapidamente por força de um processo de urbanização e de mudança dos padrões alimentares brasileiros.*

---

<sup>167</sup> Boaventura de Souza Santos, *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*, São Paulo, Cortez, 1995, p.18.

<sup>168</sup> De acordo com versão preliminar do **IIº Plano Diretor da EMBRAPA: 1993 - 1997**, Brasília, 1992, pp.6-7.

*As pesquisas de custo de vida mostram que quem alimenta o cidadão brasileiro não é mais a agricultura é a indústria de produtos alimentícios. O brasileiro come macarrão, sardinha, ovo, ou seja, come produtos das agroindústrias, não come mais nada in natura, a não ser aqueles que têm a felicidade de estar perto das feiras livres e com alto poder aquisitivo podem comer alguns legumes. Ou seja, de agrícola hoje o que o povo brasileiro come é verdura; o resto é produto da agroindústria. ... Eu diria ... que a produção camponesa produz cada vez menos daquilo que se come. ... Quero dizer basicamente o seguinte: que o feijão e o arroz que ... o trabalhador de São Paulo come, que o trabalhador do Rio come, que o trabalhador de Belo Horizonte come não é o feijão produzido no nordeste, não é o arroz produzido no nordeste, mas é o arroz capitalista produzido no Rio Grande do Sul, é o feijão capitalista produzido em Goiás e no interior de São Paulo, etc. Ou seja, a pequena produção não está mais ligada ao circuito de alimentar a força de trabalho das grandes metrópoles brasileiras.<sup>169</sup> Vale a pena lembrar que só na cidade de São Paulo concentra-se 13,4% da população urbana do país.<sup>170</sup>*

A avicultura é considerada por vários autores o exemplo extremo de integração do campo à atividade industrial: possibilita uma especialização e diferenciação do produto no interior de seu processo produtivo - ovos, pintos, matrizes e frangos; utiliza insumos agrícolas e não agrícolas - rações, produtos veterinários, chocadeiras, gaiolas, comedouros, bebedouros etc.; é objeto de pesquisas que viabilizam desenvolvimentos tecnológicos de novos produtos; propicia o controle do ambiente produtivo - temperatura, aeração etc.; utiliza a automação - no abate das aves, no controle do fornecimento e da quantidade na alimentação, no controle da temperatura etc.; produz um produto final standartizado; possibilitando também uma integração à indústria de transformação. No Brasil, dedicam-se à avicultura principalmente as empresas Sadia, Perdigão, Ceval e Frangosul. As matrizes das aves são importadas diretamente dos Estados Unidos e da Escócia. *Os produtores investem pesado também no desenvolvimento genético das espécies, com o objetivo de conseguir pintos mais resistentes, com menos gordura e mais carne, e ganho de peso mais rápido com menor quantidade de ração. Esse esforço dos produtores tem valido a pena. Se em*

---

<sup>169</sup> José Graziano da Silva, **O Desenvolvimento do Capitalismo no Campo Brasileiro e a Reforma Agrária**, in *A Questão Agrária Hoje*, organizado por João Pedro Stédile, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1994, pp.140 e 141.

<sup>170</sup> Fonte: **ONU - Departamento de Informação Econômica e Social/ Divisão População 1994 in especial Habitat**, Folha de São Paulo, 26/05/96.

1930 o peso médio de um frango oscilava em torno de 1,5 quilo, hoje chega a 2,24 quilos. Naquele mesmo ano se gastavam 3,5 quilos de ração com cada frango: hoje, a metade. O tempo para abate também foi reduzido de quinze semanas para apenas seis. Tudo isso resultou em sucessivas quedas de preço. ... A produção brasileira nos últimos quinze anos cresceu constantemente à taxa de 9,5% ao ano. Nos primeiros sete meses de 1995, deu um salto de 22,3% sobre o mesmo período do ano passado. ... No front externo, os brasileiros, exportando 481 000 toneladas, conseguiram nocautear os maiores produtores mundiais - com exceção dos americanos. ... De Concórdia os computadores da Sadia ligam-se a quarenta países clientes. O frango sai da linha de produção diretamente embalado para os consumidores de todo o mundo. Como maiores compradores, os países árabes e o Japão. E cada qual com sua mania - gostos e ritual de abate.<sup>171</sup> A avicultura tem sua base de apoio principalmente na tradicional produção familiar do sul do país, articula mercado interno e externo e interage com a produção de soja. A Perdigão, empresa de perfil familiar fundada em 1934 no estado de Santa Catarina, vende em 1994, 75% de suas ações ordinárias e 63% das preferenciais para um pool de fundos de pensões, dos quais se destacam o Previ do Banco do Brasil, o Sistel da Telebrás e o Petros da Petrobrás. O escopo empresarial da Perdigão consiste na produção e comercialização de alimentos protéicos de origem animal, tendo como atividades de suporte o processamento de soja, a fabricação de rações, a produção de material genético avícola, a geração de recursos energéticos e otimização do sistema logístico de distribuição, visando posicionar seus produtos tanto no mercado interno quanto no mercado externo. A Perdigão também se volta para a diferenciação e a segmentação de mercados, com o desenvolvimento genético do Chester pela própria empresa e a partir linha de produtos Avis rara - perdiz, faisão e codorna, que se destinam a supermercados, lojas e restaurantes especializados das grandes cidades brasileiras. No setor de processamento, é responsável pela linha de salsichas e presuntos Turma da Mônica, baseada em carnes de aves com baixo teor de gordura e sem corantes. Exportadora de aves para o Oriente Médio e Japão, adequa-se às especificidades de seus mercados. ... Dessa forma uma parcela importante da produção passa a não ser mais *commodities* mas sim especialidades, que agregam grande valor e rentabilidade. A perdigão contribui com 0,4% da produção mundial de carne avícola ... e com 3,2% das exportações mundiais - ano de

---

<sup>171</sup> Matéria: O melhor amigo do povo, realizada por Silvio Ferraz, revista *Veja*, 4/10/95, pp.52-3.

1994. ... *Situa-se em décimo-primeiro lugar no ranking das empresas mundiais especializadas em abate de frangos, sendo a segunda maior empresa do setor no Brasil.*<sup>172</sup>

A Sadia é pioneira na implantação no país do modelo americano de integração de indústrias e pequenos proprietários de terras. Em 1994, só ela tinha 5.500 produtores integrados que, somados aos das outras empresas integradoras, nos estados de Santa Catarina e Paraná, ultrapassavam 30.000. Na Perdigão, os produtores integrados são parceiros e, em 1995, ela contava com 2.700 que responsabilizavam-se por 3.000 aviários nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. *A remuneração do produtor varia de acordo com sua produtividade mas a margem considerada para tal gira ao redor de 10 a 12% do custo total da produção. O produtor entra com o aviário, água, maravalha ("cama" de aviário) energia elétrica, gás, mão de obra. A empresa fornece os pintos de um dia, ração, medicamentos e assistência técnica.* Em Santa Catarina existe a AAVISA - Associação dos Avicultores, que reúne os produtores em torno de seus interesses, como os custos da produção, o patamar mínimo de remuneração por parte das empresas integradoras, entre outros<sup>173</sup>. A avicultura no Brasil é uma atividade em que predominam, até o presente momento empresas de capital nacional que utilizam a mesma estratégia dos grupos internacionais: crescer a partir da dinâmica dos mercados domésticos, investindo na especialização do consumo.

A cana-de-açúcar, primeiro produto agrícola comercial brasileiro, responde atualmente por 60% do consumo mundial de açúcar e os 40% restantes são fornecidos a partir da beterraba. De um modo geral, os países temperados produzem beterraba e os tropicais, cana-de-açúcar. Embora a cana possibilite uma maior produtividade por área, ... *a superioridade do açúcar de cana não se reflete plenamente nos mercados, porque regimes protecionistas que vigoram na OECD influem na orientação do mercado mundial. ... Depois da Índia, o Brasil é o segundo maior produtor e exportador do globo.*<sup>174</sup> Em 1990,

---

<sup>172</sup> De acordo com Samuel Ribeiro Giordano, **Perdigão: Tecnologia e Reformulação dos Negócios**, V Seminário Anual do PENSA - Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, São Paulo, FIA-FEA, USP, 1995, especialmente pp.3,4,7,12-8. A Perdigão Agroindustrial é comprada em 1994 pelo grupo japonês Mitsubishi conforme Walter Belik, **Agroindústria e Reestruturação Industrial no Brasil: elementos para uma avaliação**, in Pedro Ramos e Bastiaan Philip Reydon (orgs.), *Agropecuária e Agroindústria no Brasil: Ajuste, Situação Atual e Perspectivas*, Campinas, ABRA, 1995, p 114.

<sup>173</sup> De acordo com matéria da revista *Veja* e estudo de caso Perdigão já citados.

<sup>174</sup> Geraldo Banas, **Globalização: a vez do Brasil?**, São Paulo, MAKRON Books, 1966, pp.110-11.

a América Latina e o Oriente são responsáveis por 87% da produção mundial de cana-de-açúcar, cabendo à América Latina 46,6% da cana produzida no mundo. Também nesse mesmo ano, 51% da produção mundial de beterraba originava-se da Europa; 27%, da ex-URSS, e 8%, dos Estados Unidos.<sup>175</sup> A produção de cana-de-açúcar no Brasil sempre esteve vinculada a seu processamento. A transformação do engenho em usina passa pela criação, por parte do Estado, dos "engenhos centrais", em uma época em que grande parte da produção localizava-se no nordeste, principalmente em Pernambuco, mas também no Rio de Janeiro e em São Paulo.<sup>176</sup> O IAA - Instituto do Açúcar e do Alcool, de 1933 e o ELC - Estatuto da Lavoura Canavieira, de 1941 são uma tentativa no sentido da uniformidade e centralização da política para o setor. A produção cresce no pós-guerra e também na década de sessenta, quando Cuba deixa de exportar o produto para os Estados Unidos. A separação das atividades agrícolas e industriais não acontece: pelo contrário, a união se acentua, pois, como observa Octavio Ianni, ... *com a usina, a própria indústria vai ao campo ... a usina é uma fábrica fora do lugar. ...*<sup>177</sup> Os usineiros paulistas criam também um setor produtor de máquinas, equipamentos e de distribuição do produto. Está criada a integração no interior do próprio setor. *A expansão se dava em São Paulo de forma a constituir um complexo fortemente integrado, para não afirmar "fechado". As usinas paulistas tinham, desde os anos trinta, mais refinarias anexas, sendo que, no final dos anos cinquenta, os usineiros locais criaram um trust de refino, de comercialização e de distribuição - a COPERSUCAR. Criaram também uma outra empresa produtora de equipamentos, a Zanini, a qual, juntamente com o Grupo Dedini, conseguiram impedir a importação de equipamentos. Produziam parte de suas máquinas agrícolas. Na base de toda essa integração estava a junção das propriedades fundiária e industrial.*<sup>178</sup> A história da Usina Santa Elisa, na região de Ribeirão Preto, estado de São Paulo, é um exemplo nesse sentido. Comprada em 1935 pelas famílias Biagi e Pagano, é o núcleo através do qual o grupo expande os negócios no setor. Atualmente, é a terceira maior usina de açúcar e álcool do país. A divisão agrícola do

---

<sup>175</sup> Conforme Plínio Mario Nastari, *Tecnologia, Custos e Competitividade no Mercosul: o caso do açúcar e do álcool*. in Ricardo Seitenfus (org), *A Agropecuária Brasileira e o MERCOSUL*. Coleção Documentos, Série A Integração Regional e o MERCOSUL -3. USP, IEA, novembro de 1992, p.126.

<sup>176</sup> Pedro Ramos conta uma parte dessa história em *A Propriedade Fundiária e a Agroindústria Canavieira no Brasil*, in *Revista Reforma Agrária*, vol.21. Campinas, ABRA, set/dez 1991.

<sup>177</sup> Octávio Ianni, *A Classe Operária vai ao Campo*, in *Origens Agrárias do Estado Brasileiro*, São Paulo, Brasiliense. 1984, pp.50-1.

grupo mantém lavouras de cana, amendoim, arroz, soja, milho e girassol. Conta também com uma divisão de comercialização de seus produtos. Atua em Pesquisa e Desenvolvimento nas áreas agrícola e industrial. A Zanini é a empresa de máquinas e equipamentos do grupo, fundada em 1950 por Maurilio Biagi e Ettore Zanini. De acordo com Matias e Martinelli, *ela gerou um polo tecnológico que fornece equipamentos para todas as usinas do setor.*<sup>179</sup> Em 1992 associa-se a Dedini a partir da ADZSA, Engenharia, Equipamentos e Sistemas, *consolidando os aspectos sinérgicos das empresas que a constituíram, e que ... reúne o desenvolvimento tecnológico e experiência oriundas da fabricação e fornecimento de aproximadamente 1000 moendas e 1800 caldeiras, além de inúmeros sistemas e equipamentos sob encomenda para os mais variados setores industriais, sendo a empresa de maior experiência mundial neste segmento.* Conforme os autores, a usina teve importante papel no Proálcool - Programa Nacional do Álcool, ... *com um trabalho desenvolvido em conjunto com mais duas empresas, sobre a fotossíntese como fonte de energia, entregue ao Presidente Geisel, resultando na instalação de um dos primeiros projetos de destilaria de álcool carburante no país.* Vale lembrar que as pesquisas no setor eram desenvolvidas pelo IAA e principalmente pela COPERSUCAR. Criado em 1975, na conjuntura da "crise do petróleo", no sentido da busca de uma fonte de energia alternativa, esse programa atualmente ganha fôlego adicional por conta das preocupações relacionadas ao meio-ambiente. No Brasil, verifica-se a obrigatoriedade da adição à gasolina de 22% de álcool anidro, política ambiental que pode vir a ser adotada em todo o Mercosul.<sup>180</sup>

A Usina Santa Elisa vende diretamente o açúcar que produz para indústrias processadoras de alimentos, como de refrigerantes, doces, chocolates, sorvetes, panificação, etc. Para a produção do açúcar, ... *conta com cerca de 300 fornecedores de cana independentes, a quem fornece apoio técnico integral. A participação destes fornecedores no total da cana processada pela empresa varia ao longo do tempo. Nos últimos 5 anos*

---

<sup>178</sup> Pedro Ramos, obra citada, p.45.

<sup>179</sup> Alberto Borges Matias e Dante Pinheiro Martinelli, **Estudo de Caso - Usina Santa Elisa: os desafios para o ajuste econômico**, IV Seminário Anual do PENSA, São Paulo, FIA-FEA, USP, 1994, p.3. Todos os dados sobre a usina foram retirados deste estudo de caso.

<sup>180</sup> De acordo com Plínio Mário Nastari, *Tecnologia, Custos e Competitividade no Mercosul: o caso do açúcar e do álcool* in Ricardo Seitenfus (org), **A agropecuária brasileira e o MERCOSUL**, Coleção Documentos, Série A Integração Regional e o MERCOSUL - 3, USP, IEA, novembro de 1992.

tem ficado entre 37% e 46%. A usina produz majoritariamente produtos básicos - açúcar e álcool; tem um forte setor "para trás", que produz máquinas e equipamentos para o Brasil e outras partes do mundo; investe em pesquisas, buscando uma melhoria do produto e uma redução nos custos da produção; enfim, busca sua lucratividade a partir de rendas agrícolas e não agrícolas, integrando setores e atividades, trabalhadores do campo e da cidade, na nação e no mundo. As atividades produtivas, rurais ou urbanas, os serviços a elas vinculados, bem como o consumo dos produtos finais; tornam-se cada vez mais articulados e, a agricultura torna-se um setor dependente da agroindústria, de forma direta ou indireta. Malassis comenta essa integração: ... *na sociedade industrial, a agricultura não representa mais do que 5% do emprego e da atividade nacional e adquiriu um tal poder de produção que o sistema alimentar tende para a supercapacidade. A economia de mercado se generaliza e a população tende para a saciedade. Neste contexto, podem-se desenvolver crises de superprodução agrícola, ainda que subsista concomitantemente uma franja de população sub-alimentada. .... O aspecto mais característico da crise mundial é a acumulação de excedente e o superconsumo em um polo e a subprodução e o sub-consumo generalizado em outro polo. A bipolarização mundial da riqueza e da pobreza é acompanhada por uma bipolarização agroalimentar.*<sup>181</sup>

A soja pode ser pensada como o produto que simboliza a integração. Como já foi dito anteriormente, é um produto agrícola que se presta a variados usos na transformação industrial: desde componente importante das rações e concentrados para a alimentação animal; a insumo básico para a produção de margarinas e óleos vegetais; e tem um peso significativo na constituição da dieta protéica que predomina no Ocidente. Nesse sentido, pode ser considerada o símbolo de uma nova forma de organização da produção e do consumo do alimento. É um dos principais produtos do *agribusiness*, pois possibilita uma diversificação dos negócios, no sentido da realização de um maior valor agregado. *Os chineses conheciam a soja como "sou"- um grão rico em proteínas - há 2.000 anos AC.. Trazida por missionários, a oleaginosa apareceu na Europa por volta de 1739, sendo que, nos Estados Unidos, ela chegou em 1804. Mas o crescimento da produção de soja aconteceu após a Segunda Guerra Mundial, devido ao estímulo ativado pelo governo norte-americano. No Brasil a soja foi introduzida em 1919, provavelmente por agricultores*

---

<sup>181</sup> Louis Malassis, *Economie Agro-Alimentaire*. Tome III, Paris, Cujas, 1986. pp. 385-6, livre versão.

*japoneses, que começaram a cultivá-la no município de Santa Rosa, no Rio Grande do Sul, para a alimentação de suínos. Contudo, a lavoura teve aqui pequena expressão até o final da década de sessenta. A grande evolução deu-se a partir de 1973, em resposta à alta generalizada das commodities decorrente do primeiro choque dos preços do petróleo.*<sup>182</sup> O Brasil é o segundo produtor mundial de soja - 25,5 milhões de toneladas, precedido pelos Estados Unidos - 54,7 milhões.<sup>183</sup> Em 1985, a soja brasileira representa 19% da produção mundial e o país exportava principalmente torta e óleo. Em 1980 exportava algo em torno de um milhão de toneladas de óleo, notadamente para a Índia e o Irã. No que se refere à torta, mais de 80% de sua produção destina-se à exportação para mercados como por exemplo Japão e Europa, onde concorre com a soja americana, mas também para países do Leste Europeu, Oriente Médio e Sudeste da Ásia.<sup>184</sup> É o principal produto agrícola brasileiro se considerarmos o valor total da produção agropecuária.<sup>185</sup>

Produzida em grande escala no Brasil desde o final dos anos sessenta, por conta de fortes incentivos governamentais, é consumida em grande quantidade no mercado interno, principalmente sob a forma de óleo, que apresenta preços acessíveis à maioria da população que, nesta época, já é predominantemente urbana e tem seus padrões alimentares transformados. *Com um consumo aparente da ordem de 15 kg per capita por ano, o óleo de soja representou perto de 90% do consumo local de óleo em 1980.*<sup>186</sup> É produzida quase que no país inteiro, mas é nos cerrados que apresenta sua maior área produtiva e modernizada, nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais. Bertrand, Laurent e Leclercq explicam uma parte de seu caminho: *um sistema muito seletivo de crédito com taxas de juros negativas, isto é, inferiores à inflação, apoiava primeiro as culturas de exportação "não tradicionais", e transformáveis pela indústria. Desta ótica, a soja se impôs como a cultura ideal. A demanda mundial desse produto não parava de crescer e ele podia ser transformado industrialmente sob a forma de óleos ou torta. Além*

---

<sup>182</sup>Ivan Wedekin e Luiz Antonio Pinazza, **Ceval: diversificação e busca de valor agregado**, São Paulo, PENSA, FIA-FEA, USP, 1992, pp.1-2.

<sup>183</sup> De acordo com Geraldo Banas, **Globalização: a vez do Brasil?**, São Paulo, MAKRON Books, 1996, p.113.

<sup>184</sup> Jean-Pierre Bertrand e al., **O Mundo da Soja**, São Paulo, Hucitec/Edusp, 1987, pp.11 e 96.

<sup>185</sup> De acordo com Ivan Wedekin e Luiz Antonio Pinazza, **Ceval: diversificação e busca de valor agregado**, São Paulo, PENSA, FIA-FEA, 1992.

<sup>186</sup> Jean-Pierre Bertrand e al., **O Mundo da Soja**, São Paulo Hucitec/Edusp, 1987, p.96.

disso, sua cultura implica maior utilização de insumos (máquinas, adubos, sementes selecionadas, produtos fitossanitários, etc...) que dinamiza a produção industrial para cima da agricultura.<sup>187</sup> O processamento da soja no país ocorre desde o começo dos cinquenta, com a instalação da INCOBRAS, fábrica brasileira. Em 1958 o grupo argentino Bunge & Born instala-se no país, porém, até os setenta o aumento da capacidade interna no processamento ocorre lentamente, mas ... em 1981 a capacidade de esmagamento do país havia crescido para 20 milhões de toneladas ...e ... no final dos anos oitenta, a capacidade de esmagamento do país era estimada em cerca de 100 mil toneladas por dia, permitindo a moagem de 30 milhões de toneladas ao ano.<sup>188</sup> A partir de 1975, a capacidade de trituração suplanta a de produção, ocorrendo a importação de grãos da Argentina, Paraguai e dos Estados Unidos<sup>189</sup>. O produto possibilita a diversificação e a integração "para frente", a partir, por exemplo, da criação de aves e suínos. Planta-se e processa-se soja para a alimentação animal, como o fazem a Sadia, a Ceval e a Perdigão; mas também a soja é plantada, transformada e utilizada como insumo na produção de margarinas e molhos ou de sabão e sabonete. Verifica-se uma presença predominante de grupos transnacionais no processamento de soja no país, tais como Cargill, Samba/Samarig, Purina, Gessy-Lever, entre outros que, coincidentemente, são as grandes companhias trituradoras mundiais do produto. Os grupos podem ou não serem produtores diretos de soja. De qualquer forma, mantêm direta ou indiretamente o controle da produção quando especificam a qualidade do produto, ou quando fornecem sementes, adubos e pesticidas ao agricultor. Controlam também a comercialização do produto quando mantêm *redes de coleta e distribuição na esfera agrícola, redes de distribuição junto a empresas agroalimentícias, bem como no nível do consumo final, como restaurantes ou comércio de varejo. ... Parte não desprezível da soja e dos produtos de soja que circulam em escala internacional constitui um intercâmbio organizado entre as filiais de uma mesma firma, embora isso não seja a regra geral. .... Adquirem os grãos de soja no local da produção (Estados Unidos, Brasil ou Argentina), quer por contato direto com o produtor, quer no nível das organizações de coleta (regionais ou portuárias), passando por uma Bolsa de mercadorias ou tratando diretamente com o comprador através de filiais instaladas no país cliente. Revendem a importadores locais, ou diretamente aos utilizadores nos locais de consumo, depois de*

<sup>187</sup> Jean-Pierre Bertrand e al., obra citada, p.93.

<sup>188</sup> Conforme Ivan Wedekin e al., obra citada, p.2.

*haver garantido o transporte. Esses transportadores são pouco numerosos: Cargill, Continental Grain, Bunge & Born, Louis Dreyfus.*<sup>190</sup>

A soja é o cereal oleaginoso mais cultivado no país. São diversas as maneiras de se produzir soja: a soja é produzida pelo agricultor familiar e pelo empresário agrícola; como cultura única, elemento da policultura ou associada à criação animal; a partir de técnicas de cultivo modernas ou que ainda mantêm certos aspectos tradicionais; através do contrato de parceria ou de trabalho assalariado; da mão de obra permanente ou temporária; pelo grande, pequeno ou médio proprietário rural. É uma lavoura que articula mercado doméstico e internacional, verificando-se, portanto, uma diversidade entre os agricultores que realizam sua produção que, no limite, diz respeito ao destino do produto. A soja atende a necessidades tão diversificadas que possibilita abrigar nesse leque várias maneiras de produzi-la. No entanto, parece que este cenário está se transformando. O mercado interno sinaliza para um crescimento em potencial do consumo do produto. Entretanto quando se pensa no mercado mundial - que cada vez mais tende para a segmentação e à diversificação dos produtos, pode-se vislumbrar certos problemas, pois no Brasil tem-se privilegiado a lavoura de soja, não ocorrendo diversificação a partir de outras lavouras que também são potencialmente fontes de óleo. Parece que ... *existe consenso que a supremacia da soja no duplo mercado de óleos e rações está prestes a findar. No caso de óleos, o quadro já está mais nitido e francamente desfavorável à soja, o óleo de palma já desbancou a soja como líder no comércio mundial no qual o preço é o fator decisivo e os óleos de baixos níveis de gorduras saturadas (sobretudo canola) pressionam a soja pelo lado da qualidade ...*<sup>191</sup>

Parece que a demanda mundial de alimentos sinaliza para um crescimento dos produtos considerados "frescos". Miniaturas de vegetais, como por exemplo de cenouras acondicionadas em plástico ou lata, são possíveis de ser encontradas nos supermercados de todo o mundo. Parece estar ocorrendo um crescimento do consumo de frutas e vegetais, que contêm vitaminas e sais minerais e, portanto, fazem parte de uma dieta saudável. O Brasil que tem consolidada sua posição de maior exportador mundial de suco de laranja - exporta

---

<sup>189</sup> Conforme Jean-Pierre Bertrand e al., obra citada, p.95.

<sup>190</sup> Jean-Pierre Bertrand e al, **O Mundo da Soja**, São Paulo, Hucitec/Edusp, 1987, pp.38-40.

<sup>191</sup> John Wilkinson, **Competitividade da Agroindústria Brasileira**, *Agricultura em São Paulo*, SP, 42(1):27-56, 1995, p.36.

70% do suco comercializado no mundo, especialmente para os Estados Unidos e Europa,<sup>192</sup> começa a aparecer no cenário mundial como produtor de frutas frescas. Considerado o maior produtor mundial de frutas - 30 milhões de toneladas em 1988, segundo estimativa do IBGE, a maior parte dessa produção tem como destino o mercado interno. O governo brasileiro cria em 1991 o FRUPEX - Programa de Apoio à Produção e Exportação Frutícola.<sup>193</sup> O mercado externo exige a qualidade do produto que deve ser monitorada desde o campo, quando, por exemplo, requer que as várias unidades produtivas pulverizadas pelo mundo ofereçam o mesmo tipo de produto nas diferentes épocas do ano ou quando impõe condições fitossanitárias para sua compra. Como relata Elizabeth Farina: *atualmente, os EUA só aceitam importar frutas de regiões onde não existam moscas-de-frutas ou as que tenham sido tratadas no período pós-colheita. Por esse motivo apenas a MAISA e a FRUNORTE exportam melões para os Estados Unidos*<sup>194</sup>. E Jean Chesneaux nos conta que *... 93% da produção francesa de maçãs provinham em 1985 de mudas americanas, sendo 71% de "golden delicious"; mas, as outras qualidades de maçã, como a calville, a barré, a reinette do Muns, a api, a reine des reinettes, hoje não passam de lembranças. ...*<sup>195</sup> É possível dizer-se que a sociedade global exacerba um processo que acontece gradativamente ao longo do século XIX e que toma corpo após a Segunda Guerra Mundial: o da internacionalização da produção a partir de procedimentos comuns. Certos produtos, como alguns alimentos, mantêm um padrão em todo mundo. É o caso do melão e da maçã, mas também do hamburger do McDonald's e da Coca-Cola, ou de produtos considerados exóticos ou étnicos.

*A dinâmica da agricultura está cada vez mais dependente do mercado internacional. Os novos vínculos e as distintas formas de controle às quais as unidades agrícolas estão*

---

<sup>192</sup> De acordo com John Wilkinson. **Competitividade da Agroindústria Brasileira**, *Agricultura em São Paulo*, SP, 42(1):27-56, 1995, p.34.

<sup>193</sup> De acordo com Suzana B. de Souza Santos. **Estudo: AVITI - Associação dos Viticultores de São Miguel Arcanjo**. São Paulo, PENSA, FIA-FEA, USP, 1991, p.6.

<sup>194</sup> Elizabeth Farina. **Frunorte: frutas brasileiras no mercado europeu**. São Paulo, PENSA, FIA-FEA, USP, 1992, p.7

<sup>195</sup> Jean Chesneaux. **Modernidade-Mundo**, Petrópolis, Vozes, 1995, pp.191-2.

*submetidas oferecem evidência disto.*<sup>196</sup> A VALEXPORT - Associação de produtores e exportadores de frutas do Vale do São Francisco, notadamente uva e manga; a FRUNORTE - Frutas do Nordeste Ltda., empresa produtora de melão no Vale do Assu, no Rio Grande do Norte; a AVITI - Associação dos viticultores de São Miguel Arcanjo, estado de São Paulo; e o CNPAT - Centro Nacional de Pesquisa de Agroindústria Tropical, localizado em Fortaleza, no Ceará, que desenvolve pesquisa, difusão e transferência tecnológica de produtos agroindustriais, especialmente o caju, mas também manga, graviola, acerola e goiaba, entre outros; são exemplos nesse sentido.

A uva produzida em São Paulo e no Nordeste é a itália ou rubi, que é consumida internamente ou exportada. A VALEXPORT é o canal de exportação nordestino; e a BÁTIA, maior firma exportadora de frutas do país, responsabiliza-se pela exportação do produto paulista.<sup>197</sup> Tanto a AVITI como a VALEXPORT desenvolvem assessoria junto aos produtores no sentido de padronização do manejo, difusão tecnológica e de outros procedimentos que possibilitem um produto de qualidade e sua entrada no mercado externo. A uva do Nordeste, no entanto, dispõe de melhores condições de produção e de comercialização. Como relata Suzana B. de Souza Santos, *o Vale do São Francisco dispõe de aproximadamente 4,3 milhões de hectares irrigáveis, solos de fertilidade média e alto índice de energia solar, tanto na forma de calor, como de luminosidade. Graças à irrigação, tais características permitem a obtenção de 2,5 safras por ano, frutas com alto teor de glicose e um potencial de produtividade dos mais altos do mundo.*<sup>198</sup> Por se tratar de um produto perecível, a uva necessita de cuidados em seu transporte, que se realiza em caminhões refrigerados no território nacional e em navios frigoríficos, quando é exportada.

---

<sup>196</sup> Josefa Salete Barbosa Cavalcanti, **O Processo de Globalização e seus Impactos sobre a Agricultura: uma aproximação ao estudo das relações entre os sistemas de produção do Vale do São Francisco (Nordeste do Brasil) e as regulamentações internacionais**, XVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1994, p.8. De acordo com essa perspectiva, John Wilkinson trata dos setores agrícolas ligados à agroindústria no mercado interno e externo no texto **Competitividade da Agroindústria Brasileira, Agricultura em São Paulo**, SP, 42(1):27-56. 1995. Ver Também sobre isso Luciano Coutinho e João Carlos Ferraz (coord.), **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira**, Campinas, Papyrus/Unicamp, 1994, especialmente parte III.

<sup>197</sup> Conforme Suzana B. de Souza Santos, **Estudo: AVITI - Associação dos Viticultores de São Miguel Arcanjo**, São Paulo, PENSA, FIA-FEA, USP, 1991, p.3. Todas as informações a respeito da cultura da uva em São Miguel Arcanjo foram extraídas desse estudo de caso.

<sup>198</sup> Suzana B. de Souza Santos. obra citada, p. 6.

No mercado interno, grande parte da uva paulista é enviada diretamente ao CEAGESP através da AVITI, ou comercializada através dos atacadistas do próprio entreposto, que retiram o produto no local.<sup>199</sup> A VALEXPOR se encarrega também da comercialização interna da uva de seus associados. Ocorre também que os próprios grupos produtores comercializam sua produção, como é o caso do grupo francês CARREFOUR, proprietário da fazenda Labrunier no Vale do São Francisco.<sup>200</sup> A AVITI e a VALEXPOR integram os agricultores das regiões que produzem de acordo com o padrão agrícola moderno. *As carrancas do rio São Francisco continuam nas casas e nos barcos protegendo os homens do sertão, mas o apoio técnico e o desenvolvimento dos projetos de irrigação provocaram uma ampla integração entre eles. Os projetos geraram empregos recuperando não só o solo, mas também melhorando a qualidade de vida da região.*<sup>201</sup>

O melão produzido no Rio Grande do Norte também é irrigado. *A natureza garantiu ao Nordeste condições para a precocidade vegetativa e reprodutiva das frutas, desde que combinada com tecnologia de irrigação, conservação dos solos e sementes selecionadas e de alta produtividade.*<sup>202</sup> A maior parte da produção da FRUNORTE - em torno de 75%, destina-se ao mercado interno, principalmente para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, através dos CEASAs, mas também comercializa diretamente no varejo a partir de contrato firmado com o grupo CARREFOUR. A empresa vende também diretamente para redes de supermercados ingleses, como a Tesco, Safeway, Sainsbury e Gateway. A tecnologia para irrigação da lavoura foi trazida de Israel e atualmente a empresa dispõe de uma indústria própria de tubos de polietileno, também fornecidos para outros projetos agrícolas irrigados do Nordeste. As sementes são da Califórnia, EUA, e de Israel. Os tratamentos culturais são realizados através da rotação de culturas, no sentido da preservação do solo e

---

<sup>199</sup> O mesmo procedimento de venda para os mercados interno e externo é verificado nos produtores de figo de mesa no estado de São Paulo que, no entanto, não contam com uma associação que os integre, pelo menos até a data da realização da pesquisa. Sua produção e sua comercialização foram objeto de minha dissertação de mestrado: Maria Luiza de Lima Vitule, **Parceria e Modernização - um estudo sobre os parceiros do figo em Valinhos**, apresentada na PUC-SP em 1989.

<sup>200</sup> Conforme Josefa Saete Barbosa Cavalcanti, obra citada, p.15.

<sup>201</sup> Conforme folheto publicitário **Brazilian Grapes - Vale do São Francisco - Nordeste - Brasil**, distribuído na FENAR 94-SP, onde se realizou o Seminário Internacional de Frutas Tropicais.

<sup>202</sup> Elizabeth Farina, **Frunorte: frutas brasileiras no mercado europeu**, São Paulo, PENSA, FIA-FEA, USP, 1992, p.1. Todas as informações a respeito da Frunorte nesse capítulo foram retiradas desse estudo.

do controle de pragas e doenças, sistema implantado com a assessoria da UNESP, Campus de Araraquara, por intermédio de seu Centro de Manejo Integrado de Pragas. Anteriormente à instalação da FRUNORTE, em 1985, o minifúndio era a principal forma de ocupação territorial da região e as atividades predominantes eram a extração da cera de carnaúba e a pesca. Hoje, a empresa tem terras em áreas descontínuas, que formam fazendas de 300 a 400 ha, e 1.500 trabalhadores assalariados. Guardadas as diferenças dos produtos, de seus tratamentos culturais, das regiões em que são cultivados e da forma de vida e de trabalho dos agricultores que os produzem, as frutas acima descritas podem ser consumidas nas refeições de pessoas do mundo inteiro, pois respondem a um padrão de qualidade que pode ser considerado global.

A demanda da sociedade global pode ser pensada como intensiva em serviços. Os serviços, como bem resume François Chesnais são a *nova fronteira para a mundialização do capital*. ... Em 1970 o investimento direto externo - IDE, no setor terciário representava 25% do estoque total de IDE dos países capitalistas avançados. Em 1980 esse percentual havia crescido para 37,7% e em 1990 para 50,1%.<sup>203</sup> Embora os serviços financeiros representem a parcela mais importante desse movimento, o que interessa destacar são alguns serviços agregados à produção e à comercialização do alimento. A produção alimentar incorpora cada vez mais serviços em seu produto final: refeições prontas, semi prontas, congeladas ou entregues quentes à domicílio, refeições oferecidas por variadas cadeias de *fast food* ou em restaurantes "por quilo", étnicos ou internacionais. De acordo com Wilkinson, *o dinamismo da demanda para os novos produtos alimentícios finais contrasta com a saturação do mercado de commodities e com os excedentes agrícolas tanto na CEE como nos EUA que se traduzem numa crise fiscal cada vez mais insustentável*. ...<sup>204</sup> A agroindústria alimentar produz cada vez mais "especialidades".

A distribuição do produto alimentar é um elemento importante deste percurso. Como explicam Ivan Wedekin e Marcos Fava Neves: *em sua primeira onda, o poder estava no campo. Na segunda, o poder foi exercido pela indústria, notadamente após a Segunda Guerra Mundial. Na terceira onda, ao longo dos últimos 20 anos, o poder e a liderança migraram gradativamente para o segmento da distribuição, em particular para o comércio*

<sup>203</sup> François Chesnais, *La Mondialization du Capital*, Paris, Syros, 1995, p.156, livre versão.

<sup>204</sup> John Wilkinson, *Competitividade da Agroindústria Brasileira*, in *Agricultura em São Paulo*, SP, 42(1):27-56, 1995, pp.28-9.

varejista. Os consumidores representam um ativo para as grandes corporações de varejo. A revolução da informática e os progressos da comunicação foram os veículos desse processo.<sup>205</sup> De acordo com os mesmos autores, os supermercados brasileiros, que representam cerca de 15% dos pontos de venda de alimentos no país respondem por aproximadamente 85% de suas vendas efetivas. O Carrefour é o maior grupo do setor quando se pensa em faturamento, seguido pelo Pão de Açúcar que, no entanto, tem maior número de lojas.<sup>206</sup> Verifica-se uma tendência mundial de integração direta da produção do produto do campo à distribuição realizada pelo supermercado, que pode realizar-se diretamente, quando o supermercado é o próprio produtor, como no caso do Carrefour que produz uvas no Vale do São Francisco, ou quando ocorre a integração produção/distribuição via compra do produto diretamente do agricultor, como é o caso, por exemplo, do Eldorado, no estado de São Paulo. Supermercados em todo o mundo - em especial na Suíça, Alemanha, Suécia, Japão, Bélgica, França e Estados Unidos<sup>207</sup> - também têm marcas próprias principalmente em produtos alimentares. *Na microeconomia do negócio, o planejamento estratégico e operacional das empresas do agribusiness deve se assentar no tripé da competitividade, representado por tecnologia & produto, distribuição e marca.* ...<sup>208</sup> A demanda é um balizador importante do negócio agroindustrial e através dela podem estabelecer-se novas formas de controle da atividade agrícola, bem como de integração dos atores nela envolvidos.

A heterogeneidade dos produtos alimentares encontrados no mercado possibilita a diversificação agrícola e comercial: frutas e verduras são produzidas nas várias partes do mundo, atendendo a demandas por produtos naturais e exóticos. Ao mesmo tempo, consumidores procuram comodidade e rapidez no preparo e no consumo do alimento, fato que os leva aos congelados vendidos nos supermercados e às cadeias de *fast food*. Existem produtos agroalimentares de grande difusão e consumo, como o macarrão, o biscoito, o leite

---

<sup>205</sup> Ivan Wedekin e Marcos Fava Neves, **Sistema de Distribuição de Alimentos: o impacto das novas tecnologias**, V Seminário Internacional de *Agribusiness* do PENSA, São Paulo, FIA-FEA, USP, 1995, p.6.

<sup>206</sup> De acordo com Quadro 4, in Ivan Wedekin e Marcos Fava Neves, obra citada, p.13.

<sup>207</sup> Conforme Tabela 6, in Ivan Wedekin e Marcos Fava Neves, **Sistema de Distribuição de Alimentos: o impacto das novas tecnologias**, V Seminário Internacional de *Agribusiness* do PENSA, São Paulo, FIA-FEA, USP, 1995, p.14.

<sup>208</sup> Ivan Wedekin e Marcos Fava Neves, obra citada, p.8.

e o pão. Existem outros, como patês, molhos, queijos e vinhos especiais, que são consumidos por pequena parte da população e que são vendidos em *boutiques* de alimentos. Todos são produtos agroindustriais comercializados em grande escala. A agroindústria fabrica também, de uma maneira moderna, *fondues*, bolos ingleses, minestrone, quibes e molhos, a partir de "verdadeiras" receitas artesanais. A agroindústria alimentar pode potencialmente substituir os produtos "feitos em casa" e, assim, fabricar receitas culinárias de todo o mundo. Outra modalidade que vem crescendo no setor é a *franchising*, a partir de cadeias de restaurantes, especializados principalmente em *fast food*. Um dos pioneiros no Brasil é o McDonald's, mas há também Pizza Hut, Subway, Arbys, só para lembrar alguns. As filiais por *franchising* possibilitam um maior controle das receitas e da qualidade do produto, que é padronizado em todo mundo, como também o são os restaurantes na decoração, nos serviços etc., fato que leva a uma associação de imagem e marca do produto em termos globais. De uma maneira geral, é possível dizer-se, como disse Louis Malassis, que a agroindústria alimentar responde a um imperativo técnico posto pela sociedade industrial: *ela deve substituir uma produção heterogênea, dispersa no espaço e no tempo, alterável e perecível, por uma produção homogênea e higiênica, disponível e estocável, como também relativamente concentrada nos centros urbanos.*<sup>209</sup>

O novo patamar de desenvolvimento do capitalismo leva a que um movimento da própria natureza do capitalismo - a concentração e a centralização do capital, se realize em âmbito mundial. As corporações transnacionais realizam operações financeiras, produtivas ou comerciais, tendo como horizonte o mundo. Empresas agroalimentares buscam pelo mundo seus produtores, fornecedores e consumidores. Em 1972 a Unilever é a primeira empresa agroalimentar do mundo em faturamento, atuando em 47 países; a Nestlé, a segunda, atuando também em 47; a Swift, a terceira, realizando operações em 10; a Armour a quinta, operando em 15 países, a General Foods, a sexta, com operações em 18; e a Quaker Oats, a trigésima nona, atuando em 11 países do mundo.<sup>210</sup> De acordo com Louis Malassis, *elas são o instrumento fundamental da internacionalização da economia agroalimentar e constituem o vetor principal dos investimentos internacionais e os centros de decisão essenciais de transferências de produtos, de tecnologias, de formas*

---

<sup>209</sup> Louis Malassis, *Economie Agro-Alimentaire*, Tome I, Paris, Cujas, 1973, p. 151, livre versão.

<sup>210</sup> Conforme Quadro elaborado por Louis Malassis: *Les Premières Firmes Agro-Alimentaires Mondiales en 1972*, *Economie Agro-Alimentaire*, Tome I, Paris, Cujas, 1973, pp.421-423.

*organizacionais e de operações em bolsas de mercadorias em escala mundial.*<sup>211</sup> Os anos noventa assistem a um grande movimento no sentido de aquisições, fusões e parcerias de empresas em todo o mundo. Empresas de todos os lugares buscam novos mercados ou a ampliação dos já tradicionais. Associam-se, diversificam-se, mundializam-se. No Brasil, dados referentes ao período de 1985/1994 mostram que a Nestlé adquiriu as empresas Airilam, Buitoni e Gelato; a Bung & Born, a Petybon; a Unilever, a Cica, a Rex e a Luna; a Parmalat, a Teixeira, a Supremo, a Spam, a Via Láctea, a Alimba, a Lavisa, a Alpha, a Sta. Helena, a Go-Go e a LPC; a Quaker Oats, a Toddy e a Coqueiro; a Bordon, empresa brasileira, adquiriu a La Villette, a Betinha e Contibrasil e a Swift-Armour; a Perdigão, também brasileira, a Chapecó, a Sulina, a Utinga, a Mocóca e a Borella. A Perdigão Agroindustrial foi adquirida pela Mitsubishi do Japão.<sup>212</sup> É importante assinalar, entretanto, que micros e pequenas empresas nacionais dedicam-se à produção e ao processamento alimentar em todo o mundo. É o caso de produtores regionais de queijos e vinhos na França e de produtores de vinho no Sul do Brasil. *A micro e a pequena empresas produtora de alimentos no Brasil respondem por apenas 37,0% do valor agregado produzido no setor. No entanto, estas empresas representam 97,5% do universo das empresas de alimentos e empregam 50,4% da mão-de-obra da indústria.*<sup>213</sup> Seus produtos destinam-se notadamente às populações de baixa renda e habitualmente ficam marginalizados da grande distribuição. Isso não aponta uma tendência para seu desaparecimento, pois o país conta com aproximadamente 160 milhões de habitantes, que são seus consumidores em potencial e os supermercados, como já foi dito, representam 15% dos pontos de venda, restando os outros

---

<sup>211</sup> Louis Malassis, *Economie Agro-Alimentaire*, Tome III, Paris, Cujas, 1986. p.207, livre versão.

<sup>212</sup> Conforme Quadro 1 - Brasil: Participações e Parcerias na Indústria Agro-Alimentar (1985-1994), Walter Belik, *Agroindústria e Recstruturação Industrial no Brasil: elementos para uma avaliação*, in Pedro Ramos e Bastiaan P. Reydon (Orgs.), *Agropecuária e Agroindústria no Brasil*, Campinas, ABRA, 1995, p.114. No que se refere à Perdigão, a Companhia controladora é a Perdigão S/A Comércio e Indústria, que controla a Perdigão Alimentos S/A, que industrializa soja e controlava a Perdigão Agroindustrial S/A, produtora e processadora de proteína animal - aves e suínos, agora adquirida pelo conglomerado japonês. Dados retirados de Estudo de Caso - *Perdigão: Tecnologia e Reformulação dos Negócios*, realizado por Samuel Ribeiro Giordano e apresentado em São Paulo, no V Seminário Anual do PENSA, FIA/FEA, USP, 1995.

<sup>213</sup> Walter Belik, *Auto-Regulação e Políticas Públicas para o Setor Agroalimentar no Brasil, Texto para Discussão*, nº47, IE/Unicamp, agosto/95, p.31.

85%. A agroindústria alimentar do país é um setor pleno de possibilidades e também de interrogações.

A criação e recriação de mercadorias é uma tendência sempre renovada na história do capitalismo. Parece que, nos dias de hoje, essa tendência se manifesta de forma significativa no alimento. A agroindústria alimentar representa as condições de produção da sociedade global: dinâmica em tecnologia e serviços; grande capacidade produtiva agrícola e alto grau de desenvolvimento industrial; concentração e centralização do capital e dispersão espacial das unidades de produção; diversificação horizontal, vertical e multisetorial das atividades produtivas; mercado consumidor internacionalizado, predominantemente urbano e sensível à publicidade. Ao mesmo tempo, as condições sociais do consumo apontam para o baixo poder aquisitivo de grande parte da população do planeta, fato que impõe fortes limites ao modelo de desenvolvimento baseado na extensão, expansão e diversificação do consumo. A globalização da economia leva a um padrão de consumo alimentar que pode ser pensado como mundial, mas leva também à disparidades em seu consumo, pois a produção do "alimento global" não significa a igualdade de acesso ao produto alimentar. Novas versões sobre temas antigos estão sendo postas pela sociedade global.

#### IV - O Alimento na Fábrica Global

*Com o progresso da agricultura capitalista, tornou-se possível as empresas estrangeiras recorrerem aos agricultores locais para as mercadorias agrícolas que necessitam. Enquanto isso, as transnacionais investiram seu capital, em proporções cada vez maiores, onde as margens de lucro são melhores - no beneficiamento e na distribuição.*<sup>214</sup>

A agroindústria se forma no século XIX, desenvolve-se ao longo do século XX e tem por base a preparação, a conservação e a transformação do produto do campo. O alimento é cultivado, processado e preparado de acordo com um tipo de racionalidade que imprime a dinâmica que predomina nas relações sociais do mundo contemporâneo. Neste movimento, a divisão social do trabalho amplia-se, diversifica-se. Instituições e empresas, indivíduos e coletividades organizam suas práticas segundo a lógica do mercado, do direito, da ciência e da técnica. Nesse percurso, a cidade emancipa-se do campo, populações rurais tornam-se predominantemente urbanas. As relações sociais transformam-se quando a cidade é o elemento que prevalece na organização das atividades produtivas: é na cidade que os produtos do campo são processados e distribuídos, preparados e consumidos. Parte crescente da transformação, processamento e comercialização do produto agrícola é transferida para o setor industrial. A cidade toma a frente do campo no processo de modernização capitalista, determinando o modo pelo qual deve ser realizada a produção agrícola, marcando também seu ritmo.

É possível pensar-se que a cidade, enquanto sede da indústria, inaugura um novo ciclo da história do mundo. É possível pensar-se também que as corporações transnacionais, enquanto agentes importantes na construção da sociedade global, inauguram um outro ciclo. Suas práticas criam novas modalidades de articulação e de integração entre os agentes sociais, novas maneiras de *estar no mundo*, pois atividades produtivas, comerciais, legais, administrativas e outras, são transformadas nesse novo contexto. As corporações transnacionais planejam e executam seus projetos a partir de práticas diversas, nos vários setores da economia e nas diferentes geografias. Esse fato parece estar tornando possível a emergência de uma nova forma de relacionamento entre governos, empresas, instituições, grupos e pessoas. Parece que está se construindo contemporaneamente uma geo-economia

---

<sup>214</sup> Roger Burbach e Patricia Flynn, **Agro-Indústrias nas Américas**, Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p.109.

própria dessas corporações, fato que tem implicações sociais, políticas e culturais que desafiam a realidade e sua compreensão. Nesse contexto, é possível pensar-se que a agricultura está sendo redesenhada a partir da dinâmica global da agroindústria. Como assinalam Roger Burbach e Patricia Flynn, *embora o capital estrangeiro já não esteja na linha de frente da modernização da produção, seu papel chave em outras esferas ainda lhe dá uma influência decisiva no processo de desenvolvimento capitalista no campo.*<sup>215</sup> Por meios diretos ou indiretos, empresas transnacionais transformam a geo-política do mundo e, nesse processo, transformam o campo dos países em que atuam. A agroindústria alimentar é um dos elementos chave desse processo, pois, *as grandes firmas agroalimentares exercem papel decisivo no desenvolvimento agroalimentar mundial, por seu poderio financeiro, por sua capacidade de organização e atitudes inovadoras, pelas transferências que operam no campo tecnológico, como também por suas técnicas organizacionais e comerciais.*<sup>216</sup>

As corporações transnacionais são responsáveis pela difusão de um padrão de consumo que pode ser pensado como mundial, pois certos hábitos podem ser considerados internacionais. ... *Está nascendo uma "elite internacional" que, embora geograficamente espalhada, apresenta um padrão de consumo basicamente uniforme - os mesmos alimentos, refrigerantes, cigarros, automóveis, produtos farmacêuticos, eletrodomésticos etc. estão sendo consumidos em todos os países onde lhes seja permitido o acesso. ...*<sup>217</sup> As empresas transnacionais buscam também a diferenciação de seus produtos a partir da identificação de marcas e da publicidade. Operando globalmente, transformam hábitos e modos de vida. O crescimento do consumo de alimentos industrializados parece ser uma constante em todo o mundo. O capital agroindustrial reestrutura e integra a agricultura ao mercado mundial. O campo vincula-se a redes e conexões diversificadas, que transbordam as fronteiras econômicas, sociais, políticas e culturais das nações. A agroindústria alimentar diz respeito a um modelo de produção internacionalizado, que privilegia o consumo de proteínas, demanda serviços diversificados e que apresenta um custo social elevado. A cidade, como lugar de concentração populacional, é o espaço privilegiado de sua criação, difusão e continuidade. Quanto maior o tamanho, a densidade e a heterogeneidade da população, mais diversificados

---

<sup>215</sup> Roger Burbach e Patricia Flynn, **Agro-Indústrias nas Américas**, Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p.109.

<sup>216</sup> Louis Malassis, **Economie Agro-Alimentaire**, Tome I, Paris, Cujas, 1973, p.286, livre versão.

<sup>217</sup> David Colman e Frederick Nixon, **Desenvolvimento Econômico - uma perspectiva moderna**, Rio de Janeiro, Campus/Edusp, 1981, p.245.

serão seus hábitos alimentares, pois a cidade pode ser pensada como lugar de encontro das várias possibilidades alimentares, que se pautam no paladar e nos hábitos familiares, mas também na novidade, na renda, no tempo disponível e na comodidade. A refeição é um acontecimento nutricional que é também social e se estrutura de acordo com regras culturais, que dizem respeito a tempo, lugar e comportamento. Parece que a refeição "tradicional" está sendo substituída por um tipo de alimentação não estruturada, em que se verifica uma individualização dos horários e locais das refeições. A vida moderna leva a novas condições sociais na realização das refeições, introduzindo novos hábitos de consumo alimentar como o *snack* e o *fast food*. O preparo do alimento deve ser cada vez mais facilitado. Assim, a comida vem de uma caixa ou de uma lata, o que for mais rápido. Nesse contexto, grande parte dos alimentos consumidos no mundo são produzidos pela indústria. Mas ... *por menor que seja o peso econômico relativo da agropecuária na esfera da produção alimentar, sua singularidade será mantida até o dia em que o homem consiga encontrar uma fonte de energia necessária à vida que dispense o consumo das plantas e dos animais.*<sup>218</sup>

Quando a agricultura integra-se à indústria, torna-se principalmente produtora de insumos. Novas relações entre agricultura e indústria levam à diversificação e à flexibilidade do produto do campo. Ocorre o processamento de primeira geração, que produz insumos, como as farinhas derivadas de cereais, o açúcar da cana e da beterraba, o pó do cacau e os óleos provenientes de vegetais, como a soja, a palma, o milho, o algodão, a canola, o girassol etc. Verifica-se também o processamento de segunda geração, que produz insumos utilizados como ingredientes no preparo do produto alimentar final, como xaropes, dextrose, sacarose e extratos. Novas técnicas aplicadas aos insumos agrícolas possibilitam articulações diversas entre as indústrias química, farmacêutica e alimentar, originando um tipo de insumo alternativo - a biomassa. Este fato possibilita ao setor farmacêutico produzir também ingredientes para o preparo de alimentos, quando produz por exemplo, aditivos, corantes, aromas e sabores ou o próprio produto final, como os alimentos dietéticos, substituindo insumos da natureza. A biomassa pode também ser utilizada como insumo energético, caso do álcool combustível, proveniente da cana-de-açúcar. Óleos vegetais são também utilizados na fabricação de sabão e sabonetes. No entanto, é importante assinalar que é o setor ligado

---

<sup>218</sup> José Eli da Veiga, **O Desenvolvimento Agrícola: uma visão histórica**, São Paulo, Hucitec/Edusp, 1991, p.177.

ao primeiro processamento que produz tradicionalmente os insumos utilizados pelas indústrias química e farmacêutica. Técnicas novas ou antigas abrem um leque de possibilidades para a produção do alimento. Nesse sentido, *a integração da indústria de alimentos aos complexos industriais mais vastos resulta da diversificação das firmas e diz respeito ao processo de desenvolvimento capitalista e do patamar de evolução da tecnologia.*<sup>219</sup>

O padrão alimentar que predomina na atualidade começa a ser formado ao longo do século XIX e insere-se nos quadros mais gerais do processo de industrialização da sociedade. No entanto, sua plena configuração é posterior à Segunda Guerra Mundial, época a partir da qual o padrão de consumo alimentar agroindustrial se dissemina pelo mundo. A agricultura e pecuária, fontes milenares da produção do alimento, são transformadas radicalmente nesse processo. As corporações transnacionais do setor são parte importante desse percurso. Atuando diretamente ou não na produção agrícola, vão paulatinamente detendo seu controle. As empresas realizam várias atividades, existindo grande diversidade na forma de seu desenvolvimento. De acordo com suas práticas produtivas, organizacionais, financeiras, comerciais e outras, podem prescindir da propriedade territorial, quando compram o insumo já processado. Ou podem participar diretamente da produção agrícola, produzindo e processando seus próprios insumos e até comercializando-os para terceiros. De qualquer forma, por meios diretos ou indiretos, é possível dizer-se que, a partir da agroindústria a agricultura torna-se moderna, vinculando-se definitivamente ao processo industrial. O mundo contemporâneo é palco de um novo patamar de desenvolvimento no processo de industrialização da sociedade: a economia que se globaliza muda a quantidade e a qualidade das relações societárias. Empresas internacionais tornam-se globais. François Chesnais define indústria global como ... *uma indústria na qual a posição concorrencial de uma firma em um país é influenciada significativamente por sua posição nos outros países e vice-versa.*<sup>220</sup> Como se sabe, as formas de concentração da produção e do comércio em escala mundial não são um fato novo. Mas, o mundo hoje vivencia mudanças tecnológicas radicais que estão possibilitando a passagem do oligopólio doméstico para o oligopólio mundial. Este fato traz novas práticas,

---

<sup>219</sup> Louis Malassis, *Economie Agro-Alimentaire*, Tome III, Paris, Cujas, 1986, p.194, livre versão.

<sup>220</sup> François Chesnais, *La Mondialization du Capital*, Paris, Syros, 1994, p.91, livre versão.

padrões e significados para as relações sociais. Os estudos de caso descritos neste capítulo procuram ilustrar um pouco desta história.

## 1. QUAKER

*Grain based products and good for health beverages.*

A Quaker Oats Company inicia seus negócios nos Estados Unidos em 1901 como uma *holding* - empresa mãe, que centraliza uma série de atividades anteriormente desenvolvidas. É fundada a partir de uma combinação de forças financeiras, por intermédio de ações na Bolsa de Chicago, e gerenciada por um quadro administrativo especializado. *A história da Quaker pode ser tratada como a história do comércio moderno. Muitas das imaginativas inovações que existem hoje em dia nos programas de vendas basicamente iniciaram-se com os fundadores da Quaker Oats Company.*<sup>221</sup>

Sua história começa em Akron, Ohio, em 1854, quando Ferdinand Schumacher, dono de um armazém de secos e molhados, torna-se o maior processador de aveia da região e o primeiro comerciante do produto para consumo humano, ficando conhecido como *The Oatmeal King*. Nas décadas de setenta e de oitenta do século passado, imigrantes irlandeses, escoceses e alemães vão para os Estados Unidos, levando consigo o hábito de consumir aveia nas refeições matinais. No mesmo período, inovações tecnológicas no processamento do cereal - como por exemplo, a separação dos grãos por tamanho e peso e sua transformação em flocos; são introduzidas e patenteadas por Schumacher. Esses dois fatos levam à ampliação dos negócios no ramo. Ao mesmo tempo, em Ravenna, cidade próxima de Akron, um outro moleiro, Henry Parsons Crowell, comercializa farinha de aveia embalada em caixas de papelão sob a marca Quaker. Como nos dias de hoje, a caixa do produto traz em seu verso receitas culinárias que utilizam a aveia como ingrediente em seu preparo. A embalagem traz também o logotipo da marca, utilizado até nossos dias - *the figure of a man in Quaker garb*: a figura de um homem da comunidade religiosa Quaker ... *admirada por qualidades tais como a frugalidade, a parcimônia, o asseio, a prosperidade e sobretudo a integridade.*<sup>222</sup> Quaker é uma marca que impõe respeito. O estado de Ohio

---

<sup>221</sup> Artur F. Marquette, **Brands, Trademarks and Good Will: the story of The Quaker Oats Company**, USA, McGraw-Hill, 1976. p.6, livre versão.

<sup>222</sup> Artur F. Marquette, obra citada, pp.31 e 27, livre versão.

concentrava na época grande parte dos fiéis desta comunidade. É neste período que se inicia o processo de urbanização nos Estados Unidos. Crowell faz publicidade da aveia Quaker nas cidades, principalmente naquelas onde se concentram os imigrantes, relacionando as características dos Quakers à marca Quaker. Em 1877, o nome e o logotipo Quaker são registrados comercialmente e acontece o primeiro registro de uma marca de cereal no país. A então Quaker Mill Company realiza operações como a classificação do produto por tipo, seu beneficiamento, empacotamento e distribuição da farinha de aveia para diversos estados do país. A linha de produtos da companhia também inclui alimentos provenientes do trigo e do milho. Outro cenário: Chicago; lugar onde Robert Stuart inicia seus negócios. Stuart vem de uma família escocesa que migra para o Canadá em 1850, com a intenção de exportar para a Europa frutas, grãos e queijo, mas que se estabelece no negócio de processamento de aveia. Em 1879, Stuart procura um centro nos Estados Unidos onde possa realizar operações financeiras no mercado de cereais. Este local é Chicago onde faz uma sociedade para operar um moinho e torna-se também membro importante da Bolsa de Mercadorias, ficando conhecido como ... *seu corretor mais sagaz...*<sup>223</sup> Stuart e seu sócio processam aveia para o mercado norte-americano e também a exportam para a Escócia. Em 1887, um *pool* de comercialização de cereais do qual participam os mais importantes industriais do setor é fundado. Seus diretores: Schumacher, Crowell e Stuart. Começa a tomar forma a Quaker Oats Company, que tem sua sede até hoje na cidade de Chicago.

De acordo com Artur F. Marquette ... *a publicidade veiculada em moldes nacionais e a Quaker Oats Company desenvolvem-se juntas ...*<sup>224</sup> A empresa inicia seus negócios processando e distribuindo produtos agrícolas, principalmente aveia. Até hoje, a aveia é tradicionalmente seu produto mais conhecido. A transformação de aveia em farinha diz respeito ao setor de primeiro processamento que, habitualmente, não requer técnicas sofisticadas e inovadoras. A apropriação desse tipo de tecnologia torna-se acessível a quem queira dela utilizar-se, tanto no que diz respeito à sua operacionalização, quanto ao seu custo. Por conta disso, agrega pouco valor ao produto final que é objeto de concorrência entre as várias empresas do setor. Nesse contexto, a publicidade adquire grande importância. Desde o começo do século, a empresa tem sua produção voltada para o consumo de massa e

---

<sup>223</sup> Artur F. Marquette. **Brands, Trademarks and Good Will: the story of The Quaker Oats Company**, USA, McGraw-Hill, 1976, p.39, livre versão.

<sup>224</sup> Artur F. Marquette, obra citada, p.2.

uma distribuição realizada nacionalmente. Assim, a publicidade de seus produtos volta-se para o mercado nacional. Produzindo alimentos baseados em cereais, principalmente na aveia e veiculando-os nacionalmente, a Quaker transforma os hábitos alimentares dos norte-americanos nas refeições matinais. O café da manhã em meados do século XIX nos Estados Unidos ... *era um formidável exercício de gula que freqüentemente durava cerca de hora e meia*. Era composto por uma série de alimentos que eram servidos à mesa de acordo com as especificidades regionais. Habitualmente consumia-se *peixe salgado, bife, salsichas, presunto e bacon, pão de milho, geléia, mel, açúcar, batatas, vegetais e tortas de frutas. Em alguns lugares, comiam-se bolo de milho e galinha frita ou cozida. No Sul do país, consumiam-se também ovos, pães quentes com muita manteiga ou geléia, pudins e peixe fresco*.<sup>225</sup> A aveia Quaker posiciona-se no mercado como um produto barato, referendado por nutricionistas, que compõe uma dieta saudável e que pode substituir com vantagens para a saúde o exagero na alimentação matinal. Os anúncios são argumentos para convencer o consumidor, baseados na proposta de uma nutrição saudável e que são utilizados, guardadas as diferenças de espaço e de tempo, também no convencimento do consumidor contemporâneo: *One pound of Quaker Oats makes as much bone and muscle as three pounds of beef. Is it worth trying?* Ou ... *Clear head, firm hand and steady nerves for the adult; sound teeth and rosy cheeks for the children*. Ou dirigidos diretamente às mães: *It makes children strong, rosy and healthy, and gives them good teeth*.<sup>226</sup> Crowell, um dos fundadores da empresa e primeiro proprietário da marca é pioneiro nos Estados Unidos na veiculação publicitária para cereais matinais, que se inicia através dele em 1882.<sup>227</sup>

Assim, ... *o sucesso no mercado de farinha de aveia é obtido através de uma marca comercial, da embalagem higiênica e de fácil manuseio e transporte, nacionalmente vendida para um consumidor que foi conseguido via publicidade*.<sup>228</sup> Sua embalagem é cara e diferenciada, de fácil distribuição e difícil de ser imitada. Traz cupons de descontos na compra de outros produtos da marca e também prêmios em seu interior, como anéis para as crianças, colheres, porcelanas etc. A Quaker distribui amostras grátis do produto nos pontos de venda e nos domicílios. Participa também das feiras e exposições, locais onde os

---

<sup>225</sup> Artur F. Marquette. **Brands, Trademarks and Good Will: the story of The Quaker Oats Company**, USA, McGraw-Hill, 1976, pp.13-4, livre versão.

<sup>226</sup> Artur F. Marquette, *idem*, pp.55-6.

<sup>227</sup> Conforme Artur F. Marquette, obra citada, p.8.

<sup>228</sup> Artur F. Marquette, *idem*, p.66, livre versão.

visitantes podem experimentar produtos já preparados, como o mingau de aveia. Em seus *stands*, são oferecidas amostras de seus produtos processados. Nas primeiras décadas do século vinte, a Quaker já contrata serviços tercerizados de publicidade. É de 1914 seu contrato com uma agência de Chicago, a J. Walter Thompson Company, que se tornaria também transnacional. O catálogo de seus produtos para exportação, em 1908 diz que: *a marca Quaker é mais conhecida por muitas pessoas nos mais diferentes países do que qualquer outra marca ou tipo de mercadoria, ... pois ... de Londres a Tóquio a publicidade da companhia aparece nos jornais e na mídia.*<sup>229</sup> No período anterior à Primeira Guerra Mundial, a Quaker e a Singer Sewing Machine são as distribuidoras de produtos mais conhecidas do mundo.

Na primeira década deste século, a Quaker começa a diversificar sua produção: em 1904, começa a fabricar a linha de produtos *ready-to-eat* baseada em aveia, milho, trigo e arroz e em 1905, cria a divisão de rações animais. O primeiro Centro de Pesquisa da empresa, em Chicago, é desse período e realiza experimentos com cereais no sentido de expansão de seus grãos através do calor, tornando-os maiores, mais macios e de fácil digestão. Os novos produtos lançados no mercado são *puffed rice* e *puffed wheat* - grãos de arroz e trigo caramelados. O consumo de cereais cozidos vai predominar até o final dos quarenta, mas a linha de produtos prontos que começa a ser lançada no início do século por várias empresas do setor torna-se a linha preferencial de alimento matinal a partir da década de sessenta nos Estados Unidos. Em 1966, de acordo com Artur F. Marquette, a Quaker Oats Company é a maior vendedora de alimentos matinais do mundo. São competidoras diretas da Quaker: a National Oats Company e a Mother's Oats, empresas produtoras de alimentos matinais que utilizam trigo e aveia. Em 1911, a Quaker compra a Mother's Oats. A linha de produtos alimentícios amplia-se com os produtos *spaguetti* e *macaroni*, lançados em 1916 e que são exportados para várias partes do mundo, inclusive para a Itália. A empresa, desde sua fundação, apresenta-se como grande produtora de rações animais, pois Shumacher, um de seus fundadores, já fabricava anteriormente rações animais misturadas, utilizando os resíduos provenientes do processamento de cereais, acrescentando milho e aveia. Começa a ocorrer a substituição do alimento animal preparado na fazenda pelo produto processado industrialmente. A Quaker investe nessa área e mantém uma fazenda

---

<sup>229</sup> Artur F. Marquette, **Brands, Trademarks and Good Will: the story of The Quaker Oats Company**, USA, McGraw-Hill, 1976, p. 220, livre versão.

experimental voltada para a alimentação animal no estado de Wisconsin, onde recebe assessoria do *College of Agriculture* da Universidade de Wisconsin. Na década de vinte, são lançadas rações vitaminadas para a avicultura. A divisão de Rações Animais cresce em complexidade e em volume depois da Segunda Guerra Mundial. Nos anos cinquenta e sessenta a empresa integra agricultura e indústria através de parcerias com fazendeiros, fábricas de processamento ou firmas de empacotamento. De acordo com Artur F. Marquette, nesse período *o campo começa a fazer parte de um complexo e vasto termo usado em economia e sociologia: agribusiness.*<sup>230</sup> Em 1941 a Ken-L-Ration, fábrica que produz alimentos para animais domésticos, é adquirida pela Quaker. *Pet foods are big business.*<sup>231</sup>

No começo do século, a agricultura norte-americana apresentava pouca produtividade, enquanto a demanda por produtos agrícolas crescia.<sup>232</sup> Durante a Primeira Guerra Mundial, ocorre nos Estados Unidos um aumento significativo da produção de grãos, em resposta ao apelo governamental que pode ser resumido pelo slogan *Food will win the war*. Em 1920, há uma super produção e o preço dos cereais caem na Bolsa de Chicago. Nessa época a Quaker é a maior compradora de cereais do país e realiza suas compras a partir de um contrato antecipado com o produtor. Sua estratégia nesse momento é a da renegociação, tanto com fornecedores como com distribuidores. A guerra também é responsável pela realização de pesquisas pela iniciativa privada. Antes dela, os Estados Unidos dependiam tecnologicamente de outros países, principalmente da Alemanha, na pesquisa de álcool, resina, remédio, solvente, carvão etc. Esse canal é fechado com a guerra e tanto o setor público quanto o setor privado envolvem-se na pesquisa e desenvolvimento de produtos. É nesse contexto que a Quaker Oats Company começa a criar sua divisão química. Em 1921, faz uma parceria com o laboratório Miner e pesquisa a conversão da celulose da película da aveia em açúcar para ser usado como ingrediente na ração animal. Começa a pesquisar também um produto químico básico - furfural - derivado primeiramente da aveia e depois também retirado do algodão, do sabugo de milho e do bagaço da cana e que se tornaria

---

<sup>230</sup> Artur F. Marquette, **Brands, Trademarks and Good Will: the story of The Quaker Oats Company**, USA, McGraw-Hill, 1976, p.193.

<sup>231</sup> Artur F. Marquette, obra citada, p.174.

<sup>232</sup> Conforme José Eli da Veiga, **Metamorfoses da Política Agrícola dos Estados Unidos**, Tese apresentada para concurso de Livre-Docência no Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo. São Paulo, julho, 1993, p.127.

insumo de vários produtos sintéticos como antissépticos, flavorizantes, produtos farmacêuticos, nylon, borracha, plásticos, pisos, óleos lubrificantes, resinas, abrasivos etc. A pesquisa deste produto é considerada de interesse nacional na Segunda Guerra Mundial, incluindo-se no Programa Estatal de pesquisa da borracha sintética.

Em 1926, Aunt Jemima Mills - processadora de farinhas misturadas - é comprada pela Quaker Oats Company. Através dessa marca desenvolve-se um leque de produtos que facilitam a vida na cozinha, como misturas prontas para panquecas e bolos, waffles, torradas e biscoitos, como também alimentos congelados que podem "emancipar" a dona de casa americana, pois diminuem o tempo gasto no preparo das refeições. Na década de trinta, a descoberta da vitamina B1 na aveia reafirma a posição do cereal no mercado. A farinha de aveia e todos os produtos Quaker que dela se utilizam são alimentos saudáveis. Por conta desse posicionamento outros cereais da empresa são enriquecidos com ferro e vitaminas, como os antigos produtos *puffed rice* e *puffed wheat*. A publicidade encarrega-se de trazê-los à cena novamente: Shirley Temple atesta seu sabor e propriedades saudáveis; Bing Crosby os elege como sua refeição matinal favorita. A estratégia publicitária que vincula um produto ou uma marca a pessoas famosas lhes dá visibilidade e credibilidade. Nesse contexto é que ocorre a contratação de Roberto Carlos pela Nestlé do Brasil como seu garoto-propaganda para a linha de produtos derivados do leite durante o ano de 1996. *Considerando o pacote de serviços que Roberto Carlos vai prestar à Nestlé, esse é o maior cachê da propaganda brasileira. ... O pacote comprado pela multinacional, que foi bolado pela agência de publicidade McCann-Erickson, inclui um comercial de TV, outro de rádio e o direito de exibir a marca Nestlé na turnê Amor, que o cantor fará pelo Brasil. A trilha sonora dos comerciais é a música Como é Grande o Meu Amor por Você, gravada pelo rei em 1967 ... Escolhemos o Roberto porque ele tem uma imagem íntegra, agrada à família e nunca se envolveu em histórias desagradáveis, diz Wilber Marques Antunes, vice-presidente da Nestlé.*<sup>233</sup> A partir dos quarenta a Quaker Oats Company patrocina programas de rádio e TV nos quais promove seus produtos. Na década de sessenta a marca Aunt Jemima é utilizada na abertura de *franshisings* de restaurantes que oferecem alimentos baseados em farinhas misturadas de fácil preparo, por todo os Estados Unidos. O mais famoso deles localiza-se na *Disneyland* e tem a "própria" Aunt Jemima como *hostess*.

---

<sup>233</sup> Matéria **O rei do cachê**, Revista *Veja*, 17/04/1996, pp.104-105.

A Quaker começa sua história como uma empresa norte-americana processadora de aveia, que expande seus negócios no mundo através do comércio. Nas décadas de vinte e trinta, implanta subsidiárias na Europa - Inglaterra, Dinamarca, Holanda e Alemanha na América do Sul, na África e no Oriente. Após a Segunda Guerra Mundial, amplia suas fábricas nas Américas - Argentina, Brasil, Colômbia, Venezuela e México expandindo suas exportações para as Filipinas, Hong-Kong, Ceilão, Malásia e Japão. Diferentes tipos e usos da aveia são produzidos e distribuídos no mundo, de acordo com especificidades regionais e locais. Assim, na França, Itália e Espanha, a aveia é utilizada como ingrediente de receitas culinárias; na Escandinávia, é consumida crua; em Portugal e no Brasil, é utilizada no preparo de mingau. Na Itália, no Brasil e na Argentina, uma mistura pronta derivada do milho para o preparo de polenta é introduzida com sucesso. A companhia diversifica suas operações em várias direções: alimentos e bebidas, restaurantes, rações animais, produtos químicos, vestuário, brinquedos etc. até o início da década de setenta, quando estabelece a prioridade de tornar-se menos diversificada, especializando-se na área de alimentação. Assim, desfaz-se de muitas de suas operações nos Estados Unidos e no mundo. Como nos conta Artur F. Marquette, *as the company grew larger, the world grew smaller*. Suas subsidiárias mantêm seu caráter local, às vezes utilizando marcas próprias como FrescAvena, FortAvena, Chocomix e ChocAvena - versões da aveia e achocolatados para o mercado latino americano; sendo comandadas no próprio país em que se localizam com autoridade de gestão e responsabilidade pelos lucros.

A Quaker Oats Company realiza operações em diversos países do mundo através de exportação de seus produtos, de investimentos diretos e de parcerias com licenciados. Está presente diretamente no Canadá, nos Estados Unidos, no México, em Porto Rico, na Venezuela, na Colômbia, no Brasil e na Argentina. No Continente Americano, tem parceiros na Guatemala, na República Dominicana, no Peru, no Equador e no Chile. A parceria é realizada através de licenças para a o processamento dos produtos que utilizam as várias marcas da companhia. Na Europa, realiza investimento direto na Espanha, França, Holanda, Escandinávia, Alemanha e Itália. A fábrica da África do Sul foi fechada recentemente. A Austrália, Taiwan e Indonésia também são focos de seus investimentos. A empresa está implantando duas fábricas na China e tem um licenciado que opera na Coreia e no Japão. Existem duas divisões mundiais na companhia: Quaker e Quaker Beverage. A divisão Quaker diz respeito principalmente à linha de aveia. Fabrica notadamente produtos matinais baseados na aveia e em suas variações de forma e sabor. Existem alguns produtos baseados

em outros cereais, mas que são pouco representativos nas operações da empresa. Os produtos da Quaker Beverage são posicionados no mercado como bebidas saudáveis. O produto principal é Gatorade - bebida que repõe sais minerais. Em alguns países, são fabricados na divisão Quaker achocolatados prontos para beber. O grupo adquiriu há aproximadamente dois anos a Snapple - fábrica de chás e sucos. O produto se posiciona no mercado como *new age beverage*. Dois terços das operações mundiais da companhia são realizadas na divisão Quaker e o produto individual mais vendido é o Gatorade, da divisão Quaker Beverage.

A história da Quaker Oats Company no Brasil inicia-se no começo do século, através da importação de produtos dos Estados Unidos. Em 1953, a empresa compra em Porto Alegre a Aveia Smith, onde começa a processar produtos derivados de aveia. Neste período traz especialistas norte-americanos que ensinam aos agricultores da região as técnicas de cultivo da aveia, direcionando-as aos requisitos que o produto agrícola deve ter ao ser processado pela corporação. A partir dos anos sessenta processa também um produto então revolucionário - flocos de milho pré-cozidos, sob os nomes de Milharina e Polentina. A partir dos anos setenta entra no ramo de pescados - sardinha, atum e supergelados, através da marca Coqueiro. O Brasil é o único país que realiza essa operação, exportando os produtos para países da Europa, América Latina e para os Estados Unidos. A Quaker produz no mundo alimentos nutritivos e saudáveis e os produtos Coqueiro inserem-se nessa categoria. Em 1981, compra a Toddy, empresa de capital venezuelano instalada no país desde 1933, que fabrica achocolatado em pó, produto na época posicionado no mercado como reforço alimentar infantil. Seu concorrente direto, o achocolatado Nescau, é lançado pela Nestlé na década de sessenta e posiciona-se no mercado como produto de uso culinário. Em 1983, a Toddy lança o produto Toddynho, achocolatado pronto para beber. No final da década de oitenta, introduz no país a bebida Gatorade, desenvolvida por um médico nos Estados Unidos no começo dos anos sessenta. O produto adquire tamanha importância que a empresa cria a divisão mundial Quaker Beverage, que hoje abriga também a marca Snapple que concorre no mercado com Lipton Ice Tea, da Unilever. No início dos anos noventa a Quaker compra a Adria, marca líder no mercado de massas no Brasil. A história da Quaker Oats Company desde sua fundação, vincula-se à compra de empresas do setor de alimentos, líderes de mercado e que tenham marcas conhecidas. De acordo com um diretor da Quaker no Brasil, *o único ativo que a Quaker tem são suas marcas, porque o resto é totalmente copiável. O que ninguém faz igual é Aveia Quaker*. Os países do mundo

com tradição na produção de aveia realizam a geo-economia da Quaker, no sentido de exportarem o produto para locais onde ele não é fabricado. São eles: os Estados Unidos, o Canadá e a Holanda. Os países em que a empresa mantém subsidiárias têm um alto grau de autonomia e adaptam os produtos nele fabricados às exigências de cada mercado em termos de hábitos, preferências, paladar, poder aquisitivo e assim por diante. A subsidiária brasileira é auto-suficiente nos produtos derivados da aveia e obtém 98% de seu faturamento no mercado interno, de acordo com um diretor da corporação. A configuração efetiva do Mercosul tende a mudar esse quadro, pois a empresa realiza operações na Argentina, que é também produtora de aveia, trigo e milho; exporta pescados para a Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia e tem problemas para a uniformização de algumas de suas marcas na América do Sul, como por exemplo Toddy no Uruguai que é do grupo Freshman-Royal. A comercialização dos produtos da Quaker Oats Company no Brasil é feita diretamente a partir dos escritórios de vendas e dos centros de distribuição, localizados em várias partes do país, e também dos *merchandizers* - pessoas que colocam os produtos em pontos estratégicos nos supermercados.

A divisão Quaker compra os cereais - aveia e milho, já processados, de cooperativas agrícolas do Norte do Paraná e do Rio Grande do Sul. O padrão de qualidade é mantido quando o produtor agrícola manda para a cooperativa amostras do produto a ser adquirido, que deve atender às especificações da empresa. Ou quando a empresa realiza convênios com Universidades, como o que realiza com a UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - financiando parte da pesquisa na área de melhoramento de sementes, que tem como campo experimental a Cooperativa Agrária Entre Rios. O trigo é comprado dos moinhos que misturam trigo americano ou canadense, argentino e brasileiro. Essa mistura resulta no trigo nacional. Até o início dos anos noventa existiam cotas de importação do produto para os moinhos, que atuavam de forma cartorial. Hoje não há mais o sistema de cotas e o trigo pode ser importado livremente. Desse modo, o mercado de massas pode segmentar-se, pois é possível importar o trigo de primeira linha - o trigo duro, bem como os equipamentos de última geração para seu processamento, que estão disponíveis no mercado. A marca Adria está modernizando seu parque industrial e assim a Quaker pode fabricar o mesmo tipo de macarrão vendido na Itália, através da marca Italianissimo. Esse segmento no Brasil é ainda muito pequeno, é um segmento *premium*, de acordo com um diretor da empresa, que não chega a representar 5% do mercado no setor. A Quaker privilegia o produto fabricado a partir de semolina e ovos, onde a comercialização é mais interessante. No segmento de

achocolatados, a empresa compra o pó de cacau em Salvador, Bahia, de indústrias processadoras. O açúcar é comprado de cooperativas de São Paulo, principalmente da Copersucar. Há um laboratório em cada fábrica do produto, que controla a mistura dos ingredientes: o pó de cacau, o açúcar, as vitaminas, os minerais e o aroma. Assim, mesmo não atuando diretamente na produção agrícola nem realizando operações comerciais diretas com o produtor, a Quaker integra o agricultor brasileiro às suas operações quando adapta os produtos do campo às normas técnicas de seu processamento.

A Quaker Beverage realiza um outro tipo de integração, pois diz respeito ao segmento de mercado que produz "bebidas fabricadas". A partir da marca Snapple produz bebidas sociais. Seus chás e sucos de frutas, misturados ou separados, oferecem uma alternativa às bebidas de tipo carbonatadas e açucaradas. Trata-se de um produto pronto para beber, sem conservantes nem corantes artificiais, cujos ingredientes são água, xarope de frutose, chá natural, ácido cítrico e aroma natural de frutas, o que possibilita atender demandas de mercado que questionam os produtos alimentares que contêm aditivos e insumos químicos e que se voltam para produtos naturais. O produto vendido no Brasil é produzido e envasado nos Estados Unidos pela Snapple Beverage Corp. e na Argentina pela Elaboradora Argentina de Cereales S.A., para a Quaker Brasil Ltda. O produto mais importante da divisão é o Gatorade, posicionado no mercado como bebida para praticantes de atividades físicas. Sua embalagem traz impressos em destaque os dizeres - *alimento dietético para pessoas que exercem atividades físicas*, e traz a seguinte mensagem publicitária: *quando você transpira, seu corpo perde mais que água; perde também fluidos e sais minerais. Gatorade mata a sede rapidamente e não pesa no estomago. Gatorade é cientificamente formulado para repor o que seu corpo perdeu, sendo rapidamente absorvido pelo organismo. Gatorade reidrata de maneira refrescante. Beba Gatorade gelado.* O produto é fruto de uma pesquisa realizada nos anos sessenta na Universidade da Flórida por um médico, Dr. Cade, que buscava um produto para a reidratação de atletas que fosse absorvido rapidamente pelo organismo. A bebida contém água, sacarose, glicose, sal, citrato de sódio, fosfato de potássio monobásico, ácido cítrico, aromatizantes e corantes naturais. Em vários sabores - maracujá, frutas cítricas, limão, lemon ice, uva, tangerina etc. é vendida em garrafas, em latas, em embalagens longa vida e também desidratada, na versão em pó, que contém óleo de soja hidrogenado. Em sua embalagem vem impressa uma tabela nutricional que diz que cada 100ml contém 22.8 calorias, 6.0g de carboidratos, 0.0g de proteínas, 0.0g de lipídios, 45.0mg de sódio e 10.0mg de potássio. Os atletas da

Universidade da Flórida que a utilizaram no experimento obtiveram grande desempenho, principalmente no calor. O Gatorade classifica-se como uma bebida repositora, de digestão rápida e que logo é absorvida pela corrente sanguínea. Por ter pouca quantidade de açúcar, seus fabricantes não a classificam como bebida energética. A publicidade veiculada relaciona o produto à imagem do atleta e seu posicionamento no mercado como bebida energética ou repositora torna-se uma questão semântica, pois a divisão Quaker Beverage, que tem Gatorade como seu carro chefe, é responsável por um terço das vendas da Quaker Oats Company no mundo. No Brasil, é fabricada diretamente pela corporação em Sorocaba, estado de São Paulo, como também através da Bols do Brasil Ltda. Gatorade exemplifica uma forma de integração da indústria alimentar às indústrias bio-químicas e farmacêuticas. Fabricado como bebida para pessoas que exercem atividades físicas, está sujeito à Portaria nº32 de 26 de janeiro de 1966 do Departamento Técnico Normativo da Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde brasileiro, que tem como objetivo *aprovar as normas técnicas referentes a alimentos para praticantes de atividade física*. De acordo com a Portaria, os atletas são classificados como praticantes de atividade física e procuram alimentos que lhes proporcionem rendimento. São quatro as classificações dos produtos alimentares em questão: repositores hidroeletrólíticos, repositores energéticos, proteínicos e compensadores. De acordo com essa classificação, o Gatorade diz respeito à primeira categoria. A Portaria define repositores hidroeletrólíticos como *produtos formulados a partir da concentração variada de vitaminas e minerais, associada a concentração variadas de carboidratos, com objetivo de reposição hídrica decorrente da atividade física*.<sup>234</sup> Por conta dessa classificação, há normas técnicas para sua formulação, produção, comercialização e consumo. Assim, o produto deve conter em sua embalagem além de seus ingredientes, outras especificações, como por exemplo, instruções, precauções e riscos de seu consumo; verificam-se também procedimentos específicos para seu registro, como a exigência de um laudo de análise expedido por laboratório credenciado; sua publicidade deve explorar corretamente suas propriedades, não dando margem à falsas interpretações. Atualmente estão se formando novos padrões de demanda alimentar que dizem respeito à saúde e nutrição e que integram indústrias alimentares às indústrias químicas e farmacêuticas. Como comenta John Wilkinson ... *importantes transnacionais situadas nos*

---

<sup>234</sup> Portaria nº32 de 26 de janeiro de 1966 do Departamento Técnico Normativo da Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde.

*setores de primeiro processamento estão enfrentando o duplo problema de superprodução e crescente intercambiabilidade dos produtos agrícolas. A tendência dessas empresas é de explorar as biotecnologias para abrir mercados alternativos, como mecanismo para manter suas atuais bases agrícolas. Os interesses agroalimentares dominantes estão portanto se diversificando para formar complexos agroquímico-energéticos. Dessa maneira os tradicionais sistemas de produção agrícola são defendidos muitas vezes às custas de subsídios e face a alternativas alimentares não-agrícolas desenvolvidas também pelas biotecnologias....<sup>235</sup>* A produção agropecuária que, com o processo de modernização da agricultura, integra-se às indústrias de máquinas e de insumos agrícolas, por um lado, e às indústrias processadoras, por outro, integra-se também ao setor farmacêutico, quando empresas fabricam alimentos formulados para a manutenção da saúde e da estética ou para proporcionar maior rendimento aos atletas ou mesmo para finalidades terapêuticas. O campo integra-se também às indústrias de cosméticos quando, por exemplo, são utilizados como insumos certos tipos de óleos vegetais para a fabricação de sabonetes, cremes e shampoos.

## 2. UNILEVER

*A business heavily concentrated on oils and fats. Over half of Unilever's total business consists of the manufacture and sale of packaged foods and drinks.*

A Unilever nasce em 1930, a partir da fusão de dois grupos com negócios em vários setores da economia: Margarine Union e Lever Brothers Limited. Conservando de certa forma "suas individualidades", esses grupos complementam-se e integram suas atividades mundialmente, tais como: comércio marítimo e continental; agricultura; processamento de alimentos derivados de leite, carne e vegetais; fabricação de sabão; produção de rações animais, entre outras. Com a fusão, duas *holdings* são fundadas: Unilever NV, baseada em Roterdã, que opera no Continente Europeu e Unilever Limited, baseada em Londres, que realiza operações no Reino Unido e nos países localizados fora do Continente Europeu. Seus principais produtos: a margarina e o sabão, produtos que, na década de trinta, começam a sofrer um aumento de consumo no mundo. Fabricando principalmente produtos derivados de óleos e gorduras, fundem-se num momento em que esses insumos apresentam-se escassos no cenário mundial. *O laço mais forte da união entre os dois grupos e também o*

---

<sup>235</sup> John Wilkinson, *O Futuro do Sistema Alimentar*. São Paulo, Hucitec, 1989, p.10

*mais óbvio é seu consumidor final: a dona de casa.*<sup>236</sup> Na época da fundação da Unilever é criado um comitê central - *Special Committee* - localizado em Londres, que controla as operações da empresa e que atua em versão ampliada até hoje. Atualmente, há o *Continental Committee* para o Continente Europeu e o *Overseas Committee*. No Reino Unido, onde as operações são maiores e mais diversificadas, há outra divisão administrativa: *The Home Soap Executive*, *The Margarine Executive* e *The Oils and Fats Executive*. Há também um departamento de aconselhamento e serviços para o mundo que mantém duas sedes, uma em Londres e outra em Roterdã.<sup>237</sup> A corporação atua em mais de oitenta países, nos cinco continentes. A Europa é responsável por 55% de suas operações; 20% delas ocorrem na América do Norte e 25%, no resto do mundo.<sup>238</sup> Sua estrutura organizacional mundial refere-se aos seguintes grupos de produtos: alimentos, detergentes, produtos pessoais e especialidades químicas. No Brasil, encontramos as seguintes divisões: Lever Detergentes, que fabrica produtos de limpeza; Alimentos, que fabrica produtos alimentares finais; Elidda Gibbs, fabricante de produtos pessoais e a Divisão Lever Industrial, que vende serviços baseados em sistemas de limpeza industrial, principalmente para indústrias de alimentos, fabricando também algum tipo de máquina de manipulação simples, como por exemplo dosadores, máquinas que contêm sabonete líquido entre outros.

A Unilever e também a Nestlé, podem ser consideradas as corporações transnacionais mais atuantes na formação do padrão alimentar mundial. ... *O tamanho excepcional que alcançaram - quatro a cinco vezes o das maiores empresas inglesas de alimentos - se deve à autonomia que estabeleceram em relação ao setor de insumos agrícolas. No caso da Nestlé, a aplicação de uma nova tecnologia - leite condensado - transformou o produto e seus canais de comercialização. A Unilever, por sua vez, criou um novo produto, a margarina (e um co-produto, o sabonete, tão importante quanto o primeiro) flexível em relação a insumos (leite, óleos vegetais, banha) substituindo a manteiga, que dependia exclusivamente do leite. A internacionalização dessas duas firmas correspondia à consolidação do sistema alimentar mundial no último quarto do século passado.*<sup>239</sup>

---

<sup>236</sup> W.J. Reader, *Fifty Years of Unilever*, London, Fakenham Press Ltd, 1980, p.2, livre versão.

<sup>237</sup> De acordo com W. J. Reader, *Fifty Years of Unilever*, London, Fakenham Press Ltd, 1980, pp.21-2.

<sup>238</sup> Fonte: *Unilever Annual Review 1993*.

<sup>239</sup> John Wilkinson, *O Futuro do Sistema Alimentar*, São Paulo, Hucitec, 1989, p.27.

Pode-se dizer que a Unilever de 1930 é um produto de grandes fusões, quando retomamos a história dos dois grupos que a geraram. Essa história começa nas décadas finais do século XIX, na Holanda e na Grã-Bretanha. Por volta de 1870, a Van den Bergh, firma holandesa que opera no negócio de margarina, tem seu mercado consumidor ampliado devido ao crescimento das cidades industriais, notadamente na Grã-Bretanha e Alemanha. O negócio de margarina vai crescendo e, a partir de uma série de incorporações, constitui-se o grupo Margarine Union. Em 1929 o Margarine Union engloba várias firmas que atuam em diversos setores como a Van den Bergh and Jurgens no ramo da margarina e a Hartogs no ramo de carnes. Nos anos oitenta do século passado, William Hesketh Lever, Lord Leverhulme, entra no negócio de sabão. O negócio leva em conta o baixo custo das matérias primas utilizadas em sua fabricação, apóia-se na publicidade, tem como produto central o sabão Sunlight e direciona-se principalmente à classe trabalhadora inglesa. *No final do século, ele tem um dos maiores negócios de sabão do mundo.*<sup>240</sup> O negócio diversifica-se, pois, a dificuldade na obtenção da matéria prima leva a sua ampliação em direção à produção agrícola e ao comércio. Como se sabe, no começo deste século, o Império Britânico mantinha colônias na África, Ásia, Oceania e América e possuía uma frota naval respeitável. Seus navios navegavam pelos mares que davam acesso a seus domínios. Plantações e companhias de comércio são estabelecidas por Lever na África. A United Africa Company, sediada na Nigéria é a principal base para as operações comerciais. Lever começa também a fabricar margarina, concorrendo diretamente com fabricantes holandeses, negócio que posteriormente é vendido para seus concorrentes e retomado com a formação da Unilever. Lever tem interesses no Continente Europeu, mas suas operações mais significativas realizam-se no Reino Unido e no Império Britânico. Esse é o núcleo em torno do qual se forma a Unilever. A história da Unilever - empresa que se forma a partir da fusão de dois grupos de nacionalidades diferentes - exemplifica que a diversificação nos negócios de firmas, aquisições e fusões de empresas, não são uma realidade nova. O fato novo, que merece ser investigado, diz respeito à quantidade, amplitude, frequência e rapidez que esses fenômenos adquirem no mundo contemporâneo.

As negociações entre os grupos iniciam-se em 1929 e a realização da fusão data de 1930. De acordo com Reader, *os anos trinta começam com um desastre econômico e*

---

<sup>240</sup> W.J. Reader, *Fifty Years of Unilever*, London, Fakenham Press Ltd, 1980, p.2. livre versão.

*terminam com uma guerra mundial.*<sup>241</sup> A crise de 1929 leva a uma crise da produção agropecuária no mundo, inviabilizando qualquer tipo de planejamento empresarial. A produção, troca e consumo dos produtos do campo e da cidade ficam seriamente comprometidos em todo o mundo capitalista. Os anos trinta são anos de reestruturação do negócios em todo o mundo. A Unilever realiza um esforço na concentração de suas operações e enfrenta desafios no sentido de racionalizar a produção e a comercialização dos diversos produtos, que passa a fabricar e a distribuir a partir de sua constituição. Essa estratégia administrativa acontece em uma conjuntura econômica mundial adversa. Quando da formação da Unilever, nas Ilhas Britânicas havia dez fábricas de óleos e gorduras. Em 1931, só no negócio de sabão realizado pela empresa no Reino Unido, havia 49 companhias industriais e 48 organizações de vendas, que oferecem centenas de produtos.<sup>242</sup> Datam dos anos trinta a instalação dos *manufacturing centers* - grandes conjuntos de fábricas, que produzem produtos de limpeza que são identificados por poucas marcas. Apesar da crise econômica mundial, verifica-se um crescimento no mercado de sabão. A produção da Unilever no setor diversifica-se: além do sabão em pedra, produz detergentes, sabão em pó e em flocos. Começa também a fabricar o sabonete, produto cujo consumo expande-se rapidamente. Implanta-se a economia de escala na empresa. A publicidade é um recurso utilizado que segue a mesma orientação. Nos diferentes mercados, produtos são comercializados sob a mesma marca, utilizando-se da mesma propaganda. Um exemplo nesse sentido é o do sabonete Lux, comercializado mundialmente a partir de marca e de publicidade única: *Nove entre dez estrelas do cinema usam Lux.*<sup>243</sup> A comercialização dos produtos da empresa passa a vincular-se cada vez mais às suas marcas. Como se sabe, óleos e gorduras são utilizados, de diferentes maneiras, na fabricação de sabão e sabonetes, como também de margarinas e maioneses. Embora o consumo de sabão cresça no período, o mercado de margarina é alvo de restrições de diversas ordens. A oferta de gordura animal e de óleos vegetais diminui, o preço da manteiga cai sensivelmente, governos implantam medidas protecionistas - taxas discriminatórias restrições na produção etc. que visam a dificultar a possível substituição da manteiga nacional pela margarina.<sup>244</sup> Assim, segundo Reader, o volume de vendas de margarina efetuado pela a companhia no ano de 1938

---

<sup>241</sup> W.J. Reader, *Fifty Years of Unilever*, London, Fakenham Press Ltd, 1980, p.19, livre versão.

<sup>242</sup> W.J. Reader, conforme obra citada, p. 29.

<sup>243</sup> Idem, p.32.

<sup>244</sup> W.J. Reader, *Fifty Years of Unilever*, London, Fakenham Press Ltd, 1980, pp.27 e 36.

aproxima-se do realizado no ano de 1929. De qualquer forma, unidades produtivas são desativadas e marcas, eliminadas. A publicidade entra em cena, objetivando o crescimento de seu consumo e são adicionadas vitaminas em seu preparo a partir da marca Stork, no Reino Unido e Blue Band na Holanda<sup>245</sup>. Em 1937 a produção de margarina concentra-se em cinco fábricas que oferecem poucas marcas no mercado. Outro negócio da empresa, a Hartogs' Meat Business, transforma-se paulatinamente no setor que fabrica atualmente alimentos classificados como de conveniência. Ao mesmo tempo, no Continente Africano, os negócios da companhia são drasticamente reduzidos. A United Africa Company, que abriga várias operações vinculadas direta ou indiretamente à produção agropecuária tem seu capital diminuído, seu quadro administrativo enxugado e suas atividades comerciais redimensionadas.

A Grã-Bretanha, que havia perdido sua condição de potência hegemônica mundial na época da Primeira Grande Guerra, teme a eclosão de um segundo conflito, fato entretanto que parecia e se tornaria inevitável. *Os governos britânicos tinham igual consciência de uma fraqueza fundamental. Financeiramente, não podiam se dar ao luxo de outra guerra. Estrategicamente, não tinham mais uma marinha capaz de operar ao mesmo tempo nos três grandes oceanos e no Mediterrâneo. Ao mesmo tempo, o problema que de fato os preocupava não era o que acontecia na Europa, mas como manter inteiro, com forças claramente insuficientes, um império global geograficamente maior do que jamais existira, mas também e visivelmente à beira da decomposição.*<sup>246</sup> A Segunda Guerra Mundial compromete as operações da Unilever, principalmente na Europa, África e Ásia. Na Alemanha, ainda antes dela, a empresa transforma a estrutura de seus negócios e os amplia. O Estado alemão, que já interferia no negócio da margarina em benefício dos fazendeiros locais, radicaliza esse protecionismo quando Hitler alcança o poder. Como conta Reader, ... *a Unilever aplica dinheiro em queijo, peixe, tintura para cabelo, sorvete, em frota de navios mercantes no Elba e em outros empreendimentos que, para um negócio ainda fortemente concentrado em óleos e gorduras, parece ter menos sentido do que pareceria ter depois. O aparente contra senso tem uma lógica. Um dos meios legais de retirar dinheiro da Alemanha é a transferência de fundos realizada a partir da construção naval.*

---

<sup>245</sup> W.J. Reader, de acordo com obra citada, p.29.

<sup>246</sup> Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p.154.

*Entre 1933 e 1939, a Unilever financiou a construção de alguns milhares de navios que vendia para vários países, como uma maneira de transferir fundos.*<sup>247</sup> Na Europa, África, Ásia e Oceania, a medida que as conquistas alemãs, italianas e japonesas avançavam, as operações da empresa ficam cada vez mais comprometidas. Áreas de produção e comércio tornam-se inacessíveis. Roterdã, ponto comercial estratégico da empresa, é controlada pela Alemanha quando Hitler invade a Holanda. Londres, cidade onde realiza grande número de operações, é o principal alvo da Batalha da Inglaterra. Exércitos italianos e alemães combatem os aliados no norte da África. No Pacífico, o Japão, além de Pearl Harbour, ocupa Ilhas Filipinas, Ilhas Holandesas, Hong-Kong, Cingapura, Nova Guiné, Ilhas Salomão e outras posições. No pós-guerra, a Unilever retira-se do mercado chinês a partir de determinantes postos pela Guerra Fria. O Continente Americano participa do conflito à distância. Diferentemente dos países ocupados, que têm suas economias devastada e suas geografias divididas, para dizer o mínimo, os Estados Unidos saem fortalecidos do conflito. As citações de Hobsbawm, Reader e Wilkinson explicam essa condição e mostram como investimentos britânicos são reduzidos e estratégias empresariais modificadas: *... a guerra não apenas reforçou sua posição como maior produtor industrial do mundo, como os transformou no maior credor do mundo. Os britânicos haviam perdido cerca de um quarto de seus investimentos globais durante a guerra, sobretudo os aplicados nos EUA, os quais tiveram de vender para pagar suprimentos de guerra ...*<sup>248</sup> Os Estados Unidos são responsáveis pela reconstituição da Europa através do Plano Marshal. A Unilever, que tem no Reino Unido do pós-guerra suas operações nas áreas de sabão e de alimentos, incentivadas por políticas governamentais internas, sofre nos Estados Unidos concorrência direta da empresa Procter & Gamble - transnacional nos negócios de sabão, em especial no mercado de detergentes, que é consideravelmente ampliado no final dos anos trinta. *... a Procter & Gamble continua o processo de desenvolvimento dos produtos, deixando a Unilever em uma posição arriscada de mercado, pois muitas lacunas originadas no período da guerra deveriam ser preenchidas. Como estratégia, a Unilever compra o negócio Pepsodent em 1944.*<sup>249</sup> Como conta John Wilkinson, *... a Unilever quase fracassou no esforço de entrar no mercado americano; sem condições de competir com gigantes*

<sup>247</sup> W.J. Reader, *Fifty Years of Unilever*, London, Fakenham Press Ltd, 1980, p. 44, livre versão.

<sup>248</sup> Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 101 e 102.

<sup>249</sup> W.J. Reader, *Fifty Years of Unilever*, London, Fakenham Press Ltd, 1980, p.52, livre versão.

*como a Procter & Gamble e com participação no mercado de margarina estagnado em torno de 7%, a Unilever esteve a ponto de se retirar dos EUA. Foi a adoção de uma estratégia alternativa, baseada na promoção agressiva de novos produtos, e uma capacidade ampliada de pesquisa que permitiu à Unilever aumentar para trinta por cento a participação nesse mercado.*<sup>250</sup>

Logo após o término da Segunda Grande Guerra Mundial, a centralização administrativa da Unilever é relativizada: os negócios da corporação podem organizar-se de acordo com experiências particulares. ... *Da administração local, espera-se a busca de estratégias operacionais que devem ser apresentadas ao centro, segundo o parâmetro da necessidade e da viabilidade da operação. Assim, sem limites severos, torna-se possível a liberdade nos negócios que podem então privilegiar especialidades, circunstâncias e conhecimento locais.*<sup>251</sup> A economia capitalista recupera-se rapidamente no mundo. Novas tecnologias são desenvolvidas, possibilitando a ampliação dos meios de produção. Inicia-se o processo que constitui a sociedade de consumo e o *american way of life* é adotado com êxito em muitas geografias. A produção de mercadorias que se voltam para o consumo de massa revela-se um negócio lucrativo para corporações que, como a Unilever, atuam no setor de consumo. *A sociedade de consumo começa a brilhar a partir de produtos espetaculares: automóveis, televisores, rádios transístores, ou mais perto do raio de ação da Unilever, refrigeradores, freezers, máquinas de lavar ( que necessitam sabão em pó especial), ocorrendo um crescimento contínuo no consumo dos alimentos de conveniência - todos dentro do orçamento da família comum, especialmente se sua compra for incentivada pela donas de casa. ... Em muitos lugares, a luta pela simples subsistência contrasta com a sociedade industrial, contrapondo o fluxo dos produtos ao mercado em que é oferecido. ...*<sup>252</sup> Transformações no consumo levam a alterações dos produtos em sua composição e fabricação. O uso doméstico de máquinas de lavar roupas ou louças, amplia o leque dos produtos de limpeza: além dos produtos tradicionalmente oferecidos no mercado, oferecem-se produtos especiais que destinam-se a usos específicos. É esse o contexto em que a Unilever começa a vender serviços. É neste contexto também que a matéria prima tradicional utilizada para a produção do sabão - óleos e gorduras naturais, pode ser

<sup>250</sup> John Wilkinson, *O Futuro do Sistema Alimentar*, São Paulo, Hucitec, 1989, p.104.

<sup>251</sup> W.J. Reader, obra citada, p.52, livre versão.

<sup>252</sup> W.J. Reader, idem, p.56, livre versão.

substituída por materiais sintéticos produzidos pela indústria petro-química. O mercado de sabão não gorduroso é ainda pequeno na década de cinquenta. Conforme Reader, em 1965, esse mercado representa 65% do total de vendas de detergentes realizadas pela Unilever. Em meados da década de oitenta, a Unilever realiza práticas comerciais, produtivas e organizacionais que seguem a tendência mais geral das práticas realizadas por grande parte das corporações transnacionais: ... *eliminação de atividades não essenciais, especialização em marcas de alta qualidade e mercados mundiais, desenvolvimento de novos produtos com base em pesquisa própria, e um processo de diversificação surgindo desta pesquisa.*<sup>253</sup>

África e Ásia, desde o século passado, são bases tradicionais para operações das empresas que vão formar a Unilever em 1930. A empresa consolida-se como a maior empresa mundial do ramo de óleos a partir da produção, processamento e distribuição de produtos derivados do coco, da palma e *ground-nuts*, que são cultivados nesses continentes, fato que ocorre muito antes do *boom* da soja. Até a metade dos anos cinquenta, 25% do capital da corporação encontra-se aplicado na África, que é responsável também por 20% de suas operações comerciais. Na década de oitenta, a África responde por 10% das aplicações de capital da empresa e por 15% de suas vendas. Ao longo dos oitenta a Europa torna-se o grande centro da corporação, concentrando diversas atividades além das tradicionais, tais como: transporte, empacotamento, rações animais, química, entre outras. Os anos sessenta são anos de racionalização. Verifica-se, em diversas unidades da corporação no mundo, uma estratégia que concentra os negócios em divisões específicas. No Reino Unido, por exemplo, ocorre a centralização do setor de produtos de limpeza pela Lever Brothers & Associates. Estratégias locais são também desenvolvidas e ligam-se a atividades que utilizam produtos regionais, como a produção de óleos realizada na Índia e na Turquia a partir de vegetais cultivados localmente; ou que oferecem serviços, como os restaurantes que a corporação mantém no Canadá. A política da empresa leva em conta marcas mundiais e interesses locais.<sup>254</sup> Um novo sistema organizacional começa a ser implantado mundialmente.

A agroindústria alimentar nasce e se desenvolve de acordo com o princípio da conveniência: a fábrica realiza o trabalho que a dona de casa teria de realizar. Desde o século XIX, são fabricados no mundo vários produtos alimentares, como farinhas, biscoitos, conservas, geléias, compotas, molhos, carnes e peixes processados, entre outros. Nessa

---

<sup>253</sup> John Wilkinson, **O Futuro do Sistema Alimentar**, São Paulo, Hucitec, 1989, p. 104.

<sup>254</sup> W.J. Reader, **Fifty Years of Unilever**, London, Fakenham Press Ltd, 1980, pp. 92, 104-5.

época da história, a produção do alimento vincula-se fortemente à sua preservação. De acordo com David Goodman e al., *a interposição do capital industrial entre o campo e a mesa fornecem, portanto, uma nova fonte para produzir valor agregado que, no início, foi alcançada simplesmente pelo aumento da escala dos métodos herdados de processamento artesanal ou doméstico.* ...<sup>255</sup> A Unilever, que tem seu principal produto alimentar, a margarina, baseado na gordura animal e nos óleos vegetais, diversifica-se, produzindo óleos e gorduras comestíveis, produtos enlatados e em conserva, sorvetes, peixes e carnes processadas, alimentos congelados e desidratados. Os negócios da corporação neste setor crescem e diversificam-se. Segundo Reader, na Europa e principalmente no Reino Unido, o salmão e as frutas enlatadas tinham um mercado consumidor que crescia continuamente desde a década de trinta. A partir da Segunda Guerra Mundial, a agroindústria alimentar cresce em dimensão e em extensão. Começa a ser implantada a *dieta fordista* e a Unilever realiza várias aquisições de empresas alimentares ao redor do mundo. A pesquisa e desenvolvimento na área possibilitam a produção de um produto de qualidade, bem como sua diversificação. A Unilever realiza e desenvolve pesquisas nesse sentido. O processo de desidratação, uma das formas mais tradicionais de preservação do alimento, é utilizado na fabricação de sopas e no processamento de vegetais. Sua vantagem imediata: facilidade de armazenamento. Sua vantagem em relação ao consumo final: conveniência. Pesquisas são desenvolvidas também em um campo alimentar então novo, que começa a tomar forma notadamente nos Estados Unidos, nos anos quarenta: alimentos congelados. A viabilização desse projeto requer transformações que, no limite, partem da lavoura e alcançam a mesa do consumidor final: no campo, tratos culturais devem ser modificados; na distribuição, seus comerciantes devem instalar câmaras frigoríficas e o consumidor final deve mudar seus hábitos alimentares. A Unilever sai do negócio na década de cinquenta, pois ele requer *muita pesquisa, dinheiro e paciência.*<sup>256</sup> O retorno da corporação ao setor ocorre alguns anos depois. Retorno e desistência são movimentos que acontecem na história da empresa em relação aos alimentos congelados, a partir de episódios que estimulam sua entrada ou

---

<sup>255</sup> David Goodman, Bernardo Sorj e John Wilkinson, *Da Lavoura às Biotecnologias*, Rio de Janeiro, Campus, 1990, p.53. No capítulo 2 os autores contam um pouco dessa história, citando como exemplo a moagem da farinha, os processos de esterilização e desidratação do leite, o enlatamento, envasamento e refrigeração e a fabricação de um produto novo: a margarina, produzida industrialmente a partir de gordura animal ou de óleos vegetais.

<sup>256</sup> W.J. Reader, *Fifty Years of Unilever*, London, Fakenham PressLtd, 1980, p.64, livre versão.

retirada estratégica. O ramo de pescados é solidificado a partir de técnicas que permitem o processamento do peixe ou de seu óleo, em seu próprio habitat. As técnicas de congelamento que se voltam aos produtos agrícolas, evitam desperdício e permitem sua conservação. A Unilever as aplica em frutas e legumes. *Antes da década de 70 a aplicação dos métodos de produção em massa no setor de processamento representava a corrente principal da mudança tecnológica na indústria alimentícia. Isto é, a mecanização e a melhoria sistemática das técnicas de processamento tradicionais de separação e preservação-estabilização. ... Os recentes avanços na tecnologia de processamento alimentício têm revelado o papel pioneiro que cabe, principalmente, às firmas dos setores químico, petroquímico e farmacêutico, ... a crescente complementaridade entre a engenharia química e a engenharia de alimentos tem acelerado enormemente a taxa de transferência tecnológica de adaptação e de inovação na indústria alimentícia ... no entanto este processo é ainda relativamente acidental. Mas, mesmo sendo assim, é possível constatar que cada vez mais ... os produtos alimentícios agrícolas são reduzidos a seus ingredientes básicos e estes insumos são combinados com aditivos, o que permite dar rédea solta ao desenvolvimento de novos produtos envolvendo variações infinitas de características conferidas industrialmente como conveniência, qualidades estéticas, sabor, textura e cor.*<sup>257</sup> No final dos anos sessenta e início dos setenta a Unilever entra no campo da química. Essa estratégia combina-se às atividades que desenvolve tradicionalmente a partir de óleos e gorduras. Pode então produzir ácidos graxos, glicerina, vitaminas, perfumaria e adesivos. Em 1978, a Unilever adquire a empresa norte americana National Starch, que tem grande atuação no ramo da química orgânica. Essa aquisição amplia decisivamente a presença da corporação nos Estados Unidos, onde produz, entre vários produtos, ingredientes utilizados nas indústrias alimentares e materiais utilizados na fabricação de cosméticos e produtos de limpeza.<sup>258</sup> Pesquisas no setor tradicional da empresa são realizadas também a partir de óleos vegetais, como cultura de tecidos; transferência de genes, para modificar a composição química; em enzimas, que possibilitam por exemplo, a valorização do óleo comum através do óleo de dendê.<sup>259</sup> Parcerias no desenvolvimento de produtos são efetuadas. A United Africa Company, divisão da corporação na África, torna-

---

<sup>257</sup> David Goodman, Bernardo Sorj e John Wilkinson, **Da Lavoura às Biotecnologias**, Rio de Janeiro, Campus, 1990, pp.74-75 e 78.

<sup>258</sup> W.J. Reader, obra citada, conforme pp.81 e 95.

<sup>259</sup> Conforme John Wilkinson, **O Futuro do Sistema Alimentar**, São Paulo, Hucitec, 1989, p.64.

se parceira da Heineken na área da fermentação em 1974. Pesquisa e Desenvolvimento na área de insumos agrícolas buscam a verticalização das atividades na corporação, ampliando também seu campo de atuação. Nesse sentido, a avicultura é uma das atividades que integra internamente pesquisa, criação e consumidor final. No Reino Unido, o fato acontece através do amplo leque de produtos oferecidos sob as marcas Chukie Chicken e Chukie Turkey. Na área de alimentação animal, a Unilever desenvolve pesquisas que direcionam rações a finalidades específicas, de acordo com o tipo de criação - suína, bovina ou avícola - e o estágio de crescimento. Como relata John Wilkinson, ... *a Unilever desenvolveu uma vacina para porquinhos misturada à alimentação, e vacinas idênticas estão sendo preparadas para bezerros e aves. Como desdobramento deste trabalho, a Unilever produziu um "kit" diagnóstico utilizando anticorpos monoclonais para identificação de doenças animais, e "kits" imunodiagnósticos estão sendo agora programados para tratar a saúde humana. Rações balanceadas e "kits" diagnósticos fazem portanto parte de uma rotina na lógica da pesquisa biotecnológica.*<sup>260</sup> Inglaterra, Holanda e Estados Unidos são os países onde a corporação mantém Centros de Pesquisa e Desenvolvimento. *A América é o lugar de nascimento e de testes de muitos de seus mais importantes produtos, do Wall's ice cream do começo dos anos vinte a Birds Eye, alimentos congelados desenvolvidos posteriormente, como também de pastas de dentes, detergentes e sopas prontas. Os custos e os riscos no desenvolvimentos dos produtos são muito grandes, mas o tamanho do mercado americano os compensa.*<sup>261</sup> A voracidade do consumidor e o tamanho do mercado nos EUA são elementos conhecidos. O *american way of life* é imitado por várias pessoas nos mais diferentes lugares. Como se sabe, pesquisa e desenvolvimento de produtos demandam tempo e grande investimento de capital. Seu retorno é incerto e demorado. O mercado financeiro norte-americano é conhecido por possibilitar operações que envolvem riscos de capital e que, portanto, são objeto de altas taxas de remuneração. Finanças, tecnologia e produção aliam-se na busca da reprodução ampliada do capital em moldes globais. As corporações transnacionais realizam suas práticas, buscando estratégias que as possibilitem maximizar seus ganhos e reduzir seus custos, tendo como cenário o mundo. A partir dessa

---

<sup>260</sup> John Wilkinson, **O Futuro do Sistema Alimentar**, São Paulo, Hucitec, 1989, p.79. Atualmente um dos produtos oferecidos em mais de cinquenta países é um "kit" para teste de gravidez.

<sup>261</sup> W.J. Reader, obra citada, p.99, livre versão.

ótica, realizam operações produtivas, financeiras e comerciais. A competitividade internacional envolve estratégias locais.

A Unilever mantém operações diversas em seu interior. Praticamente desde sua formação, fábricas de sabão e margarina da corporação em todo o mundo embalam seus produtos. *Um dos produtos que uma fábrica pode oferecer ao consumidor é a embalagem. ... Ainda hoje, a embalagem idealizada por William Lever há aproximadamente noventa anos, quando ele começou a comercializar o sabão Sunligh, embalado em papel especial, pode oferecer benefícios que o produto vendido solto não oferece. A embalagem é a garantia da procedência, da validade, do peso (ou volume). ... Ela facilita o armazenamento e torna o produto mais higiênico. Contém instruções, que algumas pessoas têm. Dá visibilidade às marcas, que podem ser encontradas mais facilmente nas prateleiras.*<sup>262</sup> O desenvolvimento da química possibilita uma grande diversificação no material utilizado. Essa atividade cresce dentro da empresa, principalmente no Reino Unido e na Alemanha. No ano de 1965, é criada a divisão Paper, Packing, Plastics, Printing, que *como transportes, propaganda e pesquisa de mercado, serviços internos à empresa, transformam-se em atividades lucrativas oferecidas também no mercado.*<sup>263</sup> Embora a diversificação de atividades ocorra, o núcleo da corporação permanece: produtos de limpeza e alimentos derivados de gorduras e óleos vegetais. Em 1978, a Unilever ocupa o décimo segundo lugar no *rank* das maiores empresas do mundo em volume de vendas, ao lado de corporações que atuam no setore automobilístico, como a General Motors (primeira posição), Ford Motor e Volkswagen; que atuam no setor petrolífero, como a Exxon (segunda posição), Royal Dutch/Shell (terceira); que fabricam eletrodomésticos, como a General Electric ou a Philips, sendo a única da lista vinculada à produção de alimentos.<sup>264</sup> Em 1993, os alimentos representam 52% do volume total de suas vendas; 23% das vendas dizem respeito aos produtos de limpeza; 14% aos produtos pessoais; 8% às vendas de produtos químicos e 3% correspondem às outras operações da corporação. O movimento comercial no setor de alimentos no ano de 1993 tem 30% das vendas efetuadas a partir de alimentos derivados de óleos e laticínios, como margarina, óleo de oliva, óleos provenientes de grãos, temperos, molhos e queijos, distribuídos entre marcas diversas; por 27% das

---

<sup>262</sup> W.J. Reader, **Fifty Years of Unilever**, London, Fakenham Press Ltd, 1980, p.69, livre versão.

<sup>263</sup> W.J. Reader, **Fifty Years of Unilever**, London, Fakenham Press Ltd, 1980, p.74, livre versão.

<sup>264</sup> Fonte: Revista **Fortune**, agosto, 1979, in W.J. Reader, obra citada, p. 89.

vendas responsabilizam-se as refeições prontas, como comidas congeladas, baseadas em alimentos leves e saudáveis, notadamente vegetais, peixe e aves e os componentes prontos para o preparo de refeições como sopas e molhos para macarrão; 23% das vendas realizadas no setor dizem respeito a sorvetes, bebidas e *snacks*, como o sorvete Cornetto, os chás tradicionais Lipton, chás prontos para beber e embutidos embalados para consumo individual. A prioridade neste setor da produção alimentar é o sorvete. Nesse ano, a Unilever realiza uma série de aquisições de fábricas do produto nos Estados Unidos, no Chile e na Índia. Uma nova fábrica é implantada na China e uma *joint venture*, direcionada aos mercados da França e da Espanha, é realizada com a BSN para o desenvolvimento de produtos que combinam iogurtes e sorvetes. Em 1993, 20% das vendas realizadas são efetuadas nos mercados profissionais, tais como restaurantes, padarias e indústrias processadoras de alimentos.<sup>265</sup>

A Unilever, como já foi dito anteriormente, realiza investimento direto em mais de oitenta países. Tradicionalmente mantém operações na Europa Ocidental, na África e em alguns pontos da Ásia. Na Europa do Leste, está presente em muitos países, como na Polônia onde expande atividades e na Rússia, através da UniRus, localizada em São Petersburgo. Realiza também operações na China, Índia, Tailândia, Vietnã, Malásia, Japão, Austrália, Nova Zelândia e Indonésia, de acordo com particularidades que dizem respeito às legislações para investimentos externos diretos de cada nação. Na Índia e na China, a título de exemplo, o governo é sempre sócio majoritário em todas as operações. No Continente Americano, alguns de seus investimentos diretos localizam-se no Canadá, nos Estados Unidos, México, Cuba, Venezuela, Colômbia, Chile, Argentina e Brasil.

A Unilever inicia seus negócios no Brasil a partir da comercialização de produtos em 1929, ano em que é negociada a fusão. O sabão Sunlight é importado da Inglaterra e vendido no mercado brasileiro. No final de 1930, a Irmãos Lever instala uma fábrica de sabão na cidade de São Paulo. Essa unidade que produz inicialmente o sabão em pedra Sunlight, tem sua produção ampliada para sabão em pó e em flocos. Em 1964, a corporação efetua uma aquisição importante para a sedimentação de seus negócios no país: Companhia Gessy Industrial - fabricante de sabão e sabonete, localizada em Valinhos, estado de São Paulo. Na década de setenta, começa a fabricar margarina nesta mesma unidade. Atualmente a margarina também é fabricada na unidade da cidade de São Paulo. Neste mesmo período,

---

<sup>265</sup> Fonte: Unilever Annual Review 1993.

a Gessy Lever - razão social da corporação no Brasil, compra a Gelato, entrando no ramo da fabricação de sorvetes, mercado em que a Kibon ocupa posição expressiva. Seu produto principal: Cornetto, sucesso internacional de vendas. A Nestlé também tem interesses na área através da marca Yopa. O domínio da Kibon no mercado brasileiro dificulta as operações das duas corporações no setor, fato que as leva a realizarem uma *joint venture* no começo dos noventa para o desenvolvimento de novos produtos. Tanto a Gessy Lever quanto a Nestlé conservam suas fábricas e mantêm os produtos já lançados no mercado fora da parceria. Em 1993, a Gelato é vendida para a Nestlé, que hoje fabrica o Troppo - uma "nova" versão do Cornetto. É também da década de setenta a aquisição da Lipton - fabricante de chás com forte presença no mercado mundial - pela Unilever do Reino Unido, fato que faz com que a corporação torne-se uma das maiores do ramo no mundo. Nos anos noventa a fusão dos negócios da Lipton com uma empresa do ramo de alimentos na Índia - Brooke Bond - transforma a Unilever na maior empresa alimentar desse país.<sup>266</sup> A Gessy Lever do Brasil lançou recentemente a bebida social Lipton Ice Tea - misturas de chás e frutas. A produção e distribuição do produto nos diversos países organiza-se da mesma forma: uma parceria da Lipton com a Pepsi Cola, em que a Lipton fornece o xarope que a Pepsi Cola mistura, envasa e distribui. A marca do produto, entretanto, pertence à Unilever.

No início dos anos oitenta a corporação amplia seus negócios na área de alimentação com a compra da Anderson Clayton - fabricante de margarinas, maioneses e também de laticínios, processados através da marca Luna, que é conservada pela corporação até hoje. Essa aquisição permite o ingresso no negócio de primeiro processamento do produto do campo, pois traz consigo quatro unidades processadoras de soja, sendo uma delas localizada no Rio Grande do Sul, duas no Paraná e outra no estado de São Paulo. Recentemente, há aproximadamente seis meses, essas unidades processadoras foram vendidas para o grupo Dreyfus-Coimbra. Em 1984, a Henkel - empresa de origem alemã, é incorporada aos negócios de sabão da Unilever. Das várias marcas da empresa, conservou-se no Brasil o sabão Campeiro, que se soma às principais marcas da corporação no setor: Omo e Minerva 3. Em 1991, a fábrica Rex é incorporada às operações de queijos, localizadas em Minduri, estado de Minas Gerais. Em 1993, a Gessy Lever compra a Cica, empresa fabricante de alimentos que utiliza o tomate como insumo principal. Essa aquisição torna os negócios brasileiros um dos maiores da corporação. De acordo com um relatório da Unilever de

---

<sup>266</sup> Conforme Unilever Annual Review 1993.

1993, a companhia brasileira Cica é agora nosso segundo maior negócio na categoria tomates e vegetais.<sup>267</sup>

A história da Unilever tem o mundo como cenário desde sua constituição. Pode ser contada a partir de aquisições, fusões, parcerias e vendas de empresas que realizam várias atividades nas diferentes geografias. Nesse percurso, empresas nacionais tornam-se internacionais e a centralização administrativa cede espaço para o desenvolvimento de práticas locais, pois vantagens comparativas nacionais levam a diferentes estratégias comerciais, produtivas, financeiras e administrativas. As práticas realizadas pelas empresas através do mundo têm como referência a nação. Em um mundo que se globaliza, esse limite se transforma. Estratégias internacionais tornam-se cada vez mais mundiais. Inicia-se um outro percurso, que imprime outros significados a essas operações. A concentração e centralização do capital na sociedade global privilegia a dispersão e fragmentação da produção pelo mundo. Práticas transnacionais integram atividades agrícolas, comerciais, industriais e financeiras mundialmente. As relações sociais transformam-se. Novas técnicas produtivas, organizacionais e institucionais transformam o produto e seu consumidor final. Nessa realidade nova, produtos são lançados ou descontinuados, tendo como horizonte o planeta. Nesse novo patamar de desenvolvimento do capitalismo, a informação e a publicidade tornam-se elementos centrais. Neste contexto, muito do que é local, regional ou internacional permanece, reforça-se. Mas, quando produtos atravessam fronteiras, correm o risco de "perderem" suas especificidades, pois suas características locais ou regionais são assimiladas globalmente. Assim, o *fast food*, o *snack*, alimentos de fácil preparo ou já preparados, culinárias regionais ou étnicas, são oferecidas em todo o mundo. Legumes, frutas e verduras têm praticamente a mesma aparência e o mesmo sabor, pois são produzidos a partir dos mesmos insumos e tratos culturais, nas diferentes geografias. Produtos e técnicas podem ser aprendidas, compradas e utilizadas. Resta, assim, pouca coisa que não pode ser imitada. No setor alimentar, uma dessas coisas é a marca do produto que é oferecido no mercado. As corporações transnacionais do setor centralizam grande parte de seus esforços na publicidade de suas marcas. No Brasil, a Gessy Lever está implantando um Centro Avançado de Mídia em parceria com a J. Walter Thompson. *Cada uma das agências de publicidade da Gessy Lever no país continuará comprando mídia para as marcas que atende, mas agora todas vão contar com os recursos do Centro para orientar as*

---

<sup>267</sup> Conforme Unilever Annual Review 1993.

*aplicações. ... Porque o mundo está mudando, e com ele a mídia e o consumidor. ... Hoje só se fala em globalização, mas a primeira campanha global foi feita já há mais de 60 anos, pela Thompson. Para o sabonete Lux, da Lever. ... Nosso projeto mundial de informática permite a integração em tempo real, via satélite, de mais de 200 escritórios em 69 países.*<sup>268</sup> ... *A força da Unilever foi também construída a partir de investimento substancial em marcas, diz o relatório anual da corporação em 1993. De acordo com a J. Walter Thompson, a Gessy Lever é a maior anunciante do país nos últimos quatro anos.*

Na fabricação de seu produtos, a Gessy Lever integra direta ou indiretamente várias atividades no mundo. A realidade contemporânea direciona as atividades da corporação para o *core business* - produtos de limpeza, alimentos e produtos pessoais, buscando a concentração das operações a partir de categorias de produtos e de geografias que potencialmente se apresentem como lucrativas. A atividade agrícola também é incluída neste procedimento. Os *plantations group* da África e da Ásia encontram-se em processo de reformulação. Integrados operacionalmente ao *Plantations and Plant Science Group*, localizado em Cambridge, Inglaterra, concentram suas operações nas lavouras e no processamento de chá e óleo de palma. Os negócios da Unilever baseados no sisal e no óleo de coco, são vendidos em 1993.<sup>269</sup> Os negócios têxteis da África Ocidental, notadamente na Nigéria, estão sendo reduzidos. Na Indonésia e na Malásia, lavouras direcionam-se para a produção do óleo de dendê. A Gessy Lever do Brasil não realiza operações diretas na produção agrícola, pois não possui terras no país. Suas quatro fábricas processadoras de soja foram vendidas neste ano. Quando eram mantidas pela corporação, integravam diretamente o agricultor, financiando antecipadamente o preparo da terra, os insumos - sementes melhoradas, fertilizantes e pesticidas, os tratamentos culturais e a colheita, através de contratos individuais. Atualmente, compra suas necessidades de óleo refinado de grandes processadoras, principalmente da Cargill. O óleo de palma - derivado do babaçu - é comprado já refinado de processadores ou comerciantes nos estados do Maranhão e da Bahia. Trazem também o produto das Filipinas e da Malásia, locais onde a Unilever mantém operações verticalizadas. O óleo de girassol é comprado de grandes firmas processadoras argentinas. A Cica, última aquisição da Unilever no país, integra diretamente o agricultor que planta o tomate. Unidades familiares de produção, na parte irrigada do Rio São

---

<sup>268</sup> Veiculado como informe publicitário na revista *Veja*, 10 de Julho de 1996.

<sup>269</sup> Conforme *Unilever Annual Review 1993*.

Francisco, em Juazeiro, Bahia, são integradas pela empresa, que financia e controla a produção de tomate rasteiro, mais apropriado para a fabricação de molhos. Há dois anos estão aumentando a área cultivada, via integração de um número maior de unidades produtivas. Os agricultores do vale do São Francisco são integrados individualmente, a partir de um contrato em que se estabelecem as obrigações e direitos das partes contratadas. À Cica cabe o financiamento de todas atividades realizadas na lavoura, bem como de todos os insumos utilizados. Ao agricultor cabe a produção do tomate, segundo normas técnicas estabelecidas pela contratante. No período da safra, o acerto de contas é efetuado. Este ano a Divisão de Alimentos da Gessy Lever está importando tomate, principal matéria prima utilizada pela Cica, de países onde a Unilever realiza operações da mesma natureza, como Chile, Argentina e Uruguai e, eventualmente, de alguns pontos mais distantes. Com a oferta insuficiente de tomate de mesa, os agricultores integrados estão alcançado melhores preços na venda da produção para feiras e centros de abastecimento. No acerto de contas, a Cica recebe de volta parte do capital que lhes tinha adiantado, recebendo também o produto, mas, em quantidade bem menor do que suas necessidades. A Cica fabrica também doces, que utilizam as frutas como insumo principal. Grande parte é comprada em Monte Alto, estado de São Paulo. A fruta é comprada no pé, de pequenos e médios agricultores. Os produtos em conserva Cica baseiam-se principalmente na batata, ervilha, cenoura e no milho. Esses produtos são comprados interna ou externamente, de firmas que processam e/ou comercializam o produto. Um exemplo desse tipo de integração produtiva é a ervilha, comprada desidratada, em grande parte da Argentina, mas também do Canadá e dos Estados Unidos.

A Unilever tem uma presença forte no setor de óleos vegetais e gorduras animais, produtos que se prestam a usos diversificados nos vários setores de atuação da corporação. A Divisão Produtos Pessoais utiliza predominantemente insumos químicos. Seus produtos são pesquisados, desenvolvidos, produzidos e distribuídos nas diferentes geografias, de acordo com parâmetros da economia de escala. O sabonete Dove, por exemplo, é fabricado na Alemanha para ser comercializado pelas subsidiárias latino-americanas do México, El Salvador, Panamá, Colômbia, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil. O setor de cosméticos, além de insumos baseados na química, utiliza insumos agropecuários, notadamente o óleo de palma, mas também alguns outros, como o óleo de amêndoa. O óleo de palma é utilizado também na fabricação de alguns produtos alimentares. A margarina Doriana, produzida no Brasil a partir de uma mistura de óleos vegetais na qual predomina o óleo de soja, tem como

um de seus ingrediente o óleo de palma, *que lhe dá um sabor mais pronunciado*, de acordo com um dos gerentes da empresa no Brasil. A Gessy Lever produz vários tipos de margarinas, a partir de combinações de óleos vegetais que se misturam em algumas marcas, com leite em pó e vitaminas. A legislação brasileira não permite a utilização da gordura animal na fabricação de alimentos. A gordura animal é utilizada pela Gessy Lever na fabricação de sabões e sabonetes e é comprada dos frigoríficos. Na Argentina, país em que grande parte das margarinas comercializadas têm como insumo principal o *sebo do boi*, a gordura animal torna-se uma matéria prima intercambiável. No Brasil, o óleo de soja é o insumo mais intercambiável. É utilizado na fabricação de margarinas, maioneses, sabões e sabonetes. A Gessy Lever produz um ingrediente culinário básico, gordura vegetal hidrogenada, que utiliza em vários de seus produtos alimentares e vende no varejo sob a marca Saúde. Em sua embalagem, os ingredientes são assim discriminados: *óleo vegetal de soja e/ou algodão e/ou palma*. O óleo de girassol é utilizado na fabricação de uma versão "nova" da margarina - halvarina - comercializada sob a marca Becel. Atendendo a demandas específicas de um consumidor preocupado com critérios alimentares baseados na saúde e na nutrição, esse produto não contém colesterol e é rico em vitamina E. Sua embalagem, além das especificações exigidas por lei, trás os seguintes dizeres: *A vitamina E é um antioxidante natural. Pesquisas científicas indicam sua possível ação em inibir os radicais livres, responsáveis pelo envelhecimento das artérias. Uma porção (14g) de Becel supre 60% das necessidades diárias desta vitamina*. De acordo com John Wilkinson, *a questão da nutrição e saúde começa a mudar profundamente os padrões de demanda, levando a uma estratégia original de marketing, que promova a fusão de alimentos, cosméticos e farmacêuticos, e para a qual a capacitação em biotecnologias na área de pesquisa e desenvolvimento se torna précondição. No seu programa de pesquisa, a Unilever define informática e biotecnologia como a chave do seu futuro, sendo igualmente ativa em enzimas, proteínas e biologia vegetal.*<sup>270</sup> A substituição de matérias primas agrícolas por produtos industriais em menor grau e a intercambialidade entre os insumos agropecuários em maior grau levam a uma flexibilização produtiva no campo e no limite a uma desarticulação das lavouras de seu referencial geográfico. Técnicas permitem a adaptação de plantas e animais a diferentes condições de clima e de solo, bem como seu transporte, para longas distâncias, em condições higiênicas e seguras. A produção, distribuição e consumo dos produtos

---

<sup>270</sup> John Wilkinson, *O Futuro do Sistema Alimentar*, São Paulo, Hucitec, 1989, p. 79.

agropecuários podem ser realizados em moldes globais. Como observa com propriedade Louis Malassis, *a fertilidade do solo não é mais um produto da natureza, é um produto da história.*<sup>271</sup>

---

<sup>271</sup> Louis Malassis, **Economie Agro-Alimentaire**, Tome III, Paris, Cujas, 1986, p.101, livre versão.

## V - A Agricultura Globalizada

*O meio natural era aquela fase da história na qual o homem escolhia da natureza aquilo que considerava fundamental ao exercício da vida e valorizava diferentemente essas condições naturais, as quais, sem grandes modificação, constituíam a base material da existência do grupo. O fim do século XVIII e, sobretudo o século XIX vêem a mecanização do território: o território se mecaniza. Podemos dizer, ... que esse é o momento da criação do meio técnico, que substitui o meio natural. Já, hoje, é insuficiente falar de meio técnico-científico, que tende a se superpor, em todos os lugares, ainda que de modo desigual, ao chamado meio geográfico.*<sup>272</sup>

O mundo contemporâneo assiste à formação e desenvolvimento de relações, processos e estruturas em escala mundial. Nesse movimento, o que é local é também internacional e o que é internacional é também mundial. No período posterior à Segunda Guerra Mundial, esse movimento acelera-se consideravelmente. A economia, a política e o social ganham outros significados. São muitas as expressões da globalização da sociedade. As corporações transnacionais podem ser pensadas como uma de suas manifestações. No processo mais geral de formação e desenvolvimento da sociedade global, parece que o setor agropecuário, como conhecemos tradicionalmente, perde importância e torna-se um setor cada vez mais residual. Agricultura e pecuária sempre foram a base da produção do alimento na história do mundo. Realizadas a partir de condicionantes regionais e locais, tinham no campo seu principal espaço de produção. A industrialização e a urbanização da sociedade levam a uma transferência do local da produção do alimento no mundo: o alimento é cada vez mais produzido na cidade, a partir do processo industrial. Em um mundo que se globaliza, parece que as corporações transnacionais são um elemento importante na constituição e desenvolvimento de um "espaço alimentar mundial". Processando produtos do campo, transformam-nos em alimentos finais, que são comercializados no campo e na cidade, na nação e no mundo. Desenvolvem também pesquisas, individualmente ou em parceria com instituições diversas, ou simplesmente compram tecnologias que possibilitam melhorar a produtividade das lavouras, adaptar o produto do campo às necessidades industriais ou criar

---

<sup>272</sup> Milton Santos, **A Urbanização Brasileira**, São Paulo. Hucitec, 1993, p.35. Milton Santos propõe o conceito meio técnico-científico-informacional para compreender a realidade atual, pois, segundo ele, a informação, em todas as formas, é o motor fundamental do processo social e o território é, também, equipado para facilitar a sua circulação, p.36.

novos produtos, desenvolvidos a partir de técnicas baseadas na física, na química, na biologia e na genética. A dispersão da produção no espaço mundial e a concentração e centralização do capital internamente às corporações possibilitam a fragmentação da produção que busca vantagens comparativas, de diversas ordens, na reprodução ampliada do capital. Esse fato possibilita também que trocas monetárias e de produtos sejam realizadas no interior das corporações. A publicidade, veiculada mundialmente, possibilita a economia de escala por parte da corporação, mesmo que o produto destine-se a mercados segmentados e especializados. Praticamente no mundo todo, consome-se Aveia Quaker, Gatorade, Becel e chás Lipton. Às relações comerciais entre países e entre blocos de comércio regionais somam-se agora relações de troca que se dão intra-firmas, que correspondem ao grande volume de operações realizadas internamente pelas corporações transnacionais.

Transformações que ocorrem na sociedade levam a transformações nas categorias de análise utilizadas para sua compreensão. Movimentos populacionais levam à construção de categorias novas, que possibilitam sua classificação e entendimento. Nesse sentido, se orienta a categoria população agrícola, que se diferencia da categoria população rural. A migração rural/urbano é um movimento que se inicia a partir do processo de industrialização do mundo e que se amplia consideravelmente, no mundo globalizado. A expansão da frente pioneira - deslocamento territorial da civilização urbano-industrial, se dá agora tendo o mundo como cenário. Configurações novas na organização das relações societárias trazem novos significados para a compreensão da relação espaço/sociedade. A organização do espaço territorial brasileiro, que se transforma com o processo de industrialização da nação brasileira, é transformada novamente com a emergência da sociedade global. Como relata Milton Santos, *o Brasil moderno é um país onde a população agrícola cresce mais depressa que a população rural* (embora em números absolutos ela nunca a tenha ultrapassado). ... *A população agrícola torna-se maior que a rural exatamente porque uma parte da população formada por trabalhadores do campo estacionais (os bóias-frias) é urbana pela sua residência. Um complicador a mais para nossos velhos esquemas cidade-campo.* De acordo com o autor, em 1960 a população rural brasileira representa 55,33% da população do país e a população agrícola, 22,31%. Em 1980, esses números diminuem. A população rural diz respeito a 32,41% da população total e a população agrícola representa

17,72%. Em 1991, 77,13% da população brasileira vive nas cidades.<sup>273</sup> O movimento populacional mostra uma tendência de concentração da população brasileira nas áreas urbanas a partir da década de sessenta. É também a partir desta década que, como se sabe, a produção no campo atinge altos índices de produtividade. Em 1992, de acordo com a versão preliminar do II Plano Diretor da EMBRAPA: 1993 -1997, o Brasil produz em torno de 70 milhões de toneladas de grãos. Informações extraídas desse plano dizem que *hoje, cada agricultor produz para abastecer cerca de dez pessoas. Daqui a uma década esse mesmo agricultor deverá produzir para manter um contingente de 20 pessoas. ... Conseqüentemente, o aumento total da produtividade da população economicamente ativa no setor agrícola terá de crescer à taxa de 9,6 por cento ao ano.*<sup>274</sup> A população que trabalha para fornecer os alimentos ao restante da população do país realiza atividades agrícolas e não agrícolas e está, em sua maior parte, concentrada nas cidades. Essa constatação é, no mínimo, um *outro complicador* - utilizando as palavras de Milton Santos, para se pensar a relação cidade-campo. A modernização da agricultura leva não só a uma transformação dos produtos do campo, leva também a uma transformação das relações sociais. O mundo que cada vez mais se globaliza, transforma novamente os produtos do campo e as relações societárias. Relações novas levam às novas formas de ocupação espacial. Governos e empresas reorganizam o território nacional adaptando-se aos novos tempos: *o Brasil poderá ganhar 50 milhões de hectares de terras boas para lavoura, na fronteira agrícola, mais que duplicando a área atualmente usada para grãos, cerca de 40 milhões de hectares. Este é o programa de corredores multimodais, com transporte rodoviário, ferroviário e fluvial, já em início de execução pelos ministérios da Agricultura e dos Transportes. Com o corredor Noroeste, a soja produzida na Chapada dos Parecis, em Mato Grosso, poderá chegar a Roterdã, na Holanda, com um custo de transporte de US\$ 78,5 por tonelada. ...*<sup>275</sup> Corredores no Centro-Norte, Nordeste e Centro-Leste também fazem parte desse programa, que será em grande parte realizado por empresas privadas. De acordo com a matéria, o BNDES - Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social, já liberou a verba para que o Grupo Maggi efetive a compra de comboios fluviais para operarem no Corredor Noroeste que, através dos rios Amazonas e Madeira, chegará

---

<sup>273</sup> Milton Santos, *A Urbanização Brasileira*, São Paulo, Hucitec, 1993, pp.33, 34 e 29.

<sup>274</sup> Versão preliminar do **II Plano Diretor EMBRAPA: 1993 -1997**, Brasília, 1992, p.7.

<sup>275</sup> Rolf Kuntz, matéria do jornal *O Estado de São Paulo: Área para grãos pode dobrar com transporte*, 1º de setembro de 1996.

até o Atlântico, possibilitando a incorporação de 20 milhões de hectares à produção. O Corredor Centro-Norte viabiliza a integração do estado do Pará, combinando o transporte fluvial através dos rios das Mortes, Araguaia e Tocantins, o transporte rodoviário, feito pela rodovia Belém-Brasília e o transporte ferroviário, com as ferrovias Norte-Sul e Carajás-Ponta da Madeira/Itaqui, incorporando à produção mais de 30 milhões de hectares. O Corredor Nordeste facilitará o transporte dos produtos da Bacia do São Francisco, do Oeste baiano e de certas regiões dos cerrados de Goiás e Minas Gerais. O Corredor Centro-Leste diz respeito à construção do ramal ferroviário Pirapora/Unai, integrando os cerrados à capital mineira e ao Porto de Tubarão, no Espírito Santo. Refletir sobre a organização da agricultura e da pecuária neste novo contexto parece ser um exercício importante.

Como se procurou demonstrar, parece que grande parcela da produção agropecuária torna-se insumo industrial, utilizado por firmas processadoras e/ou fabricantes do produto final. A agroindústria alimentar tem no produto do campo seu insumo mais importante. *Nesse contexto, as biotecnologias nos países industrializados representam uma oportunidade para aumentar a "intercambialidade" entre os produtos agrícolas e diminuir a rigidez na sua localização, abrindo novos mercados para produtos tradicionais ou criando usos alternativos da terra.*<sup>276</sup> Às commodities agrícolas somam-se agora "especialidades". Como exemplificam Goodman e al., ... *o setor de distribuição foi o primeiro a tomar a iniciativa de promover linhas de produtos isentos de aditivos e de experimentar métodos não químicos de conservação de alimentos. As grandes cadeias varejistas como Tesco, J. Sainsbury e Marks e Spencer também adotaram recentemente novas estratégias de comercialização e de informação ao consumidor. Somente uma grande cadeia de supermercados, a Safeway, oferece regularmente vegetais organicamente cultivados a seus fregueses ... A reação dos fabricantes de alimentos tem sido mais lenta mas a Birds Eye Wall's, de propriedade da Unilever, a maior corporação do setor agroindustrial na Europa, anunciou em fevereiro de 1986 que havia retirado todos os azocorantes de seus produtos e estava reexaminando o uso de glutamato de monossódio e outros aditivos.*<sup>277</sup> Obviamente, essa trajetória em direção aos produtos naturais, que inclui procedimentos que vão desde a lavoura até a mesa de seu consumidor final, não exclui

---

<sup>276</sup> John Wilkinson, **O Futuro do Sistema Alimentar**, São Paulo, Hucitec, 1989, p.121.

<sup>277</sup> David Goodman, Bernardo Sorj e John Wilkinson, **Da Lavoura às Biotecnologias**, Rio de Janeiro, Campus, 1990, pp.71 e 72.

outras já consolidadas, apresentando-se como mais uma possibilidade no leque variado de estratégias produtivas e comerciais utilizadas pelas grandes corporações transnacionais com interesses no setor alimentar. Alimentos são produzidos, conservados, processados e fabricados de acordo com condições históricas que definem sua distribuição e consumo. A partir de uma certa época da história do mundo, verifica-se uma contribuição crescente da agroindústria em direção à produção do alimento. Trajetórias tecnológicas diversificadas, inovadoras ou tradicionais, viabilizam a existência de alimentos "fabricados". A biotecnologia apresenta-se como uma dessas trajetórias. ... *Os investimentos em biotecnologia correram à frente do que os diversos níveis de conhecimento poderiam oferecer em termos de aplicação tecnológica produtiva. Pode-se dizer que há lacunas técnico-científicas que inviabilizaram muitos dos projetos da moderna tecnologia, conformando um certo escopo de oportunidades tecnológicas mais restrito do que aquele inicialmente imaginado. ... Há uma quantidade relativamente pequena de produtos de engenharia genética sendo comercializados hoje no mundo (entre 20 e 25 produtos). Até o presente, só há uma única planta obtida por engenharia genética que foi liberada para comercialização (o tomate de amadurecimento retardado da Calgene, chamado Flavr Savr). ... As outras plantas desenvolvidas estão ainda em testes de campo, devendo iniciar um processo de entrada no mercado por volta de 1988. ... Na área agrícola as principais linhas de P&D têm sido o desenvolvimento de kits de diagnóstico de doenças de plantas, vacinas recombinantes para animais e variedade de plantas (transgênicas ou não).*<sup>278</sup> Assim, a pesquisa e desenvolvimento de produtos de origem biotecnológica enfrenta dificuldades ocasionadas por diversos fatores, como por exemplo, pelo alto volume de capital a ser investido em um ambiente de incerteza, a lacunas de conhecimento verificadas no decorrer das pesquisas, a questões que envolvem segurança alimentar etc. que, de certa forma, inviabilizam ou retardam sua colocação no mercado. Há também que se levar em consideração outros fatores, como a falta ou indefinição de regulamentação específica para esse tipo de produto por parte de agências nacionais e/ou supra-nacionais, como propriedade intelectual, controle ambiental e de saúde pública, entre outros. Regras e normas para pesquisa, desenvolvimento, produção e comercialização de produtos derivados

---

<sup>278</sup> Mário Luiz Possas, Sergio Salles Filho e Ana Lúcia Aguiar de Mello, **Regulamentação da Biotecnologia: Implicações para as Inovações na Agricultura e na Produção Agroalimentar**, Brasília, IPEA, Documentos de Trabalho, 1994.

da biotecnologia são ainda um fato recente.<sup>279</sup> O mercado consumidor representa talvez a dificuldade maior. Preocupações com o meio ambiente, saúde e nutrição levam o consumidor a preferir produtos frescos e naturais e, conseqüentemente desestimulam o investimento do setor agroindustrial na área. ... *Existem poucos novos produtos alimentares finais, dadas as questões de aceitabilidade, regulamentações de saúde e marketing. As biotecnologias se dirigem portanto preferencialmente à transformação do setor de intermediários da indústria alimentar. ... As maiores empresas do setor de produtos finais - Unilever, Nestlé, Nabisco - cresceram basicamente através da transformação de um grupo específico de produtos - óleos, leite e grãos respectivamente. Essas empresas se diversificaram, no entanto, à medida que uma política orientada para aquisições substituiu uma expansão orgânica do mercado como estratégia principal de crescimento. Nesse processo, os desdobramentos entre alimentos, cosméticos e produtos farmacêuticos, seja no que se refere a processos produtivos como à distribuição, levaram a indústria alimentar a se envolver nesses últimos ramos: tanto a Nestlé como a Nabisco e a Beatrice têm agora interesses, embora modestos, no setor farmacêutico.*<sup>280</sup>

O deslocamento e a fragmentação da produção no espaço mundial tende a uniformizar procedimentos técnicos, organizacionais e produtivos. A comercialização dos produtos, que têm como horizonte o mundo tende a padronizar produtos e a impor um padrão de consumo mundial. Produtos de várias geografias são oferecidos em mercados cada vez mais interdependentes. Produtos do campo e da cidade voltam-se ao consumo de massa. São também produzidos e distribuídos buscando a diferenciação da produção e a segmentação do mercado. O alimento natural ou transformado, processado ou fabricado é em grande parte produzido por agroindústrias alimentares a partir de práticas transnacionais. Nesse contexto, a marca do produto ganha cada vez mais importância, atestando sua qualidade. Em um mundo globalizado, onde é possível pensar-se o alimento como um elemento desterritorializado, a publicidade torna-se fator decisivo no processo de reintegração territorial do alimento: além dos apelos tradicionais, que dizem respeito a estética, ao sabor, a comodidade, entre outros, a marca do produto torna-se responsável pela sua procedência. A qualidade e confiabilidade no consumo do alimento vinculam-se diretamente ao prestígio

---

<sup>279</sup> Mário Luiz Possas, Sergio Salles Filho e Ana Lúcia A. de Mello, tratam desta questão em texto anteriormante citado.

<sup>280</sup> John Wilkinson, *O Futuro do Sistema Alimentar*. São Paulo, Hucitec, 1989, pp.77-9.

da marca. Assim, o leite condensado Nestlé é um produto confiável e com tradição, como também o é a aveia Quaker. A marca *Cica bons produtos indica* e, neste sentido, a Unilever deve conservar seu uso para o mercado brasileiro. É possível dizer-se que a publicidade trabalha a partir de estratégias que possibilitam enraizar a marca de um produto ou exatamente o contrário. A marca é um signo importante na configuração do local ou do global. Assim, marcas vinculam-se a um contexto determinado e dizem respeito a uma territorialidade específica: a marca Café Pelé define sua procedência quando estabelece uma relação direta do alimento café à sua origem brasileira. Existem também marcas sem contexto. A marca *Corn Flakes* é um exemplo nesse sentido. Pessoas de todo o mundo consomem o produto como alimento matinal e, no entanto, esse fato não remete necessariamente à sua origem ou procedência. Dessa forma, no imaginário e na realidade de indivíduos e coletividades a marca de um produto pode prescindir da referência ao local ou, pelo contrário, deve vincular-se fortemente a um determinado contexto. A sociedade global permite que estratégias produtivas, comerciais e mercadológicas realizem-se globalmente e diversifiquem-se localmente. A agroindústria alimentar é um exemplo significativo nesse sentido.

A sociedade global transforma o produto do campo e a agricultura. Essa nova realidade vincula a agropecuária a processos, relações e estruturas que estão se formando globalmente. No Brasil, a EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, adapta seu perfil aos novos tempos, estabelecendo oito objetivos gerais: 1. *Incrementar a produção e eficiência*, no qual tem como missão destinar a ciência e tecnologia à *expansão e ao aumento da eficiência e da competitividade do sistema de produção agropecuário, agroindustrial e florestal*. 2. *Contribuir para resolver os problemas sociais e ambientais*. Esse objetivo visa o estabelecimento de estratégias que tenham como horizonte o desenvolvimento sustentável. 3. *Adequar a qualidade e as características de produtos às demandas dos consumidores intermediários e finais*. Esse objetivo acrescenta, ao aumento de produtividade, a *dimensão de qualidade dos produtos*, aspecto importante nos principais mercados do setor: *a alimentação e a agroindústria*. 4. *Gerar tecnologia para produtos e processos agroindustriais* ( fato que representa uma ampliação da sua área de atuação). ... *Ao adotar tal postura a instituição reconhece que as interrelações entre o setor agropecuário e a agroindústria são cada vez maiores*. ... *Isto implica desenvolver projetos de pesquisa e desenvolvimento nas fases subsequentes à produção, como no processamento, distribuição, consumo intermediário e final*. 5. *Adaptar tecnologias*

*desenvolvidas em outros países. 6. Promover e agilizar a transferência e marketing de informações científicas e tecnológicas. 7. Gerar tecnologias para produtos básicos de alimentação. 8. Promover um salto qualitativo da pesquisa.*<sup>281</sup> Aos propósitos da revolução verde - aumento da produtividade agrícola a partir da mecanização das lavouras e via pesquisa e desenvolvimento de insumos geradores de maior quantidade de produto por área cultivada, como sementes melhoradas, fertilizantes e pesticidas - aliam-se preocupações sociais e ambientais.

Embora não se possa tratar a revolução verde de uma maneira homogênea, pois ela produz práticas agrícolas diversas, que são utilizadas diferentemente nas várias geografias, é possível tratar de modo uniforme algumas de suas conseqüências. Seu objetivo explícito e mais geral não foi cumprido: o da possibilidade de conter a fome no mundo através do aumento do volume da produção do campo, pois o progresso técnico não tem poder para distribuir renda. O que se verificou, praticamente como regra geral, foi seu grande sucesso em termos de produção agropecuária, fato que gerou, no entanto, notadamente nos países mais industrializados, uma crise de superprodução, contida através de políticas agrícolas protecionistas, nacionais ou regionais, de preços, estoques, subvenções e diminuição da área plantada. Políticas agrícolas podem ser pensadas como uma relação entre a intervenção do Estado e o patamar de desenvolvimento técnico-científico alcançado pela agricultura. Objetivando uma mudança de rota no modelo agrícola implantado pela revolução verde, conhecido como produtivista, políticas agrícolas direcionam-se para a sustentação dos preços via controle da oferta de produtos. Estratégias nacionais tornam-se regionais, como as concebidas tendo como foco os países da Comunidade Européia. Tornam-se também internacionais, quando a Política Agrícola Comum tende a tornar-se semelhante à política agrícola praticada pelos Estados Unidos - voltada a assegurar a renda do agricultor, notadamente do pequeno, a partir de mecanismos baseados principalmente em subsídios indiretos à exportação e controle da área plantada. Esse tipo de política tem como referência um mercado relativamente fechado. Em um mundo que se globaliza, ela pode perder o sentido. As considerações feitas por José Eli da Veiga colocam pontos importantes para essa reflexão: *então, como considerar a substituição dos programas de sustentação de preços (commodity programs) independentemente da liberalização dos mercados agrícolas, ponto*

---

<sup>281</sup> Conforme versão preliminar do **II Plano Diretor EMBRAPA: 1993 - 1997**, Brasília, 1992, pp.18-20 (grifos meus).

*essencial das exigências americanas na Rodada do Uruguai? Isto se torna possível porque é cada vez maior o sentimento de que esses programas também reduzem o potencial exportador. A elevação de preços via redução de oferta leva à diminuição da competitividade internacional dos produtos afetados. Ao mesmo tempo, o controle da oferta exige a imposição de quotas para as importações (caso dos laticínios, açúcar, fumo e amendoim), o que se choca à atual posição pró-liberalização. A perda de mercados para os grãos americanos deriva, portanto, em grande parte, da histórica opção dos Estados Unidos pela sustentação de preços via controle de oferta. ... Diversas circunstâncias, ... fizeram com que ela continuasse ocupando o cerne da política agrícola até os dias de hoje. Em outras palavras, uma liberalização global negociada no GATT não deixa de ser um objetivo importante, mas ele não deve funcionar como condição sine qua non da reforma política agrícola doméstica.*<sup>282</sup> A globalização da economia impõe condicionantes novos às relações sociais. A formulação de políticas públicas por parte de governos e blocos regionais é comprometida nesse novo contexto. A política agrícola é um exemplo nesse sentido. Entretanto, esse mesmo cenário recompensa operações realizadas pelas corporações transnacionais a partir de suas práticas. Como afirmou Charles-Albert Michalet, em 1976, ... *sob o impulso das EMN, elas próprias arrastadas pela dinâmica do MPC, estar-se-ia erigindo uma economia mundial com tendência para confundir os espaços nacionais e regionais, atenuar as discrepâncias entre as diversas estruturas sócio-econômicas e generalizar o modo de funcionamento da capitalismo em escala planetária.*<sup>283</sup>

O caminho histórico da dominação da natureza pelo homem é longo, muito longo. Inicia-se com a prática da agricultura e com a aplicação de certas técnicas rudimentares na produção, conservação e processamento do produto agrícola. A revolução verde pode ser pensada como seu momento mais significativo. A natureza é quase totalmente dominada pelo homem a partir de técnicas que subvertem processos naturais, adaptando-se ao sistema de produção industrial. Essa dominação implica em altos custos sociais e ambientais. Contemporaneamente, está se falando de uma revolução duplamente verde. Essa nova revolução se realizaria potencialmente aproveitando-se o patamar técnico-científico já alcançado, porém procedimentos técnicos, produtivos e organizacionais seriam utilizados na

---

<sup>282</sup> José Eli da Veiga, **Metamorfoses da Política Agrícola dos Estados Unidos**, Tese apresentada para concurso de Livre-Docência no Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, julho de 1993, p.112.

<sup>283</sup> Charles-Albert Michalet, **O Capitalismo Mundial**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p.257.

preservação da natureza. Essa revolução integraria em seus quadros populações marginalizadas pelos efeitos perversos da revolução anterior. ... *Existe hoje um caminho para o progresso técnico na agricultura, mais intensivo em conhecimento que em capital que, justamente, poderá valorizar o potencial produtivo das regiões até aqui mantidas à margem do modelo difundido pela Revolução Verde.* Esse modelo novo levaria em conta o ... *aumento de produtividade com baixos custos e com aproveitamento de recursos locais ou regionais.*<sup>284</sup> A realização desse tipo de agricultura é uma das maneiras pelas quais se pode fixar o pequeno agricultor ao campo produtivamente. Ele pode ser produtor de "especialidades", quando produz produtos naturais, frescos ou regionais, direcionados a demandas específicas que, embora pequenas e segmentadas, encontram-se em fase ascendente no mundo contemporâneo. A agricultura que se volta à produção de "especialidades" pode reabilitar velhos produtos que, como reclama Jean Chesnaux, *hoje não passam de lembranças.*<sup>285</sup> Pode também vender serviços, como o de turismo, na forma de hotéis fazenda, onde se pode desfrutar uma vida saudável e experimentar receitas culinárias típicas, como também comprar produtos frescos e naturais. À agroindústria alimentar somam-se formas artesanais de produção do alimento. A demanda por produtos naturais pode levar o pequeno, médio ou grande agricultor a realizar uma agricultura orgânica. As forma de produção e de consumo do alimento no mundo são diversas e heterogêneas. As disponibilidades alimentares ampliam-se quando técnicas produtivas tradicionais somam-se às modernas. São múltiplos os caminhos da agricultura e pecuária nos tempos atuais, pois o mercado consumidor de seus produtos é diversificado e segmentado. *Mas é somente através de novas configurações das relações entre cidade e campo que o meio rural poderá representar mais que um reservatório onde ficam os que ainda não tiveram a oportunidade de realizar a aventura da vida urbana.*<sup>286</sup>

---

<sup>284</sup> Ricardo Abramovay e Ignacy Sachs, *Habitat: a contribuição do mundo rural*, in Revista São Paulo em Perspectiva, vol.9, nº3, São Paulo, SEADE, jul/set, 1995, p.15.

<sup>285</sup> Jean Chesnaux, *Modernidade-Mundo*, Petrópolis, Vozes, 1995, p.192.

<sup>286</sup> Ricardo Abramovay e Ignacy Sachs, texto anteriormente citado, p.11.

## Bibliografia

- Abramovay, Ricardo e Sachs, Ignacy. *Habitat: a contribuição do mundo rural*, in Revista São Paulo em Perspectiva, vol.9, nº3, São Paulo, SEADE, jul/set 1995.
- Abramovay, Ricardo. *Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão*, São Paulo, Hucitec/Anpocs/Unicamp, 1992.
- Abreu, M. P. e Loyo, E. H. M. *Globalização e Regionalização: tendências da economia mundial e seu impacto sobre os interesses agrícolas brasileiros*, IPEA, Relatórios de Pesquisa, 1994.
- Albuquerque, Rui H.P.L. *O Complexo Agroindustrial: uma primeira avaliação técnico-econômica*, Ensaios FEE, Porto Alegre, vol. 5,(1), 1984.
- Antunes, Ricardo. *Adeus ao Trabalho? ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*, São Paulo, Cortez/Unicamp, 1995.
- Augé, Marc. *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, Campinas, Papirus, 1994.
- Banas, Geraldo. *Globalização: a vez do Brasil?*, São Paulo, MAKRON Books, 1996.
- Barreiro, José Carlos. *Campesinato e Capitalismo*, Campinas, Unicamp, 1986.
- Belik, Walter. *Um Estudo sobre o Financiamento da Política Agroindustrial no Brasil (1965-87)*, in *Texto Para Discussão*, nº35, Campinas, Unicamp/IE, abril/1994.
- Belik, Walter. *Auto-Regulação e Políticas Públicas para o Setor Agroalimentar no Brasil*, in *Texto para Discussão*, nº47, Campinas, Unicamp/IE, agosto/95.
- Bertrand, Jean-Pierre; Laurent, Catherine e Leclercq, Vincent. *O Mundo da Soja*, São Paulo, Hucitec/Edusp, 1987.
- Bonny, S. *Le changement technique en cours et a venir en agriculture: un essai de bilan dans les différents secteurs*. INRA, Études Economiques, nº12, 1993.
- Braudel, Fernand. *A Dinâmica do Capitalismo*, Lisboa, teorema, s/d.
- Burbach, Roger e Flynn, Patricia. *Agro-Indústria nas Américas*, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- Cavalcanti, Josefa Saete Barbosa. *O Processo de Globalização e seus Impactos sobre a Agricultura: uma aproximação ao estudo das relações entre os sistemas de produção do vale do São Francisco (Nordeste do Brasil) e as regulamentações internacionais*, XVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1994.
- Chesnais, François. *La Mondialization du Capital*, Paris, Syros, 1994.
- Chesneaux, Jean. *Modernidade-Mundo*, Petrópolis, Vozes, 1995.
- Cochrane, Willard W. *The Development of American Agriculture - A Historical Analysis*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1979.

- Colman, David e Nixon, Frederick. **Desenvolvimento Econômico - uma perspectiva moderna**, Rio de Janeiro, Campus/Edusp, 1981.
- Coutinho, Luciano e Ferraz, João Carlos (coords.). **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira**, Campinas, Papirus/Unicamp, 1994.
- Delgado, Guilherme da Costa. **Capital Financeiro e Agricultura no Brasil**, São Paulo Ícone, 1985.
- Dosi, G.; Pavitt, K. e Soete, L. **The Economics of Technical Change and International Trade**, London, Harvester Wheatsheaf, 1990.
- Fanfani, Roberto; Green, Raul H. e Zuñiga, Manoel Rodrigues. **Biotechnologies et Technologies de l'Information, le problème de l'innovation dans l'agro-alimentaire**, INRA, 1992.
- Fanfani, Roberto; Green, Raul H. e Zuñiga, Manoel Rodrigues. *Um Impacto Limitado: Biotecnologias na Agroalimentação* in *Ensaio FEE*, Porto Alegre, ano 12 nº2, 1992.
- Farina, Elisabeth Q. M. e Zylbersztajn, Décio. *Relações Tecnológicas e Organização dos Mercados do Sistema Agroindustrial de Alimentos*, in *Cadernos de Ciência e Tecnologia*, Brasília, vol.8, nº1/3, 1991.
- Farina, Elizabeth. **Estudo de Caso - FRUNORTE: Frutas Brasileiras no Mercado Europeu**, PENZA - Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, São Paulo, FIA-FEA, USP, 1992.
- Ferraris, Pino. **Desafio Tecnológico e Inovação Social: sistema econômico, condições de vida e de trabalho**, Petrópolis, Vozes/IBASE, 1990.
- Fonseca, Rinaldo Barcia D. **A Reforma das Políticas Agrícolas dos Países Desenvolvidos: impactos sobre o comércio mundial**. IPEA, Documentos de Trabalho, 1994.
- Furtado, Celso. **Transformação e Crise na Economia Mundial**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- Giordano, Samuel Ribeiro. **Estudo de Caso - Perdigão: Tecnologia e Reformulação dos Negócios**, V Seminário Anual do PENZA - Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, São Paulo, FIA-FEA, USP, 1995.
- Goodman, David; Sorj, Bernardo e Wilkinson, John. **Da Lavoura às Biotecnologias**, Rio de Janeiro, Campus, 1990.
- Graziano da Silva, José. *A Industrialização e a Urbanização da Agricultura Brasileira*, in *Revista São Paulo em Perspectiva*, SEADE, vol.7 nº3, jul./set, 1993.
- Graziano da Silva, José. **A Modernização Dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- Graziano da Silva, José. *Complexos Agroindustriais e outros Complexos*, in *Revista Reforma Agrária*, vol.21, Campinas, ABRA, set/dez 1991.
- Griffin, Keith. **La Economía Política del Cambio Agrario**, México, FCE, 1982.
- Guimarães, Alberto Passos. **A Crise Agrária**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- Harvey, David. **A Condição Pós-Moderna**, São Paulo, Loyola, 1992.

Hayami, Y. e Ruttan, V. W. **Desenvolvimento Agrícola, Teorias e Experiências Internacionais**, Brasília, EMBRAPA, 1988.

Hirata, Helena (org.). **Sobre o "Modelo" Japonês**, São Paulo, Edusp, 1993.

Hobsbawm, Eric. **Era dos Extremos - O breve século XX - 1914-1991**, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

Ianni, Octavio. **A Sociedade Global**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1992.

Ianni, Octavio. **Origens Agrárias do Estado Brasileiro**, São Paulo, Brasiliense, 1984.

Ianni, Octavio. **Teorias da Globalização**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.

**II Plano Diretor EMBRAPA: 1993 - 1997**, (versão preliminar), Brasília, 1992.

Kageyama, A., Buainain, A. M., Reydon, B. P., Silva, J. G., Silveira, J.M., Fonseca, M. G. D., Ramos, P., Fonseca, R. B. e Belik, W. **O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais**, in Delgado, G.C., Gasques, J.G. e Villa Verde, C.M., **Agricultura e Políticas Públicas**, Brasília, IPEA, 1990.

Kautsky, Karl. **A Questão Agrária**, São Paulo, Nova Cultural, 1986.

Kennedy, Paul. **Preparando para o Século XXI**, Rio de Janeiro, Campus, 1993.

Labuza, Theodore P. **Shifting Food Research Paradigms for the 21st Century**, *Food Thecnology*, December, 1994.

Latouche, Serge. **A Ocidentalização do Mundo**, Petrópolis, Vozes, 1994.

Lima, Heitor Ferreira. **História Político-Econômica e Industrial do Brasil**, 2ª edição, São Paulo, Cia Editora Nacional, 1976.

Lipietz, Alan. **Audácia - uma Alternativa para o Século 21**, São Paulo, Nobel, 1991.

Malassis, Louis. **Economie Agro-Alimentaire**, Tome I, Paris, Cujas, 1973.

Malassis, Louis. **Economie Agro-Alimentaire**, Tome III, Paris, Cujas, 1986.

Mantoux, Paul. **A Revolução Industrial no Século XVIII**, São Paulo, Unesp/Hucitec, 1988.

Marcovitch, Jacques. **Competitividade e Tecnologia no Brasil**, Coleção Documentos, Série Política Científica e Tecnológica -11, USP, IEA, out/1992.

Marquette, Artur F. **Brands, Trademarks and Good Will - the story of The Quaker Oats Company**, USA, McGraw-Hill, 1967.

Martine, George. **A Trajetória da Modernização Agrícola: a quem beneficia?**, São Paulo, Lua Nova, Cedec/Marco Zero, nº 23, março/91.

Marx, Karl. **O Capital**, 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.

Matias, Alberto Borges e Martinelli, Dante Pinheiro. **Estudo de Caso - Usina Santa Elisa: os desafios para o ajuste econômico**, IV Seminário Anual do PENSA - Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, São Paulo, FIA-FEA, USP, 1994.

Megido, José Luiz Tejon. **Estudo de Caso - IOCHPE-MAXION: O Desafio da Liderança na Mecanização Brasileira na Virada do Século**, IV Seminário Anual do PENSA - Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, São Paulo, FIA-FEA, USP, 1994.

Michalet, Charles-Albert. **O Capitalismo Mundial**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

Mooney, Pat Roy. **Seeds of the Earth. A private or public resource?**, Ottawa, Inter Pares, 1980.

Morin, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**, vols.1 e 2, Rio de Janeiro, Forense, 1990.

Müller, Geraldo. **Complexo Agroindustrial e Modernização Agrária**, São Paulo, Hucitec, 1989.

Naisbitt, John. **O Paradoxo Global**, Rio de Janeiro, Campus, 1994.

Nisbet, Robert. **La Formación del Pensamiento Sociológico**, Buenos Aires, Amorrortu, 1990.

Novaes, Fernando A. **Estrutura e Dinâmica do Antigo Sistema Colonial ( séculos XVI - XVIII )**, São Paulo, Cebrap/Brasiliense, caderno 17, 1975.

Ortiz, Renato. **Mundialização e Cultura**, São Paulo, Brasiliense, 1994.

Possas, M. L., Salles Filho, S. L. M. e Mello, A. L. **O Processo de Regulamentação da Biotecnologia: as inovações na agricultura e na produção alimentar**, IPEA, Documentos de Trabalho, 1994.

Possas, Mario Luiz; Salles Filho, Sergio e Silveira, José Maria. *An Evolutionary Approach to Technological Innovation in Agriculture: some preliminary remarks*, in **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v.11, nº1/3, 1994.

Prado Júnior, Caio. **História Econômica do Brasil**, 37ª edição, São Paulo Brasiliense, 1976.

Ramos, Pedro e Reydon, Bastiaan F. (orgs.). **Agropecuária e Agroindústria no Brasil: ajuste, situação atual e perspectivas**, Campinas, ABRA, 1995.

Ramos, Pedro. *A Propriedade Fundiária e a Agroindústria Canavieira no Brasil*, in **Revista Reforma Agrária**, vol.21, Campinas, ABRA, set/dez. 1991.

Reader, W. J. **Fifty Years of Unilever - 1930-1988**, London, Heinemann, 1980.

Revel, Jacques. **A Invenção da Sociedade**, Lisboa, DIFEL, 1989.

Sader, Emir e Gentili, Pablo. **Pós-Neoliberalismo - As Políticas Sociais e o Estado Democrático**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

Salles Filho, Sergio L.M. **Integração de Mercados e Privatização da Pesquisa: impactos sobre a estrutura e dinâmica organizacional dos INIAS**, IICA, Relatório de Pesquisa, 1994.

Santos, Boaventura de Souza. **Pela Mão de Alice**, São Paulo, Cortez, 1995.

Santos, Milton. **A Urbanização Brasileira**, São Paulo, Hucitec, 1993.

- Santos, Suzana B. de Souza. **Estudo de Caso: AVITI - Associação dos Viticultores de São Miguel Arcanjo**, PENSA - Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, São Paulo, FIA-FEA, USP, 1991.
- Schultz, Theodore W. **A Transformação da Agricultura Tradicional**, Rio de Janeiro, Zahar, 1965.
- Seitenfus, Ricardo (org.). **A Agropecuária Brasileira e o Mercosul**, Coleção Documentos, Série A Integração Regional e o Mercosul - 3, USP, IEA, nov/1992.
- Silber, Simão Davi. **Evolução e Tendências do Comércio Internacional**, Coleção Documentos, Série Assuntos Internacionais - 35, USP, IEA, Junho/95.
- Sklair, Leslie. **Sociologia do Sistema Global**, Petrópolis, Vozes, 1995.
- Sloan, Elisabeth A. *Top Ten Trends to Watch and Work On - the more things change, the more they stay the same* in Food Technology, Institute of Food Technologists, 7/1994.
- Sorj, Bernardo e Wilkinson, John. *A Tecnologia Moderna de Alimentos: rumo a uma industrialização da natureza* in **Ensaio FEE**, Porto Alegre, ano 9 n°2, 1989.
- Stédile, João Pedro (org.). **A Questão Agrária Hoje**, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1994.
- Thomas, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- Veiga, José Eli da. **Metamorfoses da Política Agrícola dos Estados Unidos**, Tese apresentada para concurso de Livre-Docência no Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, Julho de 1993.
- Veiga, José Eli da. **O Desenvolvimento Agrícola - Uma Visão Histórica**, São Paulo, Edusp/Hucitec, 1991.
- Vitule, Maria Luiza L. **Parceria e Modernização - um estudo sobre os parceiros do figo em Valinhos**, Dissertação de Mestrado apresentada na PUC - SP., 1989.
- Vizentini, Paulo G.F.(org.). **A Grande Crise**, Petrópolis, Vozes, 1992.
- Wallerstein, Immanuel. **O Capitalismo Histórico**, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- Weber, Max. **Economia e Sociedade**, Brasília, UNB, 1991.
- Wedekin, Ivan e Neves, Marcos Fava. **Sistema de Distribuição de Alimentos: o impacto das novas tecnologias**, V Seminário Internacional de *Agribusiness* do PENSA - Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, São Paulo, FIA-FEA, USP, 1995.
- Wedekin, Ivan e Pinazza, Luiz Antonio. **Estudo de Caso - CEVAL: Diversificação e Busca de Valor Agregado**, PENSA - Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, São Paulo, FIA-FEA, USP, 1992.
- Wilkinson, John. *Competitividade da Agroindústria Brasileira*, in **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, 42(1):27-56, 1995.
- Wilkinson, John. **O Futuro do Sistema Alimentar**, São Paulo, Hucitec, 1989.